

# MACHADIANA ELETRÔNICA

v. 4, n. 7, jan.-jun. 2021



ISSN 2594-5084

# SUMÁRIO

## **DEDICATÓRIA**

À profa. Letícia Malard.....9

## **EDITORIAL**

Além de “O espelho” .....13  
*José Américo Miranda*

## **TEXTOS APURADOS**

O espelho.....17  
*Machado de Assis*

[Carta-prefácio à obra *Legislação servil*].....25  
*Machado de Assis*

[No álbum de Carlos Gomes].....27  
*Machado de Assis*

[Por ora sou pequenina].....29  
*Machado de Assis*

[A Antônio Martins Marinhas].....31  
*Machado de Assis*

[Carta do Gatinho preto].....33  
*Machado de Assis*

[Notas de leitura].....35  
*Machado de Assis*

## **TEXTOS COM APARATO EDITORIAL**

O espelho.....45  
*Machado de Assis*

[Carta-prefácio à obra *Legislação servil*] .....59  
*Machado de Assis*

[No álbum de Carlos Gomes].....61  
*Machado de Assis*

[Por ora sou pequenina].....	67
<i>Machado de Assis</i>	
[A Antônio Martins Marinhas].....	73
<i>Machado de Assis</i>	
[Carta do Gatinho preto].....	77
<i>Machado de Assis</i>	
[Notas de leitura].....	79
<i>Machado de Assis</i>	
<b>ARTIGOS</b>	
A escolarização de textos machadianos em livros didáticos: edição e análise de “O espelho”.....	107
<i>Gracinéa I. Oliveira</i>	
A pontuação no conto “O espelho”, de Machado de Assis.....	141
<i>José Américo Miranda</i>	
“O espelho”, de Machado de Assis: contribuição à história do texto (e, subsidiariamente, à história de <i>Papéis avulsos</i> ).....	169
<i>José Américo Miranda</i>	
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	
Contribuições à bibliografia de Machado de Assis.....	185
<i>José Américo Miranda</i>	
<b>ÍNDICES</b>	
Índices atualizados até o v. 4, n. 7.....	193
<i>José Américo Miranda</i>	
<b>ABREVIATURAS</b>	
Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis.....	209
<i>José Américo Miranda</i>	
<b>ERRATAS</b>	
Erratas.....	215
<i>José Américo Miranda</i>	

# DEDICATÓRIA

**À PROFA. LETÍCIA MALARD**

é dedicado este número da *Machadiana Eletrônica*.

# **EDITORIAL**

## ALÉM DE “O ESPELHO”

Este número da *Machadiana Eletrônica* traz, editado e anotado, o conto “O espelho”, publicado em *Papéis avulsos* (1882). É este o primeiro conto que aparece editado nesta revista: a iniciativa de sua edição partiu de Gracinéa I. Oliveira, colaboradora e editora deste periódico, professora voluntária do Programa Português como Língua Estrangeira (PLE), do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG), e pesquisadora nas áreas de Língua Portuguesa, Literatura e Ensino – “O espelho” foi um dos poucos contos encontrados por ela em coleções de livros didáticos contemporâneos (o outro foi “O enfermeiro”). Mais informações sobre o assunto podem ser encontradas em “A escolarização de textos machadianos em livros didáticos: a edição de ‘O espelho’”, na seção Artigos. Dois outros textos, nesta seção, tratam de “O espelho” – um deles estuda a pontuação do conto e algumas das alterações que ela sofreu ao longo de sua história editorial; o outro avalia o tratamento dado ao texto enquanto os direitos de publicação de *Papéis avulsos* estiveram sob o monopólio da editora W. M. Jackson.

Grande parte das restantes matérias deste número resultam de pesquisas realizadas pela profa. Letícia Malard, que é também nossa colaboradora e faz parte de nosso Conselho Editorial. Compõem esse conjunto de matérias os seguintes textos e itens: 1. “Carta-prefácio”, redigida por Machado de Assis para o livro *Legislação servil* (1888), de Manuel Ernesto de Campos Porto; 2. “No álbum de Carlos Gomes”, dístico escrito no “Álbum” que pertenceu a esse compositor e hoje se encontra no Museu Imperial, de Petrópolis (esses dois primeiros textos nas seções “Textos apurados” e “Textos com aparato editorial”); e 3. “Contribuições à bibliografia de Machado de Assis” – com o registro de uma publicação do ensaio “O ideal do crítico” (em 1865) e outra do poema “Maria Duplessis” (1867), traduzido do original de Alexandre Dumas

Filho – referências não registradas na bibliografia do autor, ambos os textos foram localizados em jornais cearenses pela profa. Letícia Malard.

Outros textos de Machado de Assis, que aparecem editados neste número da *Machadiana*, são os seguintes: 1. “Por ora sou pequenina”, cinco quadras compostas para serem recitadas por uma menina de seis anos no casamento de uma sua tia (da menina); 2. “A Antônio Martins Marinhas”, uma quadra, em que o poeta encaminha a Marinhas as cinco quadras, que este lhe encomendara, referidas no item precedente; 3. “Carta do Gatinho preto”, redigida por Machado de Assis, como se fosse o gato o autor da carta, para agradecer a Alba Araújo, moça de sua vizinhança, que lhe dera o gatinho (essa carta apareceu no horizonte deste número da *Machadiana* por analogia com o ponto de vista de uma menina de seis anos de idade, adotado pelo poeta em “Por ora sou pequenina”; na carta a Alba Araújo, o poeta adota o ponto de vista do gatinho que ganhara da moça); e 4. “Notas de leitura”, editadas por Gilson Santos e José Américo Miranda, editores deste periódico. As “Notas de leitura”, de Machado de Assis, foram transcritas por Mário de Alencar e publicadas na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, v. I, jul. 1910, e no v. II, jan. 1911. Neste número da *Machadiana* publicamos apenas a primeira parte dessas “Notas”; a segunda parte aparecerá (esperamos) em número futuro.

José Américo Miranda  
Editor  
Belo Horizonte, 17 de abril de 2021.

# **TEXTOS APURADOS**

## **O ESPELHO**

### **ESBOÇO DE UMA NOVA TEORIA DA ALMA HUMANA**

Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de cousas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.

Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão era a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. Como desse esta mesma resposta naquela noite, constestou-lha um dos presentes, e desafiou-o a demonstrar o que dizia, se era capaz. Jacobina (assim se chamava ele) refletiu um instante, e respondeu:

– Pensando bem, talvez o senhor tenha razão.

Vai senão quando, no meio da noite, sucedeu que este casmurro usou da palavra, e não dous ou três minutos, mas trinta ou quarenta. A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos. Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão, tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade de questões que se deduziram do tronco principal, e um

pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. Um dos argumentadores pediu ao Jacobina alguma opinião, – uma conjectura, ao menos.

– Nem conjectura, nem opinião, redarguiu ele; uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...

– Duas?

– Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade; podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; – e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Shylock, por exemplo. A alma exterior daquele judeu eram os seus ducados; perdê-los equivalia a morrer. “Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal; *é um punhal que me enterras no coração*”. Vejam bem esta frase; a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele. Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...

– Não?

– Não, senhor; muda de natureza e de estado. Não aludo a certas almas absorventes, como a pátria, com a qual disse o Camões que morria, e o poder, que foi a alma exterior de César e de Cromwell. São almas enérgicas e exclusivas; mas há outras, embora enérgicas, de natureza mudável. Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos. Pela minha parte, conheço uma senhora, – na verdade, gentilíssima, – que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano. Durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação, a alma exterior substitui-se por outra: um concerto, um baile do Cassino, a rua do Ouvidor, Petrópolis...

– Perdão; essa senhora quem é?

– Essa senhora é parenta do diabo, e tem o mesmo nome: chama-se Legião... E assim outros muitos casos. Eu mesmo tenho experimentado dessas trocas. Não as relato,

porque iria longe; restrinjo-me ao episódio de que lhes falei. Um episódio dos meus vinte e cinco anos...

Os quatro companheiros, ansiosos de ouvir o caso prometido, esqueceram a controvérsia. Santa curiosidade! tu não és só a ama da civilização, és também o pomo da concórdia, fruta divina, de outro sabor que não aquele pomo da mitologia. A sala, até há pouco ruidosa de física e metafísica, é agora um mar morto; todos os olhos estão no Jacobina, que concerta a ponta do charuto, recolhendo as memórias. Eis aqui como ele começou a narração:

– Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da guarda nacional. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! tão contente! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e pura. Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura; e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que estes perderam. Suponho também que uma parte do desgosto foi inteiramente gratuita: nasceu da simples distinção. Lembra-me de alguns rapazes, que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo. Em compensação, tive muitas pessoas que ficaram satisfeitas com a nomeação; e a prova é que todo o fardamento me foi dado por amigos... Vai então uma das minhas tias, D. Marcolina, viúva do capitão Peçanha, que morava a muitas léguas da vila, num sítio escuso e solitário, desejou ver-me, e pediu que fosse ter com ela e levasse a farda. Fui, acompanhado de um pajem, que daí a dias tornou à vila, porque a tia Marcolina, apenas me pilhou no sítio, escreveu a minha mãe dizendo que não me soltava antes de um mês, pelo menos. E abraçava-me! Chamava-me também o seu alferes. Achava-me um rapagão bonito. Como era um tanto patusca, chegou a confessar que tinha inveja da moça que houvesse de ser minha mulher. Jurava que em toda a província não havia outro que me pusesse o pé adiante. E sempre alferes; era alferes para cá alferes para lá, alferes a toda a hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o “senhor alferes”. Um cunhado dela, irmão do finado Peçanha, que ali morava, não me chamava de outra maneira. Era o “senhor alferes”, não por gracejo, mas a sério, e à vista dos escravos, que naturalmente foram pelo mesmo caminho. Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido. Não imaginam. Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples... Era um espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdara da mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em

1808 com a corte de D. João VI. Não sei o que havia nisso de verdade; era a tradição. O espelho estava naturalmente muito velho; mas via-se-lhe ainda o ouro, comido em parte pelo tempo, uns delfins esculpidos nos ângulos superiores da moldura, uns enfeites de madreperla e outros caprichos do artista. Tudo velho, mas bom...

– Espelho grande?

– Grande. E foi, como digo, uma enorme fineza, porque o espelho estava na sala; era a melhor peça da casa. Mas não houve forças que a demovessem do propósito; respondia que não fazia falta, que era só por algumas semanas, e finalmente que o “senhor alferes” merecia muito mais. O certo é que todas essas cousas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou. Imaginam, creio eu?

– Não.

– O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. Custa-lhes acreditar, não?

– Custa-me até entender, respondeu um dos ouvintes.

– Vai entender. Os factos explicarão melhor os sentimentos; os factos são tudo. A melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada; e, se bem me lembro, um filósofo antigo demonstrou o movimento andando. Vamos aos factos. Vamos ver como, ao tempo em que a consciência do homem se obliterava, a do alferes tornava-se viva e intensa. As dores humanas, as alegrias humanas se eram só isso, mal obtinham de mim uma compaixão apática ou um sorriso de favor. No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes. Ora, um dia recebeu a tia Marcolina uma notícia grave; uma de suas filhas, casada com um lavrador residente dali a cinco léguas, estava mal e à morte. Adeus, sobrinho! adeus, alferes! Era mãe extremosa, armou logo uma viagem, pediu ao cunhado que fosse com ela, e a mim que tomasse conta do sítio. Creio que, se não fosse a aflição, disporia o contrário; deixaria o cunhado, e iria comigo. Mas o certo é que fiquei só, com os poucos escravos da casa. Confesso-lhes que desde logo senti uma grande opressão, alguma cousa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere, subitamente levantadas em torno de mim. Era a alma exterior que se reduzia; estava agora limitada a alguns espíritos boçais. O alferes

continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil. Os escravos punham uma nota de humildade nas suas cortesias, que de certa maneira compensava a afeição dos parentes e a intimidade doméstica interrompida. Notei mesmo, naquela noite, que eles redobravam de respeito, de alegria, de protestos. Nhô alferes de minuto a minuto. Nhô alferes é muito bonito; nhô alferes há de ser coronel; nhô alferes há de casar com moça bonita, filha de general; um concerto de louvores e profecias, que me deixou extático. Ah! pérfidos! mal podia eu suspeitar a intenção secreta dos malvados.

– Matá-lo?

– Antes assim fosse.

– Cousa pior?

– Ouçam-me. Na manhã seguinte achei-me só. Os velhacos, seduzidos por outros, ou de movimento próprio, tinham resolvido fugir durante a noite; e assim fizeram. Achei-me só, sem mais ninguém, entre quatro paredes, diante do terreiro deserto e da roça abandonada. Nenhum fôlego humano. Corri a casa toda, a senzala, tudo, nada, ninguém, um molequinho que fosse. Galos e galinhas tão somente, um par de mulas, que filosofavam a vida, sacudindo as moscas, e três bois. Os mesmos cães foram levados pelos escravos. Nenhum ente humano. Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido? era pior. Não por medo; juro-lhes que não tinha medo; era um pouco atrevidinho, tanto que não senti nada, durante as primeiras horas. Fiquei triste por causa do dano causado à tia Marcolina; fiquei também um pouco perplexo, não sabendo se devia ir ter com ela, para lhe dar a triste notícia, ou ficar tomando conta da casa. Adoptei o segundo alvitre, para não desamparar a casa, e porque, se a minha prima enferma estava mal, eu ia somente aumentar a dor da mãe, sem remédio nenhum; finalmente, esperei que o irmão do tio Peçanha voltasse naquele dia ou no outro, visto que tinham saído havia já trinta e seis horas. Mas a manhã passou sem vestígio dele; e à tarde comecei a sentir uma sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse consciência da ação muscular. O irmão do tio Peçanha não voltou nesse dia, nem no outro, nem em toda aquela semana. Minha solidão tomou proporções enormes. Nunca os dias foram mais compridos, nunca o sol abrasou a terra com uma obstinação mais cansativa. As horas batiam de século a século, no velho relógio da sala, cuja pêndula, *tic-tac, tic-tac*, feria-me a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade. Quando, muitos anos depois, li uma poesia americana, creio que de Longfellow, e topei com este famoso estribilho: *Never, for ever! – For ever, never!* confesso-lhes que tive um calafrio: recordei-me daqueles dias medonhos. Era

justamente assim que fazia o relógio da tia Marcolina: – *Never, for ever! – For ever, never!* Não eram golpes de pêndula, era um diálogo do abismo, um cochicho do nada. E então de noite! Não que a noite fosse mais silenciosa. O silêncio era o mesmo que de dia. Mas a noite era a sombra, era a solidão ainda mais estreita ou mais larga. *Tic-tac, tic-tac*. Ninguém nas salas, na varanda, nos corredores, no terreiro, ninguém em parte nenhuma... Riem-se?

– Sim, parece que tinha um pouco de medo.

– Oh! fora bom se eu pudesse ter medo! Viveria. Mas o característico daquela situação é que eu nem sequer podia ter medo, isto é, o medo vulgarmente entendido. Tinha uma sensação inexplicável. Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico. Dormindo, era outra cousa. O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra. Acho que posso explicar assim esse fenômeno: – o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me, orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver. Mas quando acordava, dia claro, esvaía-se com o sono, a consciência do meu ser novo e único, – porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar... Não tornava. Eu saía fora, a um lado e outro, a ver se descobria algum sinal de regresso. *Sœur Anne, sœur Anne, ne vois-tu rien venir?* Nada, cousa nenhuma; tal qual como na lenda francesa. Nada mais do que a poeira da estrada e o capinzal dos morros. Voltava para casa, nervoso, desesperado, estirava-me no canapé da sala. *Tic-tac, tic-tac*. Levantava-me, passeava, tamborilava nos vidros das janelas, assobiava. Em certa ocasião lembrei-me de escrever alguma cousa, um artigo político, um romance, uma ode; não escolhi nada definitivamente; sentei-me e tracei no papel algumas palavras e frases soltas, para intercalar no estilo. Mas o estilo, como a tia Marcolina, deixava-se estar. *Sœur Anne, sœur Anne...* Cousa nenhuma. Quando muito via negrejar a tinta e alvejar o papel.

– Mas não comia?

– Comia mal, frutas, farinha, conservas, algumas raízes tostadas ao fogo, mas suportaria tudo alegremente, se não fora a terrível situação moral em que me achava. Recitava versos, discursos, trechos latinos, liras de Gonzaga, oitavas de Camões, décimas, uma antologia em trinta volumes. Às vezes fazia ginástica; outras dava beliscões nas pernas; mas o efeito era só uma sensação física de dor ou de cansaço, e

mais nada. Tudo silêncio, um silêncio vasto, enorme, infinito, apenas sublinhado pelo eterno *tic-tac* da pêndula. *Tic-tac, tic-tac...*

– Na verdade, era de enlouquecer.

– Vão ouvir coisa pior. Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito dias, deu-me na veneta olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação. Então tive medo; atribuí o fenômeno à excitação nervosa em que andava; receei ficar mais tempo, e enlouquecer. – Vou-me embora, disse comigo. E levantei o braço com gesto de mau humor, e ao mesmo tempo de decisão, olhando para o vidro; o gesto lá estava, mas disperso, esgaçado, mutilado... Entrei a vestir-me, murmurando comigo, tossindo sem tosse, sacudindo a roupa com estrépito, afligindo-me a frio com os botões, para dizer alguma coisa. De quando em quando, olhava furtivamente para o espelho; a imagem era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos... Continuei a vestir-me. Subitamente por uma inspiração inexplicável, por um impulso sem cálculo, lembrou-me... Se forem capazes de adivinhar qual foi a minha ideia...

– Diga.

– Estava a olhar para o vidro, com uma persistência de desesperado, contemplando as próprias feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes, quando tive o pensamento... Não, não são capazes de adivinhar.

– Mas, diga, diga.

– Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a pouco emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali

um sofá. Tudo volta ao que era antes do sono. Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria, e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regímen pude atravessar mais seis dias de solidão, sem os sentir...

Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas.

FIM DO ESPELHO.

MACHADO DE ASSIS

[*Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882. p. 241-257.]

Editores: Gracinéa I. Oliveira e José Américo Miranda

## CARTA-PREFÁCIO

### À OBRA *LEGISLAÇÃO SERVIL*, DE MANUEL ERNESTO DE CAMPOS PORTO

Ao II<sup>mo</sup> Sr. Manuel Ernesto de Campos Porto. Rio, 3 de Março de 1888.

Este seu livro da *Legislação Servil*, sendo um manual necessário a quantos tiverem de tratar questões de liberdade ou de propriedade escrava, é mais que tudo uma história de todos os atos e esforços praticados legislativamente entre nós, acerca dessa grave matéria, desde a independência e fundação do império.

Compilações anteriores, aliás copiosas e importantes, como as dos Srs. conselheiro Mafra e Dr. L. F. da Veiga, não vão tão longe. Creio que a sua será apreciada e julgada com o duplo caráter de livro consultivo, e repositório histórico. Efetivamente, não se poderá escrever deste assunto, em sua parte legislativa, sem ter presente o seu livro, onde mui pouca cousa terá escapado, – se alguma escapou, – o que não me ocorre nem creio.

É a vantagem capital desta casta de livros; nos edifícios que se levantarem amanhã poderá a mão do artífice rendilhar coruchéus e frontarias, mas a cal e a pedra aqui estão.

Ninguém deixará de admirar a sua compreensão e a importância do assunto, a tenacidade, a lucidez e paciência com que coligiu o esparso por tantos volumes. Eu desde já aperto-lhe as mãos. – *Machado de Assis*.

*Machado de Assis*  
[*Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 12 mar. 1888]  
Editor: José Américo Miranda

**NO ÁLBUM DE CARLOS GOMES**

Para os filhos do céu gêmeas nasceram  
A inspiração e a glória.

Machado de Assis

Machado de Assis  
[“Álbum” de Carlos Gomes, Museu Imperial, de Petrópolis]  
Editor: José Américo Miranda

## **POR ORA SOU PEQUENINA**

Por ora sou pequenina  
Mas, quando eu também crescer  
Há de vir uma menina  
Dizer o que vou dizer.

Vou dizer, noivos amados,  
Que é doce e consolador  
Ver assim dois namorados  
Coroando o seu amor.

Casar é lei preciosa;  
Casai, amigos, casai.  
Beija-flor casa com rosa  
Mamãe casou com papai.

Por isso, a viva alegria  
Que nos enche a todos nós  
É ser este grande dia  
Muito maior para vós.

Eis aí fica o meu recado  
Adeus. Se for para bem  
Que eu veja o casal casado  
Crescendo, caso também.

MACHADO DE ASSIS

[In: LIMA, Alceu Amoroso. Migalhas inéditas. *Autores e Livros*, Rio de Janeiro, 28 set. 1941, p. 113]

Editor: José Américo Miranda

## A ANTÔNIO MARTINS MARINHAS

Marinhas,

Aí vão cinco quadrinhas  
Para que a flor das sobrinhas  
Recite. Adeus. Sê feliz.  
O teu,  
Machado de Assis.

MACHADO DE ASSIS

[In: LIMA, Alceu Amoroso. Migalhas inéditas. *Autores e Livros*, Rio de Janeiro, 28 set. 1941, p. 113]

Editor: José Américo Miranda

## CARTA DO GATINHO PRETO

Quinta-feira.

D. Alba,

Só agora posso pegar na pena e escrever-lhe para agradecer o obséquo que me fez dando-me de presente ao velho amigo Machado. No primeiro dia não pude conhecer bem este cavalheiro; ele buscava-me com palavrinhas doces e estalinhos, mas eu fugia-lhe com medo e metia-me pelos cantos ou embaixo dos aparadores. No segundo dia já me aproximava, mas ainda cauteloso. Agora corro para ele sem receio, trepo-lhe aos joelhos e às costas, ele coça-me, diz-me graças, e, se não mia como eu, é porque lhe custa, mas espero que chegue até lá. Só não consente que eu trepe à mesa, quando ele almoça ou janta, mas conserva-me nos joelhos e eu puxo-lhe os cordões do pijama.

A minha vida é alegre. Bebo leite, caldo de feijão e de sopa, como arroz, e já provei alguns pedaços de carne. A carne é boa; não creio, porém, que valha a de camundongo, mas camundongo é que não há aqui, por mais que os procure. Creio que desconfiaram que há mouro na costa, e fugiram.

Quando virá ver-me? Eu não me canso de ouvir ao Machado que a senhora é muito bonita, muito meiga, muito graciosa, o encanto de seus pais.

E seus pais, como vão? Já terão descido de Petrópolis? Dê-lhes lembranças minhas, e não esqueça este jovem

Gatinho Preto.

MACHADO DE ASSIS  
[*Revista da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 34-35, 29 set. 1959]  
Editor: José Américo Miranda

## NOTAS DE LEITURA

Machado de Assis foi aluno assíduo dos escritores da língua portuguesa, mas ao tempo em que primeiro os estudou, faltando-lhe meios para comprá-los, lia-os de empréstimo, como assinante do Gabinete Português de Leitura. Anotava então em pequenas folhas avulsas o que ia achando interessante, em matéria de estilo e de língua, sob o ponto de vista da dição ou gramática. Ouvi-lhe uma vez que eram muitas essas notas, mas que em grande parte as tinha já rasgado ou perdido, e igual destino haviam de ter as restantes. Salvaram-se felizmente algumas, que hoje pertencem à Academia Brasileira, doadas com outros manuscritos do escritor, pela herdeira dele. São as que começam a ser aqui publicadas, nesta parte da Revista, onde têm cabimento, pela sua natureza. De melhor maneira não se poderia inaugurar a seção de lexicografia; e do exemplo do mestre e do seu cuidado e diligência no estudo da língua portuguesa, confio que virá incentivo para os seus confrades e discípulos, a segui-lo nesse labor paciente, e a contribuírem com as suas proveitosas pesquisas para os trabalhos preparatórios do futuro dicionário que à Academia Brasileira incumbe fazer, e ela há de fazer.

MÁRIO DE ALENCAR

-----

P<sup>o</sup>. M. BERNARDES.

– Bem arbitrado estava, porque desde que Eva se pôs a conversar com a serpente parece que se pegou um não sei quê de serpente a todo este sexo. – *Últ. fins*, 97.

– *Emprestadas* – ... de frases esquisitas e palavras emprestadas da língua latina. – *Id.*

– *Muchacho* – Vejo, disse o muchacho – *Id.*, 154.

– A nau para fazer viagem há de ter lastro e há de ter velas. Tudo lastro, ir-se-á ao fundo; tudo velas, correrá tormenta. Também a alma faz sua viagem neste mundo, porque também o mundo é mar... *Id.*, 114.

– ... recolhiam das flores quantidade do orvalho da madrugada, e com este suor da aurora. – *Id.*, 66.

– Levantou-se em todo o auditório um confuso murmurinho, como as folhas de um arvoredo se inquieta com o vento – *Id.*, 368. (*Imagem semelhante se encontra em Homero e Camões – N. de M. de A.*)

– Que atado tinha o entendimento aquela religiosa, aqui nesta cidade de Lisboa, quando toda uma manhã inteira esteve por obediência... *Id.*, 166.

– ... e diziam: Praça, praça, que vem uma pessoa principal, façam lugar, que vem... *Pão part. em peq.*, 393, fim.

– Este mundo não é pátria nossa, é desterro; não é morada, é estalagem; não é porto, é mar, por onde navegamos. Vivemos de empréstimo. – *Id.*, 93.

– *A caso* – Oh! não cuidem os filhos de Adão, que desde que ele pecou tão de propósito, morre alguém a caso. Não são acasos as mortes inesperadas. – *Serm.*, 2<sup>o</sup>, 95.

– *Guardar silêncio* – Fiz sinal às nossas virgens para que guardassem silêncio, etc. *Estím. prá.*, 203.

– O cantarem na missa entre a palavra evangélica e sacrossanta mistérios, modilhas e sarabandas próprias de comédia – *Est. prá.*, 143.

– Tão pouco os que amam as honras e aplausos, as riquezas e prosperidades, porque tudo isso são bênçãos da fortuna – *Serm.*, 2<sup>o</sup>, 248.

– ... deve a caridade estar sempre ao leme; devem encher o pano os alentos da esperança – *Serm.*, 2<sup>o</sup>, 107.

– Por este exemplar é bem que os confessores, os missionários, os pregadores, e os mestres de espírito reconheçam a sua obrigação e estimem o seu ofício – *Serm.*, 2<sup>o</sup>, 56.

– ... no meio de uma quietação e silêncio mui alto – *L. e C.*, I, 123.

– ... pregadores sem conto, mas conversões mui contadas: muito luzir nas cadeiras e nas cortes, pouco alumiar nas missões e confessionários: tudo é aguçar e limar as facas e espadas dos entendimentos, e não aparecem operários na seara, nem soldados na campanha – *Luz e Calor*, I, 80.

– porque as rodas da imperial e invisível carroça de vossa providência, pisam etc. – *Id.*, II, 562.

– Quando ouço os outros, quero ir adiante e adivinhando; quando os outros me ouvem quero-os atentos e pendurados. A história nova, o conceito bem achado, a erudição noticiosa, ferverem-me no peito por se comunicar; e se entristece a natureza, se a achou já sabida de outros – *Luz e Calor*, II, 541.

– Que nos lembra essa grande criatura do oceano, senão o mundo, inchado pela soberba, lívido pela inveja, férvido pela ira, vário pela inconstância, e tragador pelos desastres da perdição eterna? – *Id.*, II, 555.

– A rosa desatando do nó verde sua rubicunda pompa, amanhece dizendo-me: Oh! como, etc. – *Id.*, II, 553.

– ... a mais primorosa pintura, primeiro foi poucas linhas de um informe debuxo, e as flores, que na árvore não pareciam mais que uns suspiros, ou desejos de se comunicar vieram a produzir frutas abundantes e consumadas. – *Id.*, II, 53.

– Andar com o peito desabrochado. – *Id.*, II, 250.

– Quem sabe o A do amor e Z do zelo, sabido tem o abecedário de todas as nações. – *Estím. prát.*, 10, *in fine*.

– Os trajes pouco honestos que estão peitando os olhos para que atendam, e fazendo à alma vendável o seu pecado, eis aí um espinho que lastima a flor da castidade. Os livros obscenos e vãos, que não sei como no princípio trazem licença para se imprimir, e mais se imprimem na alma para escurecer, do que na oficina para sair à luz, eis aí outro espinho e outro escândalo. – *Prátic. do Arcanjo S. Miguel*, (431).

– Então admirados os réprobos da salvação dos justos, tendo já sobre os olhos a sentença da sua condenação, entendendo a consideração pela eternidade da sua miséria, gemendo com grande angústia do seu espírito, romperão naquele pranto lastimoso, que santos mil antes lhes estavam no livro da sabedoria prognosticando. – *Serm. e pr.*, 186 – Juízo universal.

– Vocabulário novo e contudo já muito usado. Ele é furto, chamam-lhe arrear; ele é vingança, chamam-lhe acudir pela honra; ele é.... chamam-lhe conversar discreto. – *Id.*, 2º, 377.

– Rasgam-se as cataratas do céu, abrem-se as fontes do abismo, e soçobram as enchentes os mais altos montes, tudo perece. Pombinha solitária, que saístes a descobrir

terra, que é o que vedes? Mudou de rosto a natureza; tudo está submergido debaixo de um mar sem praias... Vira que o sol também morre, que as estrelas também caem, que as gentes perecem, como as idades e as idades como as flores. Vira como a sucessão das gerações não é mais que um desejo baldado de imortalidade, e um despojo certo da morte. – *Id.*, 2º, 87.

– Chamara-o para governar homens, que é a arte das artes. – *Id.*, 2º, 427.

– ... aqui estão à mesa rindo e fartando-se, acolá estão no leito *gemendo o que riram*, e sangrando-se do que comeram. – *S. e p.*, 202.

– Os quais (condenados) entretanto se amaldiçoarão a si, e a Cristo, e a sua mãe santíssima, e a seus santos; e logo cingindo-os à roda o fogo que acabou de purificar o mundo, e ajuntando-se no mesmo lugar das ruínas, as cinzas, imundícies, homens, e demônios com o Anticristo, e Lúcifer, alargará o inferno a sua garganta, e tragará tudo de um sorvo. E logo a terra se tornará a fechar com um grandíssimo estampido, para se não abrir jamais enquanto Deus for Deus. – *Id.*, 871, J. universal.

– De todos quantos homens houve, e há de haver no mundo, um só foi impecável que é Cristo, e todos os mais são pecadores, que somos nós. – *Prát. do Dom.*, 3º dep. do Pentecostes, 53.

BERNARDIM RIBEIRO.

– *Deus me é testemunha* – ... me recolhia para minha casa (onde Deus me é testemunha de como as noites dormia). *Men. e moça*, 1ª, p. 11.

AMADOR ARRAIS.

– Entre luz e fusco – *Diál.*, III, p. 164.

– *Bom barato* – Não podem sofrer mais tratamentos, nem soberbos impérios, e fazem bom barato da vida. – *Id.*, IV – XII – 264.

– ... Nenhuma (cousa) há tão bem guisada e apetitosa, que a reflexão a não faça desabrida e fastiosa. – *Id.*, p. 51.

– Este tal mantimento faz os homens enxutos, rijos, de gentil aspeto – *Id.*, p. 51.

– Charlataria. *Id.*, p. 52.

– Que são golpeados, cramos, recramos, abanos, marquesotas e luvas perfumadas, senão, etc. – *Id.*, X – p. 739.

– Pregar reposteiros com armas não suas, vemos cada hora sem alguma vergonha, e tomar cognome de nobres os que foram seus criados. – *Id., id.*, cap. XVII, p. 651.

– ... termas, hipocáusios, untórios, batistérios, celas frigidárias, tepidárias, caldárias e outros banhos. – *Id.*, Diál. II, c. X, p. 43.

– homem, que é um mundo abreviado – *Id.* Diál. III, p. 214.

– Terra de Filistins – *Id.*, VII, p. 416.

#### D. FRANCISCO MANUEL.

– É defeito que compreende não só as grandes senhoras... – *Carta de guia de casados*, 30.

– feita ao descuido – *Id.*, Pról.

– O Velho –, espelho de graça e cortesia. – *Id.*, 75.

#### JOÃO DE BARROS.

– *A grande pressa* – E tanto que rompeu a manhã, que o vento deu lugar, a grande pressa se recolheu. – *Déc. III*, VII, IX.

– *Enverdecer* – E a causa é porque enverdece com a água salgada – *Id. III*, III, VII.

– ... porque os amigos que se viam de tarde em tarde, com mais amor se trataram, que quando se vizinham; e isto cansava o coração do homem, por ser como as ondas do mar, que batiam naquele recife de pedras que ali estava, o qual mar pela vizinhança que tinha com ele, e lhe impedir estender-se pela terra à sua vontade, quebrava tão fortemente no vizinho que de bravo e soberbo levantava suas ondas té o céu, e com esta fúria fazia dois danos, um a si mesmo assanhando-se, o outro ao vizinho em o ferir. – *I* – 3 – 2.

– ... indignando tanto esta maneira de falar a alguns fidalgos, que ajustando este aborrecimento de sua soltura com a mágoa que viam ter a El-Rei de perder aquela empresa (a descoberta da América), ofereceram-se deles que o queriam matar e com isto se evitaria ir este homem a Castela (Colombo). – *I* – 3 – 11.

– ... o incitaram com uma virtuosa inveja. – *I* – 7<sup>o</sup> – 2<sup>o</sup>.

– ... a Fortuna (porque ela poucas vezes leva alguém ao sumo estado, senão por meio de algum crime cometido). – 2 – 5 – 2.

– ... homens (jaus) mui atrevidos em cometer e animosos em esperar – 2 – 9 – 2.

– ... assim o achou cauteloso, que disse por ele aquele dito português, que se diz pelos homens maliciosos: “Eu te entendo, que me entendes, que te entendo que me enganas.” – 2 – 8 – 5.

– ... parecendo-lhe que como esta ilha está mais no meio do mar *quase enfiada* com as portas do estreito. – 2 – 8 – 2.

– ... vão se metendo nele... uma plebe de riachos de pouca água... – 2 – 5 – 1.

– A qual (cidade) posto que era mui larga e chã por ser de areia e abafada de palmares e valos. – 2 – 4 – 1.

– E lá dentro esses dois esteiros se comunicam ambos e fazem jornadas pela terra. – 2 – 5 – 1.

– ... mandou el-rei pedir ao visor-rei, que quando partisse das naus não viesse de frecha a este lugar, mas diretamente às suas casas. – 1 – 9 – 4. (Ver Diogo do Couto, 10-3-16).

– ... assim não há cousa mais prejudicial ao vassalo, que o mau costume ou defeito do senhor; porque este tanto mais asinha se aprende que o bem, quanto os homens são mais inclinados ao mal, e finalmente sempre se viu assim como as ondas do mar seguem o vento assim o povo seguir as manhas do príncipe. – D. João III-9.

– Não há guerra tão próspera, nem tão vitoriosa, em que se viva com tanto descanso como no tempo de paz. – *Id.*, 911 –34.

– ... Começou a Índia a fazer o seu ofício, (como já dissemos) que recebe aos que a vão governar com alegre rosto, e quando os despede de si é com toda las injúrias que lhes pode fazer. – *Déc. III – VI, IX.*

–... aqueles dois homens, que para este efeito eram grandes amigos, e para tudo mais comiam-se um ao outro. – *Id. III – VII, IV.*

– principalmente naquela (fortaleza) de Chaul ainda por acabar, tão requestada dos mouros... – *Id. III, VII, Cap. I.*

– ... solto na língua e atado nas mãos. – *Id. III, X, X.*

– ou demos por desculpa ao autor da obra... que estavam os números errados por culpa do impressor, que é mui bom valhacouto aos que compõem alguma cousa. – *Id. III, V, X.*

– ... não convém olhar sempre as cousas presentes, mas a revolução que elas têm do pretérito para o futuro, porque o seu curso natural é um bem responder a outro, e um mal a outro mal... E como a história é um espartador do entendimento, etc. – *Id. III, pról.*

– ... de maneira que mais se parecem nossas cousas presentes com as nossas passadas, que com as estranhas e remotas da pátria. – *Id. III, pról.*

– ... que se traz quase em provérbio: “Italianos se governam pelo passado, espanhóis pelo presente, e os franceses pelo que está por vir.” Aqui, se lícito fora, se pudera dar uma repreensão de pena à nossa Espanha... – *Id.* III, pról.

– E têm eles per si... (...*que matam o rei quando anda mal*) que este seu costume (o qual aprovam por mui bom) que Deus o ordenou, dizendo que tão grande cousa como é um rei que governa na terra o lugar de Deus, não ousaria alguém de o matar, se Deus o não permitisse. – *Id.* III, V, I.

– Não faça o príncipe alguma cousa duvidando se é mal ou bem, porquanto a verdade onde quer que está, ela se mostra e dá lume de si, e pelo contrário o duvidar é sinal que se não faz o que é razão. – João III – 79.

– Reinado é ofício de muita vigia e trabalho, nem deve nunca o bom rei estar cioso, mas assim como o sol por dar claridade ao mundo nunca está quieto, assim o príncipe por fazer justiça ao povo sempre deve ser ocupado. – Paneg. D. João III (7).

– E como os homens pela maior parte são mais prontos em dar de si frutos voluntários, que os encomendados, imitando nisto a terra sua madre, a qual é mais viva em dar as sementes que nela jazem por natureza, que as que lhe encomendam por agricultura. – *Déc.*, Prólogo.

– Mestre áspero, e pouco fiel da gente é o arreceio das leis, melhor aprendem os vassallos *dos* bons costumes, e virtuosa atenção de seu príncipe. – Paneg. D. João III, p. 121.

– Costume dos que compõem Panegíricos louvarem neles a boa presença, e pessoa do príncipe, por isso desejando eu fazer o mesmo,... por duas cousas o deixo de fazer, a primeira porque a dignidade da língua portuguesa sofre mal esta maneira de louvor, etc. – *Id.*, 195.

– E como os ventos são o espírito exterior do mar. – *Déc.* III, IV, VII.

– Nem as águas parece que carecem deste sentido (a harmonia, música) nos rumores, e roucos estrépitos, que por entre os seixos e pedras dos rios vão fazendo, que a nossos sentidos causam deleitação e saudade. – *Paneg.*, 253.

– A menencoria muitas vezes vence os sabedores, e os olhos d’alma escurecidos como quem peleja às escuras não sabem fazer diferença dos amigos a quem lhes quer mal. – João III, 185.

– Quem isto tudo bem visse, creio eu que escolhesse antes a paz que a guerra, e que tomasse antes por partido viver em descansada e segura paz debaixo de obediência de um príncipe justo... Não se devem julgar as cousas pelo apetite, senão pela razão. – *Id.*, 32.

– (*Retrato de Afonso de Albuquerque*). Era homem de compassada estatura, rosto alegre, e gracioso; ao tempo que se indignava, tinha um acatamento triste; trazia

sempre a barba mais comprida, depois que começou a mandar gente; e como era alva, dava-lhe grande veneração. Era homem de muitas graças e motes, e em algumas menencorias leves no tempo de mandar soltava muitas que davam prazer a quem estava de fora; falava e escrevia muito bem ajudado de algumas letras latinas que tinha. Era sagaz e manhoso em seus negócios, e sabia enfiar as cousas a seu propósito: trazia grandes anexins de ditos para comprazer à gente, segundo os tempos, e qualidade da pessoa de cada um. Era mui fragueiro e rixoso, se o não comprazia qualquer cousa; cansava muito os homens no que lhes mandava fazer, por ter um espírito apressado; foi de muita esmola, e devoto; no enterrar dos mortos ele era o primeiro. Nas execuções foi um pouco apressado, e não mui piedoso, fazia-se temer muito aos mouros, e tinha grandes cautelas para deles levar o melhor. – *Déc.* 2 – 10 – 8.

– Cá uns em alvíssaras, outros em festas, que cada um faz como pode, gastam muitas vezes em um dia o que ganham em muitos. Alguns em vez de rir choram com prazer, e de muitos lemos a que sobejo causou morte súbita, não podendo com a força dele sustentar a vida. – *D. Maria*, 200.

– Fazenda é a sabedoria isenta da jurdição da fortuna. – *Id.*, 225.

– Quis falar muito de tão singular rei (D. Afonso), porque sua vida e costumes parece que confirmam o nosso provérbio que diz: As letras não despontaram a lança. E certo não sei que ... mais amolados possam ser, que armas guiadas por conselho de prudente capitão. – *Id.*, 238.

MACHADO DE ASSIS

[Notas de Leitura de Machado de Assis, *Revista da Academia Brasileira de Letras*, v. I, p. 137-145, jul. 1910]

Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda

**TEXTOS COM APARATO  
EDITORIAL**

## O ESPELHO\*

### ESBOÇO DE UMA NOVA TEORIA DA ALMA HUMANA

1 Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de cousas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.

2 Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou<sup>1</sup> outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca;<sup>2</sup> e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão era<sup>3</sup> a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. Como desse esta mesma resposta naquela noite, constestou-lha um dos presentes, e desafiou-o a demonstrar o que dizia, se era capaz. Jacobina (assim se chamava ele) refletiu um instante, e respondeu:

3 – Pensando bem, talvez o senhor tenha razão.

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (8 set. 1882, p. 1), PA1882 (p. 241-257), PA1937 (p. 259-276), OCA1959 (v. II, p. 341-346), COC1988 (p. 31-35), PAGK1989 (p. 153-162), OCA1994 (v. II, p. 345-352), CJG1998 (v. I, p. 401-410), PAIT2005 (p. 219-233) e em OCA2015 (v. 2, p. 313-318). Texto-base: PA1882. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gracinéa I. Oliveira e José Américo Miranda.

<sup>1</sup> ou] o – em PA1882 (erro tipográfico).

<sup>2</sup> nunca;] nunca: – em OCA2015.

<sup>3</sup> era] é – em PA1937, em OCA1959, em COC1988, em OCA1994 e em OCA2015.

4 Vai senão quando, no meio da noite, sucedeu que este casmurro usou da palavra, e não dous ou três minutos, mas trinta ou quarenta. A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos. Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão,<sup>4</sup> tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade de questões<sup>5</sup> que se deduziram do tronco principal,<sup>6</sup> e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. Um dos argumentadores pediu ao Jacobina alguma opinião, – uma conjectura,<sup>7</sup> ao menos.<sup>8</sup>

5 – Nem conjectura, nem opinião, redarguiu ele;<sup>9</sup> uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...

6 – Duas?

7 – Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade; podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A<sup>10</sup> alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; – e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par<sup>11</sup> de botas, uma cavatina,<sup>12</sup> um tambor,<sup>13</sup> etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Shylock,<sup>14</sup> por

---

<sup>4</sup> discussão,] discussão – em PA1937.

<sup>5</sup> de questões] das questões – em PA1937.

<sup>6</sup> principal,] principal – em PA1937.

<sup>7</sup> opinião, – uma conjectura,] [opi]nião – uma conjectura, – em GN; opinião – uma conjetura, – em OCA2015.

<sup>8</sup> Até este ponto, em GN, o texto vem na primeira coluna do rodapé, na primeira página do jornal; sua margem esquerda não aparece completamente no microfilme – cerca de duas ou três letras estão ocultas na reprodução da página. Essa falha, no entanto, não impediu o trabalho de edição, principalmente porque dispomos da primeira edição em livro (PA1882). É de interesse observar que o rodapé, que traz o título de “Folhetim”, tem oito colunas e ocupa pouco menos da metade inferior da primeira página do periódico.

<sup>9</sup> opinião, redarguiu ele;] opinião, redarguiu ele: – em PAGK1989; opinião – redarguiu ele –; – em OCA2015.

<sup>10</sup> A] Essa – em GN.

<sup>11</sup> um par] uma par – em PA1937.

<sup>12</sup> cavatina,] vacatina, – em PA1937.

<sup>13</sup> tambor,] tambor – em OCA2015.

<sup>14</sup> Shylock,] Shylock (em fim de linha) – em GN. Shylock: judeu rico, personagem da peça *O mercador de Veneza*, de William Shakespeare.

exemplo. A alma exterior daquele judeu eram os seus ducados;<sup>15</sup> perdê-los equivalia a morrer. “Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal;<sup>16</sup> *é um punhal que me enterras no coração*”.<sup>17</sup> Vejam bem esta frase;<sup>18</sup> a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele. Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...

8 – Não?

9 – Não, senhor; muda de natureza e de estado. Não aludo a certas almas absorventes, como a pátria, com a qual disse o Camões que morria,<sup>19</sup> e o poder, que foi a alma exterior de César e de Cromwell. São almas enérgicas e exclusivas; mas há outras, embora enérgicas, de natureza mudável. Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos. Pela minha parte, conheço uma senhora, – na verdade, gentilíssima, – que<sup>20</sup> muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano. Durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação,<sup>21</sup> a alma exterior substitui-se por outra:<sup>22</sup> um concerto, um baile do Cassino, a rua<sup>23</sup> do Ouvidor, Petrópolis...<sup>24</sup>

10 – Perdão; essa senhora quem é?<sup>25</sup>

11 – Essa senhora é parenta<sup>26</sup> do diabo, e tem o mesmo nome: chama-se Legião...<sup>27</sup>

E assim outros muitos casos. Eu mesmo tenho experimentado dessas trocas. Não as

---

<sup>15</sup> ducados;] ducados, – em COC1988.

<sup>16</sup> Tubal;] Tubal, – em COC1988. Tubal: outro judeu, amigo de Shylock, na peça *O mercador de Veneza*. Sobre as citações neste conto, ver estudo de Gisele Braga Guimarães.

<sup>17</sup> *coração*].] *coçã*”. – em PA1937; *coração*.” – em GN, em CJG1998 e em OCA2015.

<sup>18</sup> frase;] frase: – em PAGK1989.

<sup>19</sup> Consta que Camões teria escrito uma carta a d. Francisco de Almeida, em que havia estas palavras: “Enfim acabarei a vida, e verão todos que fui tão afeiçoado à minha pátria que, não só me contentei de morrer nela, mas com ela!” (JUROMENHA, 1860, p. 126 e p. 506; BELL, 1936, p. 51-52 e p. 113; MATA MACHADO FILHO, 1982, p. 120) Essa carta, informa Juromenha (e Bell), não existe; Faria e Sousa é que dá notícia dela numa nota manuscrita. (JUROMENHA, 1860, p. 506) A morte de Camões, como se sabe, ocorreu no mesmo ano (1580) em que Portugal caiu sob o domínio de Espanha.

<sup>20</sup> senhora, – na verdade, gentilíssima, – que] senhora – na verdade, gentilíssima – que – em PA1937 e em OCA2015; senhora, – a na verdade, gentilíssima, – que – em OCA1959; senhora, – e na verdade, gentilíssima, – que – em COC1988.

<sup>21</sup> estação;] estação (em fim de linha) – em PA1937.

<sup>22</sup> outra;] outra; – em PA1937 e em COC1988.

<sup>23</sup> rua] Rua – em OCA1959, em COC1988, em PAGK1989 e em OCA1994.

<sup>24</sup> Petrópolis...] Petrópolis, etc. – em GN.

<sup>25</sup> quem é?] quem é?... – em GN.

<sup>26</sup> parenta] parente – em PA1937.

<sup>27</sup> Legião é o nome que o demônio atribui a si mesmo, nos evangelhos de s. Marcos (Mc 5,9) e de s. Lucas (Lc 8,30). Em Mc 5,9, diz o demônio: “Legião é o meu nome, porque somos muitos.” – em resposta à pergunta de Cristo: “Que nome é o teu?” Em Lc 8,30, lê-se: “E fez Jesus esta pergunta, dizendo: “Que nome é o teu? Ele então respondeu: Legião: porque eram em grande número os demônios que tinham entrado nele.”

relato, porque iria longe;<sup>28</sup> restrinjo-me ao episódio de que lhes falei. Um episódio dos meus vinte e cinco anos...

12 Os quatro companheiros, ansiosos de ouvir o caso prometido, esqueceram a controvérsia. Santa curiosidade! tu não és só a ama<sup>29</sup> da civilização, és também o pomo da concórdia, fruta divina, de outro sabor que não aquele pomo da mitologia.<sup>30</sup> A sala, até há pouco ruidosa de física e metafísica, é agora um mar morto; todos os olhos estão no Jacobina, que concerta<sup>31</sup> a ponta do charuto, recolhendo as memórias. Eis aqui como ele começou a narração:

13 – Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da guarda nacional.<sup>32</sup> Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! tão contente! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e pura. Na vila,<sup>33</sup> note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura;<sup>34</sup> e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que estes<sup>35</sup> perderam. Suponho também que uma parte do desgosto foi inteiramente gratuita: nasceu da simples distinção. Lembra-me de<sup>36</sup> alguns rapazes,<sup>37</sup> que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo. Em compensação, tive muitas pessoas que ficaram satisfeitas com a nomeação; e a prova é que todo o fardamento me foi dado por amigos... Vai então uma das minhas

---

<sup>28</sup> longe;] longe (em fim de linha) – na GN.

<sup>29</sup> ama] alma – em PA1937, em OCA1959, em COC1988, em OCA1994 e em OCA2015.

<sup>30</sup> O pomo da mitologia, por oposição ao “pomo da concórdia”, é o “pomo da discórdia”. Eis como Antenor Nascentes explica, em seu *Tesouro da fraseologia brasileira*, a expressão “pomo da discórdia”: “Pessoa ou coisa que dá motivo a uma desavença. A expressão se prende ao caso do julgamento de Páris. Não tendo sido convidada para as núpcias de Tétis e Peleu a fim de não surgirem desavenças, a deusa Discórdia lançou à mesa na hora do banquete uma maçã de ouro que logo pretenderam Juno, Minerva e Vênus. Não se podendo chegar a um acordo, resolveram os deuses submeter o caso ao julgamento do primeiro mortal que as três deusas encontrassem. Aconteceu que esse primeiro mortal foi o pastorzinho Páris, filho de Príamo, rei de Troia, relegado aos campos a fim de não causar a ruína do reino paterno, conforme um sonho havia predito. Cada deusa prometeu a Páris uma coisa excelente, se ele lhe desse o pomo. Juno, a felicidade conjugal; Minerva, a sabedoria e Vênus, o amor da mulher mais bela, Helena. Páris conferiu o prêmio a Vênus, teve o amor de Helena e assim deu origem à guerra de Troia, a qual deu cabo do reino de Príamo.” (NASCENTES, 1966, p. 240)

<sup>31</sup> concerta] conserta – em COC1988.

<sup>32</sup> guarda nacional.] Guarda Nacional. – em COC1988.

<sup>33</sup> Na vila,] Na vida, – em OCA1959.

<sup>34</sup> A expressão “choro e ranger de dentes” aparece na Bíblia (Novo Testamento) algumas vezes; está associada às “trevas exteriores” (Mt 8,12 e Mt 25,30), à “fornalha de fogo” (Mt 13,42 e Mt 13,50), aos excluídos do Reino de Deus (Lc 13,28), e ainda em Mt 24,51.

<sup>35</sup> estes] esses – em PA1937.

<sup>36</sup> Lembra-me de] Lembro-me de – em PA1937.

<sup>37</sup> rapazes,] rapazes – em OCA2015.

tias, D. Marcolina,<sup>38</sup> viúva do capitão Peçanha,<sup>39</sup> que morava a muitas léguas da vila, num sítio escuso e solitário, desejou ver-me, e pediu que fosse ter com ela e levasse a farda. Fui, acompanhado de um pajem, que daí a dias tornou à vila, porque a tia Marcolina, apenas me pilhou no sítio, escreveu a minha mãe<sup>40</sup> dizendo que não me soltava antes de um mês, pelo menos. E abraçava-me! Chamava-me também o seu alferes. Achava-me um rapagão bonito. Como era um tanto patusca, chegou a confessar que tinha inveja da moça que houvesse de ser minha mulher. Jurava que em toda a província não havia outro que me pusesse o pé adiante. E sempre alferes; era alferes para cá alferes<sup>41</sup> para lá, alferes a toda a hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o “senhor alferes”. Um cunhado dela, irmão do finado Peçanha, que ali morava,<sup>42</sup> não me chamava de outra maneira. Era o “senhor alferes”, não por gracejo,<sup>43</sup> mas a sério, e à vista dos escravos, que naturalmente foram pelo mesmo caminho. Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido. Não imaginam. Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples... Era um espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdara da mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em 1808<sup>44</sup> com a corte de D. João VI.<sup>45</sup> Não sei o que havia nisso de verdade; era a tradição. O espelho estava naturalmente muito velho;<sup>46</sup> mas via-se-lhe ainda o ouro, comido em parte pelo tempo, uns delfins esculpidos nos ângulos superiores da moldura, uns enfeites de madrepérola e outros caprichos do artista. Tudo velho, mas bom...

14 – Espelho grande?

15 – Grande. E foi, como digo, uma enorme fineza, porque<sup>47</sup> o espelho estava na sala; era a melhor peça da casa. Mas não houve forças que a demovessem do propósito; respondia que não fazia falta, que era só por algumas semanas, e finalmente que o

---

<sup>38</sup> D. Marcolina,] dona Marcolina, – em OCA2015.

<sup>39</sup> capitão Peçanha,] Capitão Peçanha, – em OCA1994.

<sup>40</sup> mãe] mãe, – em PA1937.

<sup>41</sup> alferes para cá alferes] alferes para cá, alferes – em GN, em PA1937, em OCA1959, em COC1988, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015.

<sup>42</sup> morava,] morava – em PA1937.

<sup>43</sup> gracejo,] gracejos, – em COC1988.

<sup>44</sup> 1808] 1808, – em COC1988.

<sup>45</sup> D. João VI.] dom João VI. – em OCA2015.

<sup>46</sup> velho,] velho, – em COC1988.

<sup>47</sup> porque] por que – em OCA1994 e em OCA2015.

“senhor alferes” merecia muito mais. O certo é que todas essas cousas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou. Imaginam, creio eu?

16 – Não.

17 – O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. Custa-lhes acreditar, não?

18 – Custa-me até entender, respondeu um dos ouvintes.

19 – Vai entender. Os factos explicarão melhor os sentimentos;<sup>48</sup> os factos são tudo. A melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada; e, se bem me lembro, um filósofo antigo demonstrou o movimento andando.<sup>49</sup> Vamos aos factos. Vamos ver como, ao tempo em que a consciência do homem se obliterava, a do alferes tornava-se viva e intensa. As dores humanas, as alegrias humanas<sup>50</sup> se eram só isso, mal obtinham de mim uma compaixão apática<sup>51</sup> ou um sorriso de favor. No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes. Ora, um dia recebeu a tia Marcolina uma notícia grave;<sup>52</sup> uma de suas filhas, casada com um lavrador<sup>53</sup> residente dali a cinco léguas, estava mal e à morte. Adeus, sobrinho! adeus, alferes! Era mãe extremosa, armou logo uma viagem, pediu ao cunhado que fosse com ela, e a mim<sup>54</sup> que tomasse conta do sítio. Creio que, se não fosse a aflição, disporia o contrário; deixaria o cunhado, e iria comigo. Mas o certo é que fiquei só, com os poucos escravos da casa. Confesso-lhes que desde logo senti uma grande opressão, alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere, subitamente levantadas em torno

---

<sup>48</sup> os sentimentos;] as cousas; – em GN.

<sup>49</sup> Referência a Diógenes de Sínope, o Cínico. Hegel, em suas *Preleções sobre a História da Filosofia*, assim se refere a ele: “[Diógenes] refutou tais provas [apresentadas por Zenão de Eleia, sobre a tese de que “o movimento não tem verdade alguma”] da contradição do movimento, de maneira muito simples; levantou-se em silêncio e caminhou de cá para lá – ele as refutou pela ação.” (HEGEL, 1978, p. 203)

<sup>50</sup> humanas] humanas, – em GN, em PAGK1989, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015.

<sup>51</sup> apática] apática, – em GN.

<sup>52</sup> grave;] grave: – em GN e em PAGK1989.

<sup>53</sup> lavrador] lavrador, – em GN.

<sup>54</sup> e a mim] a mim – em COC1988.

de mim. Era a alma exterior que se reduzia;<sup>55</sup> estava agora limitada a alguns espíritos boçais. O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil. Os escravos punham uma nota de humildade nas suas cortesias, que de certa maneira compensava a afeição dos parentes e a intimidade doméstica interrompida. Notei mesmo, naquela noite, que eles redobravam de respeito, de alegria, de protestos. Nhô alferes de minuto a minuto. Nhô alferes é muito bonito; nhô alferes há de ser coronel; nhô alferes há de casar com moça bonita, filha de general; um concerto de louvores e profecias, que me deixou extático. Ah! pérfidos! mal podia eu suspeitar a intenção secreta dos malvados.

20 – Matá-lo?

21 – Antes assim fosse.

22 – Cousa pior?

23 – Ouçam-me.<sup>56</sup> Na manhã seguinte achei-me só. Os velhacos, seduzidos por outros, ou de movimento próprio, tinham resolvido fugir durante a noite; e assim fizeram. Achei-me só, sem mais ninguém, entre<sup>57</sup> quatro paredes, diante do terreiro deserto e da roça abandonada. Nenhum fôlego humano. Corri a casa toda, a senzala, tudo, nada, ninguém,<sup>58</sup> um molequinho que fosse. Galos e galinhas tão somente, um par de mulas, que filosofavam a vida, sacudindo as moscas, e três bois. Os mesmos cães foram levados pelos escravos. Nenhum ente humano. Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido? era pior. Não por medo; juro-lhes que não tinha medo; era um pouco<sup>59</sup> atrevidinho, tanto que não senti nada, durante as primeiras horas. Fiquei triste por causa do dano causado à tia Marcolina; fiquei também um pouco perplexo, não sabendo se devia ir ter com ela, para lhe dar a triste notícia, ou ficar tomando conta da casa. Adoptei o segundo alvitre, para não desamparar a casa, e porque, se a minha prima enferma estava mal, eu ia somente aumentar a dor da mãe, sem remédio nenhum; finalmente, esperei que o irmão do tio Peçanha voltasse naquele dia ou no outro, visto que tinham<sup>60</sup> saído havia já trinta e seis horas. Mas a manhã passou sem vestígio dele; e

---

<sup>55</sup> reduzia;] reduzia, – em COC1988.

<sup>56</sup> – Antes assim fosse. / – Cousa pior? / – Ouçam-me.] Antes assim fosse. / Ouçam-me. (sem os travessões) – em PA1937.

<sup>57</sup> ninguém, entre] ninguém. entre – em PA1882 (erro tipográfico).

<sup>58</sup> tudo, nada, ninguém,] tudo, ninguém, – em PA1937.

<sup>59</sup> era um pouco] era até um pouco – em GN.

<sup>60</sup> tinham] tinha – em OCA1959, em COC1988, em OCA1994 e em OCA2015.

à tarde<sup>61</sup> comecei a sentir uma sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse<sup>62</sup> consciência da ação muscular. O irmão do tio Peçanha não voltou nesse dia, nem no outro, nem em toda aquela semana. Minha solidão tomou proporções enormes. Nunca os dias foram mais compridos, nunca o sol abrasou a terra com uma obstinação mais cansativa. As horas batiam de século a século,<sup>63</sup> no velho relógio da sala, cuja pêndula, *tic-tac, tic-tac*,<sup>64</sup> feria-me a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade.<sup>65</sup> Quando,<sup>66</sup> muitos anos depois, li uma poesia americana, creio que de Longfellow,<sup>67</sup> e topei com este famoso estribilho: *Never, for ever! – For ever, never!* confesso-lhes que tive um calafrio: recordei-me daqueles dias medonhos. Era justamente assim que fazia o relógio da tia Marcolina: – *Never, for ever! – For ever, never!* Não eram golpes de pêndula, era um diálogo do abismo, um cochicho do nada. E então de noite! Não que a noite fosse mais silenciosa. O silêncio era o mesmo que de dia. Mas a noite era a sombra, era a solidão ainda mais estreita ou mais larga. *Tic-tac, tic-tac*. Ninguém nas salas, na varanda, nos corredores,<sup>68</sup> no terreiro, ninguém em parte nenhuma... Riem-se?

24 – Sim, parece que tinha um pouco de medo.

25 – Oh!<sup>69</sup> fora bom se eu pudesse ter medo! Viveria. Mas o característico daquela situação é que eu nem sequer podia ter medo, isto é, o medo vulgarmente entendido. Tinha uma sensação inexplicável. Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico. Dormindo, era outra cousa. O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte,<sup>70</sup> mas por outra. Acho que posso explicar assim esse fenômeno: – o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me, orgulhosamente, no meio da família e dos

<sup>61</sup> e à tarde] à tarde – em PA1937.

<sup>62</sup> tivesse] tivssse – em GN (erro tipográfico).

<sup>63</sup> século,] século – em PA1937.

<sup>64</sup> pêndula, *tic-tac, tic-tac*,] pêndula *tic-tac, tic-tac*, – em PA1937; pêndula, *tic-tac tic-tac*, – em CJG1998.

<sup>65</sup> da eternidade.] do eternidade. – em PA1882 (erro tipográfico).

<sup>66</sup> Quando, muitos] Quando. muitos – em PA1882 (erro tipográfico).

<sup>67</sup> Henry Wadsworth Longfellow: poeta norte-americano (Portland, 1807 – Cambridge, 1882), foi professor de línguas modernas na Universidade de Harvard (1835-1854). Autor, entre outras obras, de *Evangeline* (1847) e *Hiawatha* (1855). (Cf. SAGREDO, 1977, t. II, p. 203-204) O verso citado é do poema “The old clock on the stairs”. Machado introduz pequena variação na ordem das palavras, que vêm sempre assim no refrão (com aspas): “Forever – never! Never – forever!” (Cf. LONGFELLOW, 1865, p. 100)

<sup>68</sup> nas salas, na varanda, nos corredores,] nas salas, nos corredores, – em PA1937.

<sup>69</sup> – Oh!] – Oh; – em PA1937.

<sup>70</sup> “Tânato é o gênio masculino alado que personifica a Morte. Na *Iliada*, surge como o irmão do Sono (*Hypnos*), sendo esta genealogia retomada por Hesíodo, que faz destes dois gênios os filhos da Noite.” (GRIMAL, 1993, p. 427)

amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão<sup>71</sup> ou major; e tudo isso fazia-me viver. Mas quando acordava, dia claro, esvaía-se com o sono,<sup>72</sup> a consciência do meu ser novo e único,<sup>73</sup> – porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar...<sup>74</sup> Não tornava. Eu saía fora, a um lado e outro, a ver se descobria algum sinal de regresso. *Sœur Anne, sœur Anne, ne vois-tu rien venir?* Nada, cousa nenhuma; tal qual como na lenda francesa.<sup>75</sup> Nada mais do que a poeira da estrada e o capinzal dos morros. Voltava para casa, nervoso, desesperado, estirava-me no canapé da sala. *Tic-tac, tic-tac*. Levantava-me, passeava, tamborilava nos vidros das janelas,<sup>76</sup> assobiava. Em certa ocasião lembrei-me de escrever alguma cousa, um artigo político, um romance, uma ode; não escolhi nada definitivamente; sentei-me e tracei no papel algumas palavras e frases soltas, para intercalar no estilo. Mas o estilo, como a tia<sup>77</sup> Marcolina, deixava-se estar. *Sœur Anne, sœur Anne...* Cousa nenhuma. Quando muito via negrejar a tinta e alvejar o papel.

26 – Mas não comia?

27 – Comia mal, frutas, farinha, conservas, algumas raízes tostadas ao fogo,<sup>78</sup> mas suportaria tudo alegremente, se não fora a terrível situação moral em que me achava. Recitava versos, discursos, trechos latinos, liras de Gonzaga, oitavas de Camões, décimas, uma antologia em trinta volumes. Às vezes fazia ginástica; outras dava beliscões nas pernas;<sup>79</sup> mas o efeito era só uma sensação física de dor ou de cansaço, e mais nada. Tudo silêncio, um silêncio vasto, enorme, infinito, apenas sublinhado pelo eterno *tic-tac* da pêndula. *Tic-tac, tic-tac...*

<sup>71</sup> chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão] chamavam capitão – em PA1937.

<sup>72</sup> esvaía-se com o sono,] esvaía-se com o sono – em COC1988 e em OCA2015; esvaía-se, com o sono, – em PAGK1989 e em PAIT2005.

<sup>73</sup> único,] único – em COC1988 e em OCA2015.

<sup>74</sup> tornar...] tornar.... – em GN. Nesta ocorrência, as reticências estão representadas, em GN, por quatro pontos. Era comum, no século XIX, as reticências terem mais de três pontos, às vezes, até cinco.

<sup>75</sup> Trata-se da lenda de Barba Azul, recolhida por Charles Perrault. As palavras citadas no texto são as da última esposa de Barba Azul, quando ela, na iminência de ser morta por seu marido, indagava a sua irmã Anne se seus irmãos já vinham em seu socorro. (Cf. PERRAULT, 1884, p. 27-39) Edith Piaf, em 1953, ou seja, muito tempo depois da publicação do texto machadiano, fez uma belíssima música a partir do trecho do texto de Perrault: “Soeur Anne, ne vois-tu rien venir? / Je vois des soldats couverts d’armes [...]” (ÉDITH, ver em: <<https://rb.gy/vffm8r>>; e PIAF, ver em: <<https://rb.gy/ryxpy4>>)

<sup>76</sup> vidros das janelas,] vidros e janelas, – em COC1988.

<sup>77</sup> como a tia] colo e tia – em PA1937.

<sup>78</sup> fogo,] fogo; – em GN.

<sup>79</sup> pernas;] pernas, – em COC1988.

28 – Na verdade,<sup>80</sup> era de enlouquecer.

29 – Vão ouvir coisa pior. Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito dias,<sup>81</sup> deu-me na veneta olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me<sup>82</sup> textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação. Então<sup>83</sup> tive medo; atribuí o fenômeno à excitação nervosa em que andava; receei ficar mais tempo, e enlouquecer. – Vou-me embora, disse comigo. E levantei o braço com gesto<sup>84</sup> de mau humor, e ao mesmo tempo de decisão, olhando para o vidro;<sup>85</sup> o gesto lá estava, mas disperso, esgaçado,<sup>86</sup> mutilado...<sup>87</sup> Entrei a vestir-me, murmurando comigo, tossindo sem tosse, sacudindo a roupa com estrépito, afligindo-me a frio com os botões, para dizer alguma coisa. De quando em quando, olhava furtivamente para o espelho; a imagem era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos... Continuei a vestir-me. Subitamente<sup>88</sup> por uma inspiração inexplicável, por um impulso sem cálculo, lembrou-me... Se forem capazes de adivinhar qual foi a minha ideia...

30 – Diga.

31 – Estava a olhar para o vidro, com uma persistência de desesperado, contemplando as próprias feições<sup>89</sup> derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes, quando tive o pensamento... Não, não são capazes de adivinhar.

32 – Mas, diga, diga.

---

<sup>80</sup> – Na verdade,] – Na verdade – em GN.

<sup>81</sup> dias,] dias – em PAIT2005.

<sup>82</sup> reproduziu-me] reproduziu-lhe – em COC1988.

<sup>83</sup> Então] E então – em GN.

<sup>84</sup> braço com gesto] braço, com um gesto – em GN.

<sup>85</sup> vidro;] vidro: – em GN.

<sup>86</sup> esgaçado,] esgarçado, – em OCA2015.

<sup>87</sup> mutilado...] mutilado... – em GN. Novamente, reticências com quatro pontos em GN.

<sup>88</sup> Subitamente] Subitamente, – em PAGK1989.

<sup>89</sup> feições] feiçõs – em PA1882 (erro tipográfico).

33 – Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não<sup>90</sup> lhes digo nada;<sup>91</sup> o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a pouco<sup>92</sup> emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali um sofá. Tudo volta ao que era antes do sono. Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria, e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regímen pude atravessar mais seis dias de solidão,<sup>93</sup> sem os sentir...<sup>94</sup>

34 Quando os<sup>95</sup> outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas.<sup>96</sup>

FIM DO ESPELHO.<sup>97</sup>

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

CJG1998 – *Contos*: uma antologia, 1998, edição de John Gledson.

COC1988 – *A cartomante e outros contos*, 1988.

GN – *Gazeta de Notícias*.

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

PA1882 – *Papéis avulsos*, 1882.

---

<sup>90</sup> não] Não – em GN.

<sup>91</sup> nada;] nada: – em PAGK1989.

<sup>92</sup> pouco a pouco] pouco a pouco, – em GN, em COC1988, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015.

<sup>93</sup> solidão,] solidão – em PA1937.

<sup>94</sup> sentir...] sentir. – em GN.

<sup>95</sup> os] ou – em PAGK1989 e em PAIT2005 (erro tipográfico).

<sup>96</sup> Em GN, o conto traz, ao pé do texto, a indicação de autoria: MACHADO DE ASSIS. Em OCA2015, o conto traz, ao pé do texto, a seguinte informação: *Gazeta de Notícias*, 08 de setembro de 1882; *Machado de Assis*.

<sup>97</sup> FIM DO ESPELHO.] FIM DO ESPELHO – em PAIT2005; sem essa frase em PA1937, OCA1959, em COC1988, em PAGK1989, em CJG1998 e em OCA1994.

PA1937 – *Papéis avulsos*, 1937.

PAGK1989 – *Papéis avulsos*, 1989, edição de Adriano da Gama Kury.

PAIT2005 – *Papéis avulsos*, 2005, edição de Ivan Teixeira.

## Referências

A BÍBLIA sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento. Traduzida em português segundo a Vulgata Latina por Antônio Pereira de Figueiredo. Lisboa: Tipografia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1867.

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 250, p. 1, 8 set. 1882. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730\\_02&pagfis=4214](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_02&pagfis=4214)>. Acesso em: 20 jul. 2020.

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts & C., 1882. p. 241-257.

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: ASSIS, Machado. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W. M. Jackson Inc., 1937. p. 259-276.

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. v. II, p. 341-346.

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *A cartomante e outros contos*: texto integral. São Paulo: Moderna, 1988. p. 31-35. [Notas do editor e orientação de leitura: Douglas Tufano; Preparação de texto: Christina A. Binato.]

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Garnier, 1989. p. 153-162. [Edição feita de acordo com a 1ª e anotada pelo Prof. Adriano da Gama Kury.]

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *Contos*: uma antologia. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 1, p. 401-410. [Seleção, introdução e notas: John Gledson.]

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. II, p. 345-352.

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *Papéis avulsos*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 219-233. [Edição preparada por Ivan Teixeira.]

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015. v. 2, p. 313-318

BELL, Aubrey F. G. *Luís de Camões*. Trad. Antônio Álvaro Dória. Porto: Educação Nacional, 1936.

ÉDITH Piaf. Disponível em: <<https://rb.gy/vffm8r>>. Acesso em: 01 set. 2020.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

GUIMARÃES, Gisele Braga. A função das citações machadianas no conto “O espelho”. *Revista Argumento*, Jundiaí, ano VI, n. 12, dez. 2004. Disponível em: <<https://rb.gy/12srqt>>. Acesso em: 25 ago. 2020.

HEGEL, Georg W. F. Crítica moderna. Trad. Ernildo Stein. In: OS PRÉ-SOCRÁTICOS: fragmentos, doxografia e comentários. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 198-207.

JUROMENHA, Visconde de. Vida de Luís de Camões. In; CAMÕES. *Obras de Luís de Camões* precedidas de um ensaio biográfico no qual se relatam alguns fatos não conhecidos da sua vida aumentadas com algumas composições inéditas do poeta pelo Visconde de Juromenha. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860. v. I, p. 1-161.

LONGFELLOW, Henry Wadsworth. *The poetical works of Henry Wadsworth Longfellow*. Complete edition. London: George Routledge, 1865.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. Introdução. In: CAMÕES. *Lírica*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982. p. 11-24.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.

PERRAULT, Charles. *Les contes de Perrault*. Précédés d’une préface par J. T. de Saint-Germain. Paris: Théodore Lefèvre, 1884. p. 27-39. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k57590567/f1.image>>.

PIAF, Édith. *Soeur Anne* (tradução). Disponível em: <<https://rb.gy/ryxpy4>>. Acesso em: 2 set. 2020.

SAGREDO, José. Versión y adaptación. *Diccionarios Rioduero Literatura II*. Madrid: Ediciones Rioduero, de EDICA, 1977. t. II.

TEIXEIRA, Ivan. Nota sobre a presente edição. In: ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

## CARTA-PREFÁCIO\*

### À OBRA *LEGISLAÇÃO SERVIL*, DE MANUEL ERNESTO DE CAMPOS PORTO

- 1 Ao II<sup>mo</sup> Sr. Manuel Ernesto de Campos Porto. Rio, 3 de Março de 1888.
- 2 Este seu livro da *Legislação Servil*, sendo um manual necessário a quantos tiverem de tratar questões de liberdade ou de propriedade escrava, é mais que tudo uma história de todos os atos e esforços praticados legislativamente entre nós, acerca dessa grave matéria, desde a independência e fundação do império.
- 3 Compilações anteriores, aliás copiosas e importantes, como as dos Srs. conselheiro Mafra e Dr. L. F. da Veiga,<sup>1</sup> não vão tão longe. Creio que a sua será apreciada e julgada com o duplo caráter de livro consultivo,<sup>2</sup> e repositório histórico. Efetivamente, não se poderá escrever deste assunto, em sua parte legislativa, sem ter

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: OP (p. 3, 10 mar. 1888), DN (p. 1, 12 mar. 1888) e COR (t. V, p. 452-453). Texto-base: DN. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editor: José Américo Miranda. Esta carta-prefácio de Machado de Assis, publicada em *O Paiz*, foi transcrita no tomo V – 1905-1908 da *Correspondência de Machado de Assis*, reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, sob a coordenação e orientação de Sérgio Paulo Rouanet, 2015, p. 452-453. A transcrição na *Correspondência*, como se vê no registro das variantes, foi fiel à fonte utilizada. A profa. Letícia Malard, em outubro de 2019, localizou uma outra versão dessa mesma carta, em outro jornal, o *Diário de Notícias*. Decidimos publicar essa nova versão na *Machadiana Eletrônica*, tendo em vista as pequenas variantes textuais, de paragrafação e de pontuação que apresenta. Nossa intenção não é apenas registrar outra versão do texto, mas ainda externar o palpite de que esta versão contém mais acertos do que erros (o que se confirmará – ou não – quando for localizado, para confronto dos textos, o livro em que ela foi originalmente publicada).

<sup>1</sup> Manuel da Silva Mafra (1831-1907): bacharel em ciências sociais e jurídicas pela faculdade de S. Paulo, magistrado, autor de diversas obras jurídicas, entre elas o *Prontuário das leis de manumissão* – Rio de Janeiro, 1877 (Cf. BLAKE, 6º v., p. 198-200; ENCICLOPÉDIA e dicionário internacional, s.d., v. XII, p. 6855); Luís Francisco da Veiga (1834-1899): bacharel em ciências sociais e jurídicas pela faculdade do Recife, promotor público, oficial da secretaria da justiça e, depois, da secretaria da agricultura, comércio e obras públicas, autor de diversas obras de interesse histórico, entre elas o “Livro do estado servil e respectiva libertação, contendo a legislação brasileira de 1831 a 31 de dezembro de 1875 – Rio de Janeiro, 1876. (Cf. BLAKE, 5º v. p. 406-409 e p. 495)

<sup>2</sup> consultivo,] consultivo – em OP e em COR. Há dúvida sobre se há (ou não) vírgula em DN.

presente o seu livro, onde mui pouca cousa terá escapado, – se alguma escapou,<sup>3</sup> – o que não me ocorre nem creio.<sup>4</sup>

4 É a vantagem<sup>5</sup> capital desta casta de livros;<sup>6</sup> nos edifícios que se levantarem amanhã poderá a mão do artífice rendilhar coruchéus e frontarias, mas a cal e a pedra aqui estão.

5 Ninguém deixará de admirar a sua compreensão e a<sup>7</sup> importância do assunto, a tenacidade, a lucidez e paciência com que coligiu o esparso por tantos volumes. Eu desde já aperto-lhe as mãos. – *Machado de Assis*.

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

COR – *Correspondência de Machado de Assis*, 2008-2015, 5t.

DN – *Diário de Notícias*.

OP – *O Paiz*.

### Referências

ASSIS, Machado de. [Carta-prefácio]. In: Legislação servil. *O Paiz*, Rio de Janeiro, ano V, n. 1251, p. 3, 10 mar. 1888.

ASSIS, Machado de. [Carta-prefácio]. In: Legislação servil. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 1006, p. 1, 12 mar. 1888.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*. Tomo V – 1905-1908. Reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Coordenação e orientação de Sérgio Paulo Rouanet. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2015.

BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Ed. fac-similar. Rio de Janeiro [Guanabara]: Conselho Federal de Cultura, 1970. 7v.

ENCICLOPÉDIA e dicionário internacional. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, s.d. 20v.

---

<sup>3</sup> escapou,] escapou – em OP e em COR.

<sup>4</sup> Em OP e em COR o texto é contínuo; não há início de novo parágrafo depois deste ponto.

<sup>5</sup> É a vantagem] É vantagem – em OP e em COR.

<sup>6</sup> livros;] livros: – em OP e em COR.

<sup>7</sup> e a] da – em OP e em COR.

**NO ÁLBUM DE CARLOS GOMES\***

Para os filhos do céu gêmeas nasceram  
A inspiração e a glória.

Machado de Assis

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta ao “Álbum” de Carlos Gomes, p. 29, que se encontra no Museu Imperial, de Petrópolis, disponível em: <<http://200.159.250.2:10358/handle/acervo/215>>. O dístico foi encontrado pela profa. Letícia Malard. Editor: José Américo Miranda. Ver a nota na página seguinte.

## NOTA

### AO DÍSTICO A QUE DEMOS O TÍTULO DE NO ÁLBUM DE CARLOS GOMES

Esse dístico, composto por um verso decassílabo heroico e um hexassílabo (decassílabo quebrado), foi escrito pelo próprio Machado de Assis, que assinou abaixo dos versos, no “Álbum” que pertenceu a Carlos Gomes, com capa em jacarandá. Embora o álbum esteja disponível *on-line*, esses versos de Machado de Assis não são conhecidos e não foram registrados por J. Galante de Sousa, na *Bibliografia de Machado de Assis* (1955). O “Álbum” integra a Coleção Carlos Gomes, do Museu Imperial, de Petrópolis. O dístico, em página única, que recebeu o número 29, é datado de 23/11 [1870]. Foi encontrado, por acaso, pela professora Letícia Malard, quando pesquisava informações sobre a ópera *O Guarani* e o romance homônimo de José de Alencar.

Disponível em: <<http://200.159.250.2:10358/handle/acervo/215>>.

Primeiro acesso em 4 de setembro de 2020.

\* \* \*

## COMENTÁRIO

O verso decassílabo foi o verso mais usado por Machado de Assis, em suas *Poesias completas* (1901): mais da metade dos poemas da obra são compostos nessa medida (cerca de 56%, contados os quatro sonetos a Camões como um só poema),

frequentemente combinados com o decassílabo quebrado, o hexassílabo (como acontece no dístico aqui publicado).

O primeiro verso do dístico apresenta um fenômeno muito frequente na poesia machadiana: a justaposição de duas sílabas tônicas, no caso, a sexta e a sétima:

Pa|ra os | fi|lhos | do | **céu** | **gê**|meas | nas|ce|ram  
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

A justaposição de sílabas tônicas, na língua portuguesa, exige o rebaixamento de uma das duas, desde que não haja pausa entre elas. Esse assunto rendeu uma polêmica entre Celso Cunha e Segismundo Spina, em 1982, a propósito do segundo verso de *Os Lusíadas*. (Cf. SPINA, 2001, p. 393-426)

No verso camoniano, entretanto, a colisão das tônicas ocorre entre um adjetivo e o substantivo qualificado por ele:

Que | da o|ci|den|**tal** | **prai**|a | lu|si|ta|na[.]  
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Toda a polêmica em torno desse verso surgiu da discordância de Segismundo Spina com M. Cavalcanti Proença, que defendia dever o acento principal recair sobre a quinta sílaba do verso (e não sobre a sexta – localização do acento que caracteriza o verso heroico). O problema surge do fato de não ser possível uma cesura (ou uma pausa) entre o adjetivo e o substantivo.

Na polêmica, Celso Cunha entrou do lado de Cavalcanti Proença, com um argumento que Said Ali já utilizara em 1948 (para evitar que o adjetivo “ocidental” fosse pronunciado como paroxítono – o que o deformaria bastante):

Pelo que acabamos de expor, deveria ler-se como paroxítono o adjetivo *ocidental*. Por outro lado, porém, devemos lembrar-nos de que o poeta fazia questão de dar relevo ao qualificativo, soberbo contraste com o ponto de partida do herói da Eneida. *Occidental*, deve, pois, ser enfático, mantendo a sua acentuação, embora se exalte ainda mais a expressão *praia lusitana*. (ALI, 1948, p. 20)

Nada disso acontece no verso machadiano, que assim se livra de polêmicas; nele as sílabas tônicas pertencem a dois substantivos distintos. Além disso, no verso do

dístico há cesura – “uma depressão elocutiva que os versos apresentam interiormente”, que deve ser distinguida da “*pausa* propriamente dita, que ocorre no final do verso ou entre hemistíquios de versos compostos”. (CUNHA, 2001, p. 409) Essa característica do verso de Machado de Assis o torna absolutamente perfeito, conforme à prosódia do português; nenhum artifício de pronúncia é necessário para torná-lo heroico.

O verso quebrado, que se segue ao decassílabo, completa-lhe o sentido, e confere ao conjunto uma complexidade que poderíamos qualificar de “dialética” – uma característica fundamental do pensamento do poeta, conforme constatou Astrojildo Pereira: “o processo dialético era nele coisa a bem dizer do berço, instintiva, congênita.” (PEREIRA, 1991, p.135) As palavras que formam o hexassílabo – “A inspiração e a glória” – unem os extremos da criação artística (no caso, do compositor Carlos Gomes): o elemento que está na origem dela – “a inspiração” –, ou seja, sua causa; e o elemento que dela resulta – “a glória” –, ou seja, sua consequência ou seu efeito. Essas entidades “gêmeas” (mencionadas no segundo hemistíquio<sup>1</sup> do primeiro verso) conciliam-se no “filho do céu” (forma pela qual é referido o compositor, no primeiro hemistíquio), o privilegiado Antônio Carlos Gomes – homenageado nos versos.

*José Américo Miranda*

## Referências

ASSIS, Machado de. [No álbum de Carlos Gomes]. In: Álbum de Carlos Gomes, p. 29. Coleção Carlos Gomes. Museu Imperial. Petrópolis. Disponível em: <<http://200.159.250.2:10358/handle/acervo/215>>.

ALI, M. Said. *Versificação portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1948. [A capa do livro traz a data de 1949.]

CAMPOS, Geir. *Pequeno dicionário de arte poética*. Rio de Janeiro: Conquista, 1960.

CUNHA, Celso. A propósito e sem propósito de um verso camoniano. In: SPINA, Segismundo. *Estudos de literatura, filologia e história*. Osasco: FIEO – Fundação Instituto de Ensino para Osasco, 2001. p. 407-417.

---

<sup>1</sup> “No sentido amplo, [hemistíquio] é cada um dos dois MEMBROS MÉTRICOS em que a CESURA ou PAUSA divide um VERSO; no sentido restrito, é a metade de um verso ALEXANDRINO.” (CAMPOS, 1960, p. 97)

PEREIRA, Astrojildo. *Machado de Assis: ensaios e apontamentos avulsos*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

SPINA, Segismundo. Contenda em torno do verso camoniano. In: *Estudos de literatura, filologia e história*. Osasco: FIEO – Fundação Instituto de Ensino para Osasco, 2001. p. 393-426.

### POR ORA SOU PEQUENINA \*

Por ora sou pequenina  
Mas, quando eu também crescer  
Há de vir uma menina  
Dizer o que vou dizer.

5 Vou dizer, noivos amados,  
Que é doce e consolador  
Ver assim dois namorados  
Coroando o seu amor.

10 Casar é lei preciosa;  
Casai, amigos, casai.  
Beija-flor casa com rosa<sup>1</sup>  
Mamãe casou com papai.<sup>2</sup>

15 Por isso, a viva alegria  
Que nos enche a todos nós<sup>3</sup>  
É ser este grande dia<sup>4</sup>  
Muito maior para vós.

20 Eis aí fica o meu recado<sup>5</sup>  
Adeus. Se for para bem  
Que eu veja o casal casado<sup>6</sup>  
Crescendo, caso também.<sup>7</sup>

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: AL (v. I, n. 7, p. 113, 28 set. 1941), TPCL (p. 742-743), PCRR (p. 540) e OCA2015 (v. 3, p. 849). Texto-base: AL. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final da nota que se segue ao texto editado. Editor: José Américo Miranda.

<sup>1</sup> Beija-flor casa com rosa] Beija-flor com rosa – em TPCL, em PCRR e em OCA2015.

<sup>2</sup> papai.] papai, – em TPCL, em PCRR e em OCA2015.

<sup>3</sup> Que nos enche a todos nós] Que enche a todos nós – em TPCL, em PCRR e em OCA2015.

<sup>4</sup> É ser este grande dia] É ser grande dia – em TPCL, em PCRR e em OCA2015.

<sup>5</sup> recado] recado, – em PCRR.

<sup>6</sup> casado] casado, – em PCRR.

<sup>7</sup> Em TPCL, ao pé dos versos, vem esta data: “1914”; em OCA2015, a mesma data vem, entre parênteses, abaixo do título do poema; em PCRR, vinculada ao título dos versos, há esta nota de rodapé: “Publicado em *Autores e Livros*, vol. I, n. 7, 28/09/1914.” Certamente houve erro de leitura: “1941” foi lido como “1914”. Nenhuma dessas edições revela a fonte de onde transcreveu o poema; no caso de PCRR, devido à nota de rodapé, supõe-se que o texto-fonte seja o de *Autores e Livros*, que é também o nosso.

## NOTA

Esses versos foram divulgados por Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde), em *Autores e Livros* (v. I, n. 7, p. 113, 28 set. 1941), suplemento literário de *A Manhã*, em artigo intitulado “Migalhas inéditas”.

As quadras foram compostas por Machado de Assis a pedido de Antônio Martins Marinhos, para serem recitadas por Abigail, irmã de Alceu Amoroso Lima, de seis anos de idade, no casamento da tia dela (e de Alceu) Julieta Peixoto da Silva com Alfredo Loureiro Ferreira Chaves. Isso explica o ponto de vista adotado no poema – é o ponto de vista de uma menina de seis anos de idade.

O casamento ocorreu no dia 27 de janeiro de 1894, na casa de Marinhos. Machado de Assis compareceu à cerimônia. O batismo de Alceu Amoroso Lima, de quem Antônio Martins Marinhos foi padrinho, ocorreu na mesma data, na mesma circunstância. (Cf. MACHADO, 2008, p. 214)<sup>8</sup>

J. Galante de Sousa registra o poema, que não tem título, pelo primeiro verso (adotamos esse verso por título, nesta edição), em 1894, entre as crônicas da série “A semana” dos dias 21 e 28 de janeiro – e cita o mencionado casamento, ocorrido no dia 27. A única publicação registrada por ele, até 1955, é a de *Autores e Livros*. O poema foi, mais de cinquenta anos depois, incluído em *Toda poesia de Machado de Assis* (2008), por Cláudio Murilo Leal, em *A poesia completa* (2009) por Rutzkaya Queiroz dos Reis, e na *Obra completa em quatro volumes* (2008 e 2015), da editora Nova Aguilar. As transcrições feitas nessas edições apresentam numerosas variantes – razão pela qual nos sentimos estimulados a realizar a edição que apresentamos neste número da *Machadiana*.

---

<sup>8</sup> Sobre Antônio Martins Marinhos, ver a NOTA que se segue à quadra “A Antônio Martins Marinhos”, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

De maneira semelhante ao que ocorre nessas quadras, em que o poeta adota o ponto de vista de uma menina de seis anos de idade, Machado de Assis, já na velhice, depois da morte de d. Carolina, escreveu uma pequena carta encantadora – em parte pelo ponto de vista nela adotado. Tendo ficado muito solitário, depois de viúvo, uma moça sua vizinha, Alba Araújo, deu-lhe um gatinho preto, para fazer-lhe companhia. Para agradecer a ela, escreveu uma cartinha de agradecimento, adotando o ponto de vista do gato... e assinou: “Gatinho preto”. Essa carta foi publicada em reprodução fac-similar na *Revista da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis* (n. 3, p. 34-35, 29 set. 1959), foi transcrita por Raimundo Magalhães Júnior em *Vida e obra de Machado de Assis* (v. 4, p. 217-218, 1981), e, mais recentemente, por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, na *Correspondência de Machado de Assis* (t. 5, p. 439-440, 2015). Ela foi, também, editada neste número da *Machadiana*.

A carta limita-se com o poético:

Quinta-feira.

D. Alba,

Só agora posso pegar na pena e escrever-lhe para agradecer o obséquio que me fez dando-me de presente ao velho amigo Machado. No primeiro dia não pude conhecer bem este cavalheiro; ele buscava-me com palavrinhas doces e estalinhos, mas eu fugia-lhe com medo e metia-me pelos cantos ou embaixo dos aparadores. No segundo dia já me aproximava, mas ainda cauteloso. Agora corro para ele sem receio, trepo-lhe aos joelhos e às costas, ele coça-me, diz-me graças, e, se não mia como eu, é porque lhe custa, mas espero que chegue até lá. Só não consente que eu trepe à mesa, quando ele almoça ou janta, mas conserva-me nos joelhos e eu puxo-lhe os cordões do pijama.

A minha vida é alegre. Bebo leite, caldo de feijão e de sopa, como arroz, e já provei alguns pedaços de carne. A carne é boa; não creio, porém, que valha a de camundongo, mas camundongo é que não há aqui, por mais que os procure. Creio que desconfiaram que há mouro na costa, e fugiram.

Quando virá ver-me? Eu não me canso de ouvir ao Machado que a senhora é muito bonita, muito meiga, muito graciosa, o encanto de seus pais.

E seus pais, como vão? Já terão descido de Petrópolis? Dê-lhes lembranças minhas, e não esqueça este jovem

Gatinho Preto.

Despertando do fascínio que sobre nós exerce essa pequena joia da epistolografia machadiana, retornemos às quadras cuja edição apresentamos.

Outro dado interessante é que elas (as quadras) foram encaminhadas pelo poeta a Antônio Martins Marinhos (que lhas encomendara para a ocasião do casamento em que foram recitadas) acompanhadas de uma outra quadra-bilhete, muito curiosa, em que o próprio nome do poeta (que a assinava) foi incorporado aos versos. Essa quadra, que J. Galante de Sousa não registra na *Bibliografia de Machado de Assis*, encontra-se publicada em AL, no mesmo artigo de Alceu Amoroso Lima (“Migalhas inéditas”), e, sob o título (que lhe demos) de “A Antônio Martins Marinhos”, foi por nós transcrita neste número da *Machadiana Eletrônica*.

*José Américo Miranda*

### **Lista das abreviaturas empregadas nesta edição**

AL – *Autores e Livros*.

COR – *Correspondência de Machado de Assis, 2008-2015*, 5t.

PCRR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.

RSAMA – *Revista da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis*.

TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

VOMA – *Vida e obra de Machado de Assis*, 1981, 4v.

### **Referências**

ASSIS, Machado de. Por ora sou pequenina. In: LIMA, 1941, p. 113.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*. Reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Coordenação e orientação de Sérgio Paulo Rouanet. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008-2015. 5t. [t. 1, 2008; t. 2, 2009; t. 3, 2011; t. 4, 2012; t. 5, 2015]

ATAÍDE, Tristão de. Ver LIMA, Alceu Amoroso.

LIMA, Alceu Amoroso (Tristão de Ataíde). Migalhas inéditas. *Autores e Livros*, Rio de Janeiro, v. I, n. 7, p. 113, 28 set. 1941.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. 4v.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.

REVISTA da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Sociedade dos Amigos de Machado de Assis, n. 3, 29 set. 1959.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

**A ANTÔNIO MARTINS MARINHAS\***

Marinhas,

Aí vão cinco quadrinhas  
Para que a flor das sobrinhas  
Recite. Adeus. Sê feliz.  
O teu,  
Machado de Assis.

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta à seguinte fonte: *Autores e Livros*, Rio de Janeiro, v. I, n. 7, p. 113, 28 set. 1941. Editor: José Américo Miranda. Ubiratan Machado, no *Dicionário de Machado de Assis*, 2008, p. 214, transcreve a quadra (no verbete “Marinhas, Antônio Martins”), separando por barras inclinadas (/) os versos, que não trazem iniciais maiúsculas no início. Ver a “Nota à quadra a que demos o título de ‘A Antônio Martins Marinhas’”, na página seguinte.

## NOTA

### À QUADRA A QUE DEMOS O TÍTULO DE “A ANTÔNIO MARTINS MARINHAS”

A edição desta quadra restringiu-se à transcrição do texto presente no artigo “Migalhas inéditas”, de Tristão de Ataíde (Alceu Amoroso Lima), em *Autores e Livros*, Rio de Janeiro, v. I, n. 7, p. 113, 28 set. 1941. A existência desses versos está vinculada à das cinco quadras, que publicamos sob o título “Por ora sou pequenina”, que Machado de Assis redigiu a pedido de seu amigo Antônio Martins Marinhos, para que uma menina, Abigail, de seis anos de idade, recitasse no casamento da tia dela – Julieta Peixoto da Silva, que se casou com Alfredo Loureiro Ferreira Chaves no dia 27 de janeiro de 1894. Desse casamento, Antônio Martins Marinhos foi uma das testemunhas; ele foi, também, padrinho do irmão de Abigail, batizado nesse mesmo dia. A noiva Julieta era irmã da mãe de Abigail e de Alceu Amoroso Lima, que era a criança batizada. Foi este crítico (Alceu Amoroso Lima / Tristão de Ataíde), no artigo já mencionado, o responsável pela divulgação de ambos os textos – “Por ora sou pequenina” e a quadra que recebeu aqui o título “A Antônio Martins Marinhos”. Ubiratan Machado informa que a dupla cerimônia (o casamento e o batizado) “foi celebrada em casa de Marins” (Marinhos?); ao passo que Alceu Amoroso Lima informa que foi na matriz da Glória, no Largo do Machado. Alceu, recém-nascido (ele nascera em fins de 1893), evidentemente, não podia ter lembranças próprias do acontecimento. Ainda, segundo Ubiratan Machado, Machado de Assis esteve presente às cerimônias.

Antônio Martins Marinhos era um comerciante e industrial português, que foi diretor da Companhia Pastoril Mineira, juntamente com Ernesto Cibrão. A Companhia possuía fazendas em Minas Gerais, e seus diretores organizaram, em janeiro de 1890,

uma excursão a Minas, da qual participaram Machado de Assis e d. Carolina. (Cf. MACHADO, 2008, p. 83 e p. 214)

J. Galante de Sousa registrou, na *Bibliografia de Machado de Assis* (1955, p. 632-633) as quadras setissilábicas, designando-as pelo primeiro verso – “Por ora sou pequenina” –, tomado como título. A quadra endereçada a Antônio Martins Marinhos, em que o poeta falava dos outros versos (as cinco quadras) que lhe mandava, não foi registrada na *Bibliografia*. A outra publicação dela, de que temos conhecimento, é a de Ubiratan Machado, que a transcreveu no *Dicionário de Machado de Assis* (2008). Não sabemos se Alceu Amoroso Lima recolheu o artigo “Migalhas inéditas” em alguma de suas obras.

Para mais informações sobre o contexto em que foi escrita esta quadra, ver também a NOTA que se segue aos versos de “Por ora sou pequenina”, neste número da *Machadiana*.

*José Américo Miranda*

## **Referências**

- LIMA, Alceu Amoroso (Tristão de Ataíde). Migalhas inéditas. *Autores e Livros*, Rio de Janeiro, v. I, n. 7, p. 113, 28 set. 1941.
- MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008.
- SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

## CARTA DO GATINHO PRETO\*

Quinta-feira.

1 D. Alba,<sup>1</sup>

2 Só agora posso pegar na pena e escrever-lhe para agradecer o obséquio que me fez dando-me de presente ao velho amigo Machado. No primeiro dia não pude conhecer bem este cavalheiro; ele buscava-me com palavrinhas doces e estalinhos, mas eu fugia-lhe com medo e metia-me pelos cantos ou embaixo dos aparadores. No segundo dia já me aproximava, mas ainda cauteloso. Agora corro para ele sem receio, trepo-lhe aos joelhos e às costas, ele coça-me, diz-me graças,<sup>2</sup> e, se não mia como eu, é porque lhe custa, mas espero que chegue até lá. Só não consente que eu trepe<sup>3</sup> à mesa, quando ele almoça<sup>4</sup> ou janta, mas conserva-me nos joelhos e eu puxo-lhe os cordões do pijama.

3 A minha vida é alegre. Bebo leite, caldo de feijão e de sopa, como arroz, e já provei alguns pedaços de carne. A carne é boa; não creio, porém, que valha a de camundongo, mas camundongo é que não há aqui, por mais que os<sup>5</sup> procure. Creio que desconfiaram que há mouro na costa,<sup>6</sup> e fugiram.<sup>7</sup>

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: RSAMA (n. 3, p. 34-35, 29 set. 1959), VOMA (v. 4, p. 217-218, 1981) e COR (t. 5, p. 439-449, 2015). Texto-base: RSAMA. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final da nota que se segue ao texto editado. Editor: José Américo Miranda. Em RSAMA a publicação é um fac-símile do manuscrito.

<sup>1</sup> D. Alba,] D. Alba. – em VOMA. Irene Moutinho, em nota à *Correspondência de Machado de Assis* (t. 5, p. 440), informa que Alba era filha de Fanny e Armando de Araújo. O casal Fanny Ribeiro de Araújo e Armando Ribeiro de Araújo era vizinho e amigo do casal Carolina Augusta Xavier de Novais Machado de Assis e Joaquim Maria Machado de Assis. (MACHADO, 2008, p. 25)

<sup>2</sup> graças,] graças – em VOMA e em COR. A vírgula, de fato, está um pouco abaixo da linha normal do texto; porém, isso acontece em outras passagens.

<sup>3</sup> que eu trepe] que me trepe – em VOMA e em COR.

<sup>4</sup> quando ele almoça] quando almoça – em COR.

<sup>5</sup> Observe-se a silepse (concordância ideológica, ou pelo sentido): a palavra “camundongo” vinha sendo usada sempre no singular.

<sup>6</sup> costa,] costa – em VOMA. Antenor Nascentes registra: “*Haver [mouros] na costa*. Haver alguém a espionar, inimigo desconhecido, intrigante encoberto. Reminiscência dos antigos desembarques mouros nas costas do sul da Europa.” (NASCENTES, 1966, p. 190)

<sup>7</sup> Na última página da carta, quarta coluna do fac-símile, os parágrafos não são tão bem marcados como nas três primeiras páginas. Concordamos com a paragrafação adotada em VOMA e em COR.

4 Quando virá ver-me? Eu não me canso de ouvir ao Machado que a senhora é muito bonita, muito meiga, muito graciosa, o<sup>8</sup> encanto de seus pais.

5 E seus pais, como vão? Já terão descido de Petrópolis? Dê-lhes lembranças minhas, e não esqueça este jovem

6 Gatinho Preto.<sup>9</sup>

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

COR – *Correspondência de Machado de Assis*, 2008-2015, 5t.

RSAMA – *Revista da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis*.

VOMA – *Vida e obra de Machado de Assis*, 1981, 4v.

### Referências

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*. Reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Coordenação e orientação de Sérgio Paulo Rouanet. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008-2015. 5t. [t. 1, 2008; t. 2, 2009; t. 3, 2011; t. 4, 2012; t. 5, 2015]

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. 4v.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.

REVISTA da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Sociedade dos Amigos de Machado de Assis, n. 3, 29 set. 1959.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

---

<sup>8</sup> o] e – em VOMA.

<sup>9</sup> Em VOMA, “Gatinho preto” vem grafado em itálico. No manuscrito e em COR, depois de “Gatinho preto”, vêm dois-pontos (:).

## NOTAS DE LEITURA

### ALGUMAS PALAVRAS E CRITÉRIOS DA EDIÇÃO

Mário de Alencar, que foi íntimo amigo de Machado de Assis (na medida em que a discrição machadiana o permitia), foi o responsável, nos anos que se seguiram à morte do escritor, pela publicação de textos inéditos – como as “Notas de leitura de Machado de Assis” – e pela compilação de diversos textos do escritor, nos volumes *Crítica* (1910?), *Teatro* (1910) e *A semana* (1914?) – seleção de crônicas da última grande série publicada por Machado de Assis.

Sobre as notas de leitura, afirma Mário de Alencar que eram muitas, mas que o escritor já havia rasgado ou perdido grande parte delas. Esses apontamentos eram registros feitos por Machado de Assis, quando lia os clássicos da língua portuguesa – em obras tomadas de empréstimo, segundo Mário de Alencar, ao Real Gabinete Português de Leitura. Salvaram-se poucas dessas anotações, que foram transcritas e publicadas por Mário de Alencar no primeiro e no segundo volumes da *Revista da Academia Brasileira de Letras*, em 1910 (o primeiro) e 1911 (o segundo).

O conjunto das notas publicado no primeiro volume da *Revista*, que vem neste número da *Machadiana Eletrônica*, abrange obras dos seguintes autores:

1. padre Manuel Bernardes;
2. Bernardim Ribeiro;
3. frei Amador Arrais;
4. dom Francisco Manuel de Melo; e
5. João de Barros.

Do padre Manuel Bernardes, há anotações tomadas às seguintes obras:

1. *Últimos fins do homem, salvação, e condenação eterna*. Tratado espiritual, dividido em dous livros.

Machado de Assis registrou essa obra, abreviadamente, da seguinte forma: *Ult. fins*. Nas anotações subsequentes dessa mesma obra, ele a registrou assim: *Id.* ou *Id.* A edição que consultamos, para confronto de versões, foi a de 1761, da qual há um exemplar no Real Gabinete Português de Leitura. É provável que esta tenha sido a edição lida por Machado de Assis.

2. *Pão partido em pequeninos para os pequeninos da casa de Deus*. Esse título do padre Manuel Bernardes inclui vários tratados. Das duas passagens transcritas por Machado de Assis, uma pertence ao tratado “As armas da castidade” [“Tratado da virtude da castidade”]; a outra pertence às “Meditações sobre os quatro Novíssimos. Morte, Juízo, Inferno e Paraíso.”

Machado de Assis registrou as transcrições pelo título geral da obra – na primeira passagem, indica o título assim: *Pão part. em peq.*; na segunda, assim: *Id.* A edição que consultamos é de 1737 e, certamente, não foi a utilizada por Machado de Assis, pois a paginação não coincide com a registrada por ele.

3. *Sermões e práticas*. Essa obra tem dois volumes.

Machado de Assis a registrou, abreviadamente, das seguintes formas: *Serm. 2º; S. e p.; Id.; Serm. e pr.; Id., 2º*. Em algumas notas, Machado indica o volume, em outras não; e, às vezes, indica o sermão ou a prática, acompanhado ou não do título abreviado da obra – por exemplo: *Pratic. do Arcanjo S. Miguel; Serm. e pr. – Juizo universal; Id., j. universal; Prat. do Dom., 3º dep. da Petencostes (sic)*.

4. *Estímulo prático para seguir o bem, e fugir o mal*.

Machado de Assis registrou essa obra, abreviadamente, das seguintes formas: *Estim. prat.; Est. prat.* e *Estim. prat.*

5. *Luz e calor*. Obra em duas partes: Luz (primeira parte) e Calor (segunda parte).

Machado de Assis registrou essa obra das seguintes formas: L. e C.; *Luz e Calor*; Id. e Id.

De Bernardim Ribeiro, há uma anotação apenas, tomada à seguinte obra:

1. *Menina e moça*.

Machado de Assis registrou essa obra, abreviadamente, da seguinte forma: *Men. e moça*.

Muito provavelmente, Machado de Assis leu a edição de 1785, que existe no Real Gabinete Português de Leitura e que traz entre parênteses parte do trecho copiado por ele – trecho que vem entre vírgulas em outras edições. Se for verdadeira essa presunção, houve algum equívoco no registro (*Men. e moça*, I<sup>a</sup>, p. II.), porque a passagem encontra-se no livro I<sup>o</sup> (não na “parte I<sup>a</sup>”), no capítulo II (não na página 11, mas na p. 7 – as páginas, nesta edição, são numeradas com algarismos arábicos). O livro segundo começa na p. 105. Há uma outra edição no Real Gabinete Português de Leitura, de 1852, à qual não tivemos acesso. A edição que consultamos (a de 1785 – seguramente derivada da edição de Évora, 1557) começa assim: “Menina, e moça me levaram de casa de meu pai para longes terras: [...]” Machado de Assis empregou, em suas obras, diversas vezes, a expressão “longes terras”. Exemplos: crônica de 17 de outubro de 1864, da série “Ao acaso”, no *Diário do Rio de Janeiro*; “Estâncias a Ema”, tradução de Alexandre Dumas Filho, incluída em *Falenas* (1870); “Gazeta de Holanda”, de 20 de janeiro de 1887, na *Gazeta de Notícias*; crônica de 14 de julho de 1895, da série “A semana”, na *Gazeta de Notícias*. A edição de Ferrara (1554) traz também entre parênteses o trecho que acima mencionamos; porém, esta edição começa assim: “Menina e moça me levaram de casa de minha mãe para muito longe, [...]” A edição de Colônia (1559) é cópia da de Ferrara.

De frei Amador Arrais, há anotações tomadas à seguinte obra:

1. *Diálogos*.

Machado de Assis registrou essa obra, abreviadamente, das seguintes formas: Dial.; *Id.* e Id. – sempre seguida do número do diálogo e/ou da página: o primeiro indicado por algarismo romano (precedido ou não por Dial. ou substituído por id.), o segundo indicado por algarismo arábico. Às vezes há, também, indicação do número do capítulo (com algarismo romano).

Muito provavelmente, Machado de Assis leu a edição de 1846, que ele tinha em sua biblioteca e que existe no Real Gabinete Português de Leitura, e traz as passagens transcritas por ele justamente nas páginas que indicou.

De dom Francisco Manuel de Melo, há anotações tomadas à seguinte obra:

1. *Carta de guia de casados*.

Machado de Assis registrou essa obra das seguintes formas: *Carta de guia de casados* e Id.

A edição que utilizamos para consulta foi a de 1873, preparada por Camilo Castelo Branco. Não localizamos a possível fonte de Machado de Assis.

De João de Barros, há anotações tomadas às seguintes obras:

1. *Década primeira da Ásia*.

Machado de Assis registrou essa obra, abreviadamente, das seguintes formas, omitindo o título (mas indicando o número da *Década*): – 1 – 3 – 2.; – 1 – 3 – 11.; – 1 – 7º – 2º; – 1 – 9 – 4.; Dec., Prologo (neste caso, não indicou o número da *Década*; todas as três décadas que tiveram trechos transcritos trazem prólogo).

Os números indicam, respectivamente, a *Década*, o livro e o capítulo.

2. *Década segunda da Ásia.*

Machado de Assis registra esta obra, abreviadamente, das seguintes formas, omitindo, na maioria das vezes, o título: – 2 – 5 – 2.; – 2 – 9 – 2.; – 2 – 8 – 5.; – 2 – 8 – 2.; – 2 – 5 – 1.; – 2 – 4 – 1.; Dec. 2 – 10 – 8.

3. *Década terceira da Ásia.*

Machado de Assis registra esta obra, abreviadamente, das seguintes formas: *Dec.*, III, VII, IX.; *Id.* III, III, VII.; *Dec.* III-VI, IX.; *Id.* III – VII, IV.; *Id.* III, VII, Cap. I.; *Id.*, III, X, X.; *Id.* III, V, X.; *Id.* III, prolog.; *Id.* III, V, I.; *Dec.* III, IV, VII.

4. *Panegíricos.*

Machado de Assis registrou essa obra, abreviadamente, das seguintes formas: *Panej.*, ou com a indicação do panegírico, como em *Panej. D. João III e Id.* Em algumas anotações, ele registrou não a obra *Panegíricos*, mas o panegírico que contém o trecho transcrito: *D. João III; Id.; João III e Id.; D. Maria e Id.*

As anotações, por seu caráter informal, destinadas a uso pessoal pelo próprio autor delas, seguramente foram feitas em momentos diversos (de leitura), sem uniformidade no registro das indicações bibliográficas, e, evidentemente, sem o rigor de uma obra acabada. Os manuscritos, que desconhecemos, supomos que não tivessem uma caligrafia muito cuidada – já que as anotações se destinavam apenas àquele que as registrou. Não sabemos se Mário de Alencar transcreveu à mão as notas machadianas ou se enviou ao prelo os manuscritos do escritor. O fato é que o texto publicado na *Revista da Academia Brasileira de Letras* (v. I, jul. 1910) – que vem neste número da *Machadiana Eletrônica* – apresenta falhas (erros) que não podemos atribuir ao autor (muitas delas têm o aspecto de erro tipográfico, de leitura equivocada do manuscrito, etc.). Diante disso, adotamos, na edição aqui apresentada, os seguintes critérios:

1. Atualizamos a ortografia dos textos – tanto o de Mário de Alencar, que também transcrevemos, como o das notas de Machado de Assis. Respeitamos, entretanto, o emprego de iniciais maiúsculas e a pontuação (exceto nas indicações

- bibliográficas, que procuramos uniformizar). Eventuais intervenções ficaram anotadas no rodapé e, em alguns casos, foram comentadas.
2. Nas abreviaturas empregadas nas indicações bibliográficas, cuja forma respeitamos, adotamos a acentuação gráfica. A abreviatura *Id.*, frequentemente empregada ao longo das notas, nem sempre vem em itálico – uniformizamos a italicização (e registramos no rodapé). Adotamos o itálico para os títulos de obras (que às vezes vêm em redondo), separamos por vírgula (quando ela não existe na RABL) o título da obra das indicações que vêm depois dele: indicações de partes, livros, capítulos ou páginas.
  3. As indicações bibliográficas, registradas de forma abreviada por Machado de Assis, foram estendidas no rodapé; e ficaram registradas as edições que consultamos (com as indicações de partes, livros, tratados, capítulos, fólhos ou páginas).
  4. Nas indicações numéricas, quando feitas em algarismos arábicos em RABL, o número 1 vem grafado com a letra “i” em versalete – “I”. Transcrevemos os algarismos utilizando o numeral arábico “1”.
  5. Quando, nas notas machadianas, havia variantes breves (em relação ao texto da obra que consultamos), em número reduzido, registramos isoladamente os fatos em rodapé.
  6. Quando as variantes eram numerosas ou abrangiam aspectos diversos do texto, transcrevemos no rodapé o texto, conforme vem na edição que consultamos.
  7. Quando Machado de Assis suprimiu trechos (o que ele indicava por reticências), registramos o texto completo, com a parte suprimida entre colchetes.
  8. A transcrição dos textos das fontes que consultamos (para confronto) foi feita com atualização da ortografia, com conservação de vocábulos antigos ainda registrados no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* ou em dicionários atuais, e, ainda, um ou outro vocábulo em forma antiga (geralmente objeto de comentário logo em seguida ao trecho).
  9. Eventuais comentários ao texto ou às variantes foram registrados depois das informações objetivas relativas a cada tópico.

Muitas das variantes existentes nas “Notas de leitura de Machado de Assis” publicadas na *Revista da Academia Brasileira de Letras* em 1910 seguramente não foram produzidas pelo autor das anotações. Entretanto, não podemos saber, sem o exame do manuscrito autógrafo, se tais variantes provêm dele, se da transcrição enviada à tipografia (terá sido o manuscrito autógrafo enviado, ele mesmo, à tipografia?), ou se teriam origem na tipografia que imprimiu a *Revista*.

Registre-se, por fim, que, embora Mário de Alencar afirme que o manuscrito pertence à Academia Brasileira de Letras, J. Galante de Sousa, na seção de manuscritos de sua *Bibliografia de Machado de Assis*, não o registra. Tampouco há informações sobre ele no *site* da Academia. Teria o manuscrito sido enviado à gráfica e, de lá, desaparecido?

Gilson Santos  
José Américo Miranda

## NOTAS DE LEITURA \*

Machado de Assis foi aluno assíduo dos escritores da língua portuguesa, mas ao tempo em que primeiro os estudou, faltando-lhe meios para comprá-los, lia-os de empréstimo, como assinante do Gabinete Português de Leitura. Anotava então em pequenas folhas avulsas o que ia achando interessante, em matéria de estilo e de língua, sob o ponto de vista da dicção ou gramática. Ouvi-lhe uma vez que eram muitas essas notas, mas que em grande parte as tinha já rasgado ou perdido, e igual destino haviam de ter as restantes. Salvaram-se felizmente algumas, que hoje pertencem à Academia Brasileira, doadas com outros manuscritos do escritor, pela herdeira dele. São as que começam a ser aqui publicadas, nesta parte da Revista, onde têm cabimento, pela sua natureza. De melhor maneira não se poderia inaugurar a seção de lexicografia; e do exemplo do mestre e do seu cuidado e diligência no estudo da língua portuguesa, confio que virá incentivo para os seus confrades e discípulos, a segui-lo nesse labor paciente, e a contribuírem com as suas proveitosas pesquisas para os trabalhos preparatórios do futuro dicionário que à Academia Brasileira incumbe fazer, e ela há de fazer.

MÁRIO DE ALENCAR

---

\* Estas “Notas de leitura” de Machado de Assis, deixadas manuscritas pelo autor, foram publicadas na *Revista da Academia Brasileira de Letras (RABL)*, v. I, p. 137-145, jul. 1910, transcritas por Mário de Alencar, na seção “Lexicografia”, com o título “Notas de leitura de Machado de Assis”. O volume de janeiro de 1911 de RABL traz uma segunda parte dessas anotações. Raimundo Magalhães Júnior, com pequenas variantes de redação, as transcreveu em sua obra *Ao redor de Machado de Assis* (1958, p. 267-278). Nesta edição, optamos por transcrever, também, a nota inicial de Mário de Alencar. A lista das abreviaturas aqui empregadas encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda.

P<sup>o</sup> M. BERNARDES.

– Bem arbitrado estava,<sup>1</sup> porque desde que Eva se pôs a conversar com a serpente parece que se pegou um não sei quê de serpente a todo este sexo. – *Últ. fins*, 97.<sup>2</sup>

– *Emprestadas* – ... de frases esquisitas e palavras emprestadas da língua latina.<sup>3</sup>  
– *Id.*<sup>4</sup>

– *Muchacho* – Vejo, disse o muchacho<sup>5</sup> – *Id.*, 154.<sup>6</sup>

– A nau para fazer viagem há de ter lastro e há de ter velas. Tudo lastro, ir-se-á ao fundo; tudo velas, correrá tormenta. Também a alma faz sua viagem neste mundo, porque também o mundo é mar... *Id.*, 114.<sup>7</sup>

– ... recolham das flores quantidade do orvalho da madrugada, e com este suor da aurora. – *Id.*, 66.<sup>8</sup>

– Levantou-se em todo o auditório um confuso murmurinho, como as folhas de um arvoredo se inquieta com o vento<sup>9</sup> – *Id.*, 368.<sup>10</sup> (*Imagem semelhante se encontra em Homero e Camões – N. de M. de A.*)

– Que atado tinha o entendimento aquela religiosa, aqui nesta cidade de Lisboa, quando toda uma manhã inteira esteve por obediência... *Id.*, 166.<sup>11</sup>

---

<sup>1</sup> esteve; – em UF.

<sup>2</sup> *Últ. fins*, 97. *Os últimos fins do homem*, livro I, capítulo VII, 1761, p. 97. Muito provavelmente, foi esta a edição lida por Machado de Assis; ela existe no Real Gabinete Português de Leitura, e a página registrada na nota confere com a do exemplar (de 1761) que consultamos.

<sup>3</sup> [...] de frases esquisitas, e palavras emprestadas das línguas Latina, e Grega – em UF, p. 343.

<sup>4</sup> *Id.* *Os últimos fins do homem*, livro II, discurso II, 1761, p. 343.

<sup>5</sup> Vejo (disse o muchacho) – em UF, p. 154. Raimundo Magalhães Júnior observou que a palavra “muchacho” “foi utilizada por Machado de Assis em ‘O Almada’, canto III”. Na edição de 1910 (em *Outras relíquias*), encontramos, na parte VI do mencionado canto: “Abalada a cidade quase tanto / Como nos dias de solene festa / Da grande aclamação, de que ainda falam / Com saudade os muchachos de outro tempo, / Varões agora de medida e peso, / Todo o povo deixara as casas suas.” (ASSIS, 1910, p. 127)

<sup>6</sup> *Id.* 154. – em RABL. *Os últimos fins do homem*, livro I, capítulo X, 1761, p. 154.

<sup>7</sup> *Id.* 114. – em RABL. *Os últimos fins do homem*, livro I, capítulo IX, 1761, p. 114.

<sup>8</sup> *Id.*, 66. *Os últimos fins do homem*, livro I, capítulo VI, 1761, p. 66.

<sup>9</sup> Levantou-se em todo o auditório um confuso murmurinho, como as folhas de um arvoredo se inquietam com o vento.” – em UF, p. 368. Em RABL, depois de “murmurinho” vem ponto (no lugar da vírgula).

<sup>10</sup> *Id.* 368. – em RABL. *Os últimos fins do homem*, livro II, discurso II, 1761, p. 368.

<sup>11</sup> *Id.* 166. – em RABL. Nessa publicação há um asterisco nesta anotação, na margem esquerda, no início do espaço indicador de parágrafo, antes do travessão. Não encontramos explicação para o asterisco, razão pela qual o suprimimos.

– ... e diziam: Praça, praça, que vem uma pessoa principal, façam lugar, que vem... *Pão part. em peq.*, 393, fim.<sup>12</sup>

– Este mundo não é pátria nossa, é desterro; não é morada, é estalagem; não é porto, é mar, por onde navegamos. Vivemos de empréstimo. – *Id.*, 93.<sup>13</sup>

– *A caso* –<sup>14</sup> Oh! não cuidem os filhos de Adão, que desde que ele pecou tão de propósito, morre alguém a caso. Não são acasos as mortes inesperadas.<sup>15</sup> – *Serm.*, 2º, 95.<sup>16</sup>

– *Guardar silêncio* – Fiz sinal às nossas<sup>17</sup> virgens para que guardassem silêncio, etc. *Estím. prá.*, 203.<sup>18</sup>

– O cantarem na missa entre a palavra evangélica e sacrossanta mistérios, modilhas e sarabandas próprias de comédia<sup>19</sup> – *Est. prá.*, 143.<sup>20</sup>

– Tão pouco<sup>21</sup> os que amam as honras e aplausos, as riquezas e prosperidades, porque tudo isso são bênçãos da fortuna – *Serm.*, 2º, 248.<sup>22</sup>

– ... deve a caridade estar sempre ao leme; devem encher o pano os alentos da esperança – *Serm.*, 2º, 107.<sup>23</sup>

– Por este exemplar<sup>24</sup> é bem que os confessores, os missionários, os pregadores, e os mestres de espírito reconheçam a sua obrigação e estimem o seu ofício – *Serm.*, 2º, 56.<sup>25</sup>

---

<sup>12</sup> *Pão part. em peq.* 393, fim. Machado de Assis atribui a passagem ao tratado “Pão partido em pequeninos para os pequeninos da casa de Deus”. Essa obra costuma vir impressa com outros tratados do mesmo autor. Encontramos a passagem no “Tratado da virtude da castidade [In: Armas da castidade]” (TVC). Machado de Assis citou a obra pelo título do primeiro tratado, que vem em destaque na página de rosto do volume. A edição que consultamos é de 1737, e a passagem transcrita vem à p. 426.

<sup>13</sup> Como no caso da nota anterior, Machado de Assis citou a obra pelo título do primeiro tratado. Localizamos esta passagem em “Meditações sobre os quatro Novíssimos. Morte, Juízo, Inferno e Paraíso.” (MQN) A edição que utilizamos é de 1726; nela, a passagem vem à p. 140.

<sup>14</sup> *A caso*. – em RABL. Esta expressão – “A caso.” – foi utilizada por Machado de Assis como “lema”, como ele fez com “*Muchacho*”, um pouco acima. Por esse motivo, adotamos aqui o itálico, como naquele outro caso.

<sup>15</sup> Oh não cuidem os filhos de Adão, que, desde que ele pecou tão de propósito, morre alguém a caso. Não são a casos as mortes inesperadas: – em SP (2ª parte, p. 95) No trecho, tal como se encontra na transcrição publicada na RABL, há uma oposição ortográfica entre “a caso” e “acasos”. Essa oposição não existe em SP.

<sup>16</sup> *Serm.* 2º, 95. – em RABL. *Sermões e práticas*, Sermão da cinza, segunda parte, 1733, p. 95.

<sup>17</sup> vossas – em EP, p. 203.

<sup>18</sup> *Estím. prá.* 203. – em RABL. *Estímulo prático para seguir o bem, e fugir o mal*, 1730, p. 203. Esta edição desta obra existe no Real Gabinete Português de Leitura.

<sup>19</sup> O cantarem na Missa entre a Palavra Evangélica, e Sacrossantos mistérios, modilhas, e sarabandas próprias da Comédia. – em EP, p. 143.

<sup>20</sup> *Est. prá.*, 143. *Estímulo prático para seguir o bem, e fugir o mal*, 1730, p. 143.

<sup>21</sup> Tão pouco – entenda-se: tampouco (muito menos).

<sup>22</sup> *Serm.* 2º, 248. – em RABL. *Sermões e práticas*, segunda parte, Prática da invenção da S. Cruz, 1733, p. 248.

<sup>23</sup> *Serm.* 2º, 107. *Sermões e práticas*, segunda parte, Sermão da cinza, 1733, p. 107.

<sup>24</sup> Exemplar – entenda-se: que pode servir de modelo [refere-se o sermão a s. Francisco de Sales].

<sup>25</sup> *Serm.* 2º, 56. *Sermões e práticas*, segunda parte, Sermão do glorioso S. Francisco de Sales, 1733, p. 56.

– ... no meio de uma quietação e silêncio mui alto – *L. e C.*, I, 123.<sup>26</sup>

– ... pregadores sem conto, mas conversões mui contadas: muito luzir nas cadeiras e nas cortes, pouco alumiar nas missões e confessionários: tudo é aguçar e limar as facas<sup>27</sup> e espadas dos entendimentos, e não aparecem operários na seara, nem soldados na campanha – *Luz e Calor*, I, 80.<sup>28</sup>

– porque as rodas da imperial e invisível carroça de vossa providência, pisam etc. – *Id.*, II, 562.<sup>29</sup>

– Quando ouço os outros, quero ir adiante<sup>30</sup> e adivinhando; quando os outros me ouvem quero-os atentos e pendurados. A história nova, o conceito bem achado, a erudição noticiosa, ferverem-me no peito por se comunicar; e se entristece a natureza, se a achou já sabida de outros – *Luz e Calor*, II, 541.<sup>31</sup>

– Que nos lembra essa grande criatura do oceano, senão o mundo, inchado pela soberba, lívido pela inveja, férvido pela ira, vário pela inconstância, e tragador pelos desastres da perdição eterna?<sup>32</sup> – *Id.*, II, 555.<sup>33</sup>

– A rosa desatando do nó verde sua rubicunda pompa, amanhece dizendo-me: Oh! como, etc. – *Id.*, II, 553.<sup>34</sup>

– ... a mais primorosa pintura, primeiro foi poucas linhas de um informe debuxo, e as flores, que na árvore não pareciam mais que uns suspiros, ou desejos de se comunicar vieram a produzir frutas abundantes e consumadas.<sup>35</sup> – *Id.*, II, 53.<sup>36</sup>

---

<sup>26</sup> *L. e C.* I, 123. – em RABL. *Luz e calor*, parte I, p. 123. Em LC, edição de 1871, esta passagem encontra-se na p. 93.

<sup>27</sup> fources – em LC, edição de 1871, p. 60.

<sup>28</sup> *Luz e Calor* – I, 80. – em RABL. *Luz e calor*, parte I, p. 80. Em LC, edição de 1871, esta passagem encontra-se na p. 60.

<sup>29</sup> *Id.* II, 562. – em RABL. Em LC, edição de 1871, esta passagem encontra-se na p. 427.

<sup>30</sup> diante, – em LC, edição de 1871, p. 411.

<sup>31</sup> *Luz e Calor*. II, 541. – em RABL. *Luz e calor*, parte II, p. 541. Em LC, edição de 1871, esta passagem encontra-se na p. 411.

<sup>32</sup> Que nos lembra esta grande criatura do Oceano, senão o mundo, inchado pela soberba, lívido pela inveja, férvido pela ira, vário pela inconstância, e tragador de naufragos pelos desastres da perdição eterna? – em LC, edição de 1871, p. 421-422. Por “esta grande criatura do Oceano” entenda-se o próprio oceano.

<sup>33</sup> *Id.*, II, 555. *Luz e calor*, parte II, p. 555. Em LC, edição de 1871, esta passagem encontra-se nas páginas 421-422.

<sup>34</sup> *Id.*, II, 553. *Luz e calor*, parte II, p. 553. Em LC, edição de 1871, esta passagem encontra-se na p. 420.

<sup>35</sup> frutos abundantes, e consumados. – em LC, edição de 1871, p. 407.

<sup>36</sup> *Id.*, II, 53. *Luz e calor*, parte II, p. 53. Em LC, edição de 1871, esta passagem encontra-se na p. 407.

– Andar com o peito desabrochado. – *Id.*, II, 250.<sup>37</sup>

– Quem sabe o A do amor e Z do zelo, sabido tem o abecedário de todas as nações.<sup>38</sup> – *Estím. prát.*, 10, *in fine*.<sup>39</sup>

– Os trajes pouco honestos que estão peitando os olhos para que atendam, e fazendo à alma vendável o seu pecado, eis aí um espinho que lastima a flor da castidade. Os livros obscenos e vãos, que não sei como no princípio trazem licença para se imprimir, e mais se imprimem na alma para escurecer, do que na oficina para sair à luz, eis aí outro espinho e outro escândalo.<sup>40</sup> – *Prátic. do Arcanjo S. Miguel*, (431).<sup>41</sup>

– Então admirados os réprobos da salvação dos justos, tendo já sobre os olhos a sentença da sua condenação, entendendo a consideração pela eternidade da sua miséria, gemendo com grande angústia do seu espírito, romperão naquele pranto lastimoso, que santos mil antes lhes estavam no livro da sabedoria prognosticando.<sup>42</sup> – *Serm. e pr.*, 186 – Juízo universal.<sup>43</sup>

– Vocabulário novo e contudo já muito usado. Ele é furto, chamam-lhe arrear; ele é vingança, chamam-lhe acudir pela honra; ele é.... chamam-lhe conversar discreto.<sup>44</sup> – *Id.*, 2º, 377.<sup>45</sup>

– Rasgam-se as cataratas do céu, abrem-se as fontes do abismo, e soçobram as enchentes os mais altos montes, tudo perece. Pombinha solitária, que saístes a descobrir terra, que é o que vedes? Mudou de rosto a natureza; tudo está submergido debaixo de um mar sem praias... Vira que o sol também morre, que as estrelas também caem, que as gentes perecem, como as idades e as idades como as flores. Vira como a sucessão das

---

<sup>37</sup> *Id.*, II, 250. *Luz e calor*, parte II, p. 250. Em LC, edição de 1871, esta passagem encontra-se na p. 265.

<sup>38</sup> Quem sabe o A do amor, e o Z do zelo, sabido tem o Abecedário inteiro de todas as Nações[.] – em EP, p. 10.

<sup>39</sup> *Estím. prát.*, 10, *in fine*. – em RABL. *Estímulo prático para seguir o bem, e fugir o mal*, 1730, p. 10. A citação encontra-se nas duas últimas linhas da página indicada.

<sup>40</sup> Os trajes pouco honestos, que estão peitando os olhos para que atendam, e fazendo à alma vendável o seu pecado: eis aí um espinho que lastima a flor da castidade. Os livros obscenos, e vãos, que não sei como no princípio trazem licença para se imprimir, e mais se imprimem na alma para a escurecer, do que na oficina para saírem à luz: eis aí outro espinho, e outro escândalo. – em SP, primeira parte, p. 431.

<sup>41</sup> *Prátic. do Arcanjo S. Miguel*, (431). – em RABL. *Sermões e práticas*, primeira parte, Prática em dia do Arcanjo S. Miguel, 1711, p. 431.

<sup>42</sup> Então admirados os réprobos da salvação dos justos, tendo já sobre os olhos a sentença de sua condenação, entendendo a consideração pela eternidade de sua miséria, gemendo com grande angústia de seu espírito romperão naquele pranto lastimoso, que tantos mil anos antes lhes estava no livro da Sabedoria pronosticado. – em SP, primeira parte, p. 186.

<sup>43</sup> *Serm. e pr.*, 186 – *Juízo universal*. – em RABL. *Sermões e práticas*, primeira parte, Prática do Juízo Universal na primeira domingo do Advento, 1711, p. 186.

<sup>44</sup> ele é [murmurar,] chamam-lhe conversar discreto. – em SP, segunda parte, p. 377.

<sup>45</sup> *Id.*, 2º, 377. *Sermões e práticas*, segunda parte, 1733, p. 377.

gerações não é mais que um desejo baldado de imortalidade, e um despojo certo da morte.<sup>46</sup> – *Id.*, 2º, 87.<sup>47</sup>

– Chamava-o<sup>48</sup> para governar homens, que é a arte das artes. – *Id.*, 2º, 427.<sup>49</sup>

– ... aqui estão à mesa rindo e fartando-se, acolá estão no leito *gemendo o que riram*, e sangrando-se do que comeram. – *S. e p.*, 202.<sup>50</sup>

– Os quais (condenados) entretanto<sup>51</sup> se amaldiçoarão a si, e a Cristo, e a sua mãe santíssima, e a seus santos; e logo cingindo-os à roda o fogo que acabou de purificar o mundo, e ajuntando-se no mesmo lugar das ruínas, as cinzas, imundícies, homens, e demônios com o Anticristo, e Lúcifer, alargará o inferno a sua garganta,<sup>52</sup> e tragará tudo de um sorvo. E logo a terra se tornará a fechar com um grandíssimo estampido, para se não abrir jamais enquanto Deus for Deus. – *Id.*, 871, J. universal.<sup>53</sup>

– De todos quantos homens houve, e há de haver no mundo, um só foi impecável que é Cristo, e todos os mais são pecadores, que somos nós. – *Prát. do Dom.*, 3º dep. do Pentecostes, 53.<sup>54</sup>

BERNARDIM RIBEIRO.

– *Deus me é testemunha* – ... me recolhia para minha casa (onde Deus me é testemunha de como as noites dormia).<sup>55</sup> *Men. e moça*, 1ª, p. 11.<sup>56</sup>

---

<sup>46</sup> Rasgam-se as cataratas do Céu, abrem-se as fontes do abismo, e soçobram as enchentes os mais altos montes: tudo perece. Pombinha solitária, que saístes a descobrir terra: que é o que vedes? Mudou de rosto a natureza: tudo está submergido debaixo de um mar sem praias. [...] Vira que o Sol também morre: que as estrelas também caem: que os gostos passam, como as idades, e a idade como as flores. Vira como a sucessão das gerações não é mais, que um desejo baldado da imortalidade, e um despojo certo da morte. – em SP, segunda parte, p. 87. Os três pontos entre colchetes indicam supressão de um trecho relativamente longo.

<sup>47</sup> *Id.*, 2º, 87. *Sermões e práticas*, segunda parte, 1733, p. 87.

<sup>48</sup> Chamava-o – em SP, segunda parte, p. 427.

<sup>49</sup> *Id.*, 2º, 427. *Sermões e práticas*, segunda parte, 1733, p. 427.

<sup>50</sup> *S. e p.*, 202. *Sermões e práticas*, primeira parte, 1711, p. 202. Não há trecho em itálico no texto-fonte.

<sup>51</sup> Os quais entretanto – em SP, primeira parte, p. 187. Em RABL, a página foi equivocadamente grafada “871”. Este trecho começa na p. 187 e termina na p. 188.

<sup>52</sup> imundícias, homens, e demônios com o Anticristo, e Lúcifer, alargará o inferno a garganta, – em SP, primeira parte, p. 187.

<sup>53</sup> *Id.*, 871, j. universal. – em RABL. *Sermões e práticas*, primeira parte, Prática do Juízo Universal na primeira domingo do Advento, 1711, p. 187-188.

<sup>54</sup> *Prát. do Dom.*, 3º dep. da Petencostes, 53. – em RABL. *Sermões e práticas*, primeira parte, Prática da Domingo Terceira depois do Pentecostes, 1711, p. 53.

<sup>55</sup> [...] me recolhia para a minha pobre casa (onde Deus me é boa testemunha de como as noites dormia)[.] – MM, p. 7.

<sup>56</sup> *Men. e moça*, 1ª, p. 11. *Menina e moça*, parte primeira, p. 11. Na edição que consultamos (1785), o trecho se encontra no livro primeiro, cap. II., p. 7. Nessa edição, a obra *Menina e moça* vem dividida em “livro primeiro” (do capítulo I até o capítulo XXXI) e “livro segundo” (do capítulo I até o capítulo LVIII). Na

AMADOR ARRAIS.

– Entre luz e fusco – *Diál.*, III, p. 164.<sup>57</sup>

– *Bom barato* – Não podem sofrer mais tratamentos,<sup>58</sup> nem soberbos impérios, e fazem bom barato da vida. – *Id.*, IV – XII – 264.<sup>59</sup>

– ... Nenhuma (cousa) há tão bem guisada e apetitosa, que a reflexão a não faça desabrida e fastiosa.<sup>60</sup> – *Id.*, p. 51.<sup>61</sup>

– Este tal mantimento faz os homens enxutos, rijos, de gentil aspeto<sup>62</sup> – *Id.*, p. 51.<sup>63</sup>

– Charlataria. *Id.*, p. 52.<sup>64</sup>

– Que são golpeados, cramos, recramos, abanos, marquesotas e luvas perfumadas, senão, etc. – *Id.*, X – p. 739.<sup>65</sup>

– Pregiar reposteiros com armas não suas, vemos cada hora sem alguma vergonha, e tomar cognome<sup>66</sup> de nobres os que foram seus criados. – *Id.*, *id.*, cap. XVII, p. 651.<sup>67</sup>

---

edição de Teófilo Braga, de que consultamos um exemplar da coleção “Biblioteca Lusitana” (quinta edição, sem data), a obra é dividida em “parte primeira” (do capítulo I até o capítulo LI) e “parte segunda” (do capítulo I ao capítulo XXXIX). É pertinente a esta questão a nota que Teófilo Braga pôs ao final do capítulo XXXI (da primeira parte), que transcrevemos: “Em todas as edições de Ferrara de 1554, de Évora de 1557, Colônia 1559, e nos Manuscritos da *Menina e moça* da Biblioteca de Madrid, e do Arcediago de Barroso, termina a Primeira Parte do Livro das Saudades no cap. XXXI, ficando interrompida a narrativa. / Na parte II, *trasladada do seu próprio original*, como declara o editor eborense, aparece um caderno com os cap. XXXII a L, contendo o desenvolvimento e desenlace dos amores de Binnarder e Aônia.” (s.d., p. 83)

<sup>57</sup> *Diál.* III, p. 164 – em RABL. *Diálogos de dom frei Amador Arrais*, 1846, diálogo III, capítulo XVI, p. 164. Esta expressão rendeu a Machado de Assis o título do capítulo LI – “Entre luz e fusco” – de *Dom Casmurro*. (Cf. ASSIS, 1969, p. 136)

<sup>58</sup> maus tratamentos, – em DIAL. *Diálogos de dom frei Amador Arrais*, 1846, Diálogo IV (ou IIII), capítulo XII, p. 264.

<sup>59</sup> *Id.*, IV – XII – 264. *Diálogos de dom frei Amador Arrais*, 1846, diálogo IV, capítulo XII, p. 264.

<sup>60</sup> [O jejum põe sal aos manjares, com fome] nenhuma cousa se come que não seja saborosa, e nenhuma há tão bem guisada, e apetitosa, que a repleção a não faça desabrida, e fastiosa. – em DIAL, p. 51.

<sup>61</sup> *Id.*, p. 51. *Diálogos de dom frei Amador Arrais*, 1846, diálogo I, capítulo XX, p. 51.

<sup>62</sup> aspecto – em DIAL, p. 51.

<sup>63</sup> *Id.* p. 51. – RABL. *Diálogos de dom frei Amador Arrais*, 1846, diálogo I, capítulo XX, p. 51.

<sup>64</sup> *Id.* p. 52. – em RABL. *Diálogos de dom frei Amador Arrais*, 1846, diálogo I, capítulo XXII, p. 56. Se estiver correta a nossa presunção de que Machado de Assis leu a edição de 1846, há aqui um erro na página indicada (p. 52 no lugar de p. 56).

<sup>65</sup> *Id.*, X – p. 739. *Diálogos de dom frei Amador Arrais*, 1846, diálogo X, capítulo XLIX (ou XXXIX), p. 739. Algumas das palavras desse trecho não constam no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* nem na maioria dos dicionários; entretanto, elas se encontram registradas no *Grande dicionário da língua portuguesa*, de Antônio de Morais Silva, 1949-1959, 10ª edição em 12 volumes.

<sup>66</sup> cognomes – em DIAL, p. 651.

<sup>67</sup> *Id.*, *id.*, cap. XVII, p. 651. – em RABL. *Diálogos de dom frei Amador Arrais*, 1846, diálogo X, cap. XVII, p. 651.

– ... termas, hipocáusios,<sup>68</sup> untórios, batistérios, celas frigidárias, tepidárias, caldárias e outros banhos. – *Id.*, Diál. II, c. X, p. 43.<sup>69</sup>

– homem, que é um mundo abreviado – *Id.* Diál. III, p. 214.<sup>70</sup>

– Terra de Filistins<sup>71</sup> – *Id.*, VII, p. 416.<sup>72</sup>

#### D. FRANCISCO MANUEL.

– É defeito que compreende não só as grandes senhoras... – *Carta de guia de casados*, 30.<sup>73</sup>

– feita ao descuido – *Id.*, Pról.<sup>74</sup>

– O Velho –, espelho de graça e cortesia.<sup>75</sup> – *Id.*, 75.<sup>76</sup>

#### JOÃO DE BARROS.

– *A grande pressa* – E tanto que rompeu a manhã, que o vento deu lugar, a grande pressa se recolheu. – *Déc.* III, VII, IX.<sup>77</sup>

---

<sup>68</sup> hipocaustos, – em DIAL, p. 87.

<sup>69</sup> *Id.* Diál. II, c. x, p. 43. – em RABL. *Diálogos de dom frei Amador Arrais*, 1846, diálogo II, capítulo X, p. 87. Em DIAL, ao lado do trecho citado, há uma referência de natureza bibliográfica, 43-3 (indicações relativas ao manuscrito – fólio 43, coluna 3), que pode explicar o erro da página nas “Notas de leitura”.

<sup>70</sup> *Id.* Diál. III, p. 214. – em RABL. *Diálogos de dom frei Amador Arrais*, 1846, diálogo III, capítulo XXX, p. 210. Se é correta a nossa presunção de que Machado de Assis leu os *Diálogos* na edição de 1846, houve erro no registro do número da página; esta passagem pertence, de fato, ao “Diálogo terceiro”, mas vem à p. 210. A ideia do homem como “mundo abreviado” aparece, por exemplo, no soneto “Mundo interior”, de Machado de Assis (composição que vem em “Ocidentais”). Péricles Eugênio da Silva Ramos (1964, p. 65) observa, em nota a este soneto: “Cuida a poesia da oposição entre o macrocosmo e o microcosmo.” Em outras palavras, o “mundo abreviado” corresponde ao “microcosmo”.

<sup>71</sup> terra de Filistim – em DIAL, p. 446.

<sup>72</sup> *Id.* VII, p. 416. – em RABL. *Diálogos de dom frei Amador Arrais*, 1846, diálogo VII, cap. VI, p. 446. No exemplar que consultamos, o segundo algarismo da página (4) está mal impresso – lê-se facilmente “416” no lugar de “446”.

<sup>73</sup> *Carta de guia de casados*, 30. *Carta de guia de casados*, 1873, capítulo VII, p. 81.

<sup>74</sup> *Id.* pról. – em RABL. O registro “Pról.”, na verdade, refere-se a um dos textos prologais, a “[Carta] A dom Francisco de Melo”, primo de dom Francisco Manuel de Melo. Esta carta, na edição de 1873, vem às páginas 57-58.

<sup>75</sup> No texto da *Carta de guia de casados*, não aparece a palavra “velho”: “Galantemente o advertiu o nosso Sá nos seus Vilhalpandos, espelho de graça, e cortesia.” – em CGC, p. 126-127. Pelo que entendemos, a expressão “espelho de graça, e cortesia” se refere à comédia *Vilhalpandos*, de Sá de Miranda. Teria Machado de Assis registrado o título da obra – *Vilhalpandos* – de forma abreviada (afinal, tratava-se apenas de uma anotação), que foi entendida, pelo compositor, na tipografia, como “O Velho”?

<sup>76</sup> *Id.* 75. – em RABL. *Carta de guia de casados*, 1873, capítulo XXV, p. 126-127.

<sup>77</sup> *Déc.*, III, VII, IX. – em RABL. Entenda-se: *Década terceira*, livro sétimo, capítulo IX. O trecho transcrito, em DECIII, vem no verso do fól. 193.

– *Enverdecer* – E a causa é porque enverdece com a água salgada – *Id. III, III, VII.*<sup>78</sup>

– ... porque os amigos que se viam de tarde em tarde, com mais amor se trataram, que quando se vizinham; e isto cansava o coração do homem, por ser como as ondas do mar, que batiam naquele recife de pedras que ali estava, o qual mar pela vizinhança que tinha com ele, e lhe impedir estender-se pela terra à sua vontade, quebrava tão fortemente no vizinho que de bravo e soberbo levantava suas ondas té o céu, e com esta fúria fazia dois danos, um a si mesmo assanhando-se, o outro ao vizinho em o ferir.<sup>79</sup> – *I – 3 – 2.*<sup>80</sup>

– ... indignando tanto esta maneira de falar a alguns fidalgos, que ajustando este aborrecimento de sua soltura com a mágoa que viam ter a El-Rei de perder aquela empresa (a descoberta da América), ofereceram-se deles que o queriam matar e com isto se evitaria ir este homem a Castela (Colombo).<sup>81</sup> – *I – 3 – 11.*<sup>82</sup>

– ... o incitaram com uma virtuosa inveja. – *I – 7º – 2º.*<sup>83</sup>

– ... a Fortuna (porque ela poucas vezes leva alguém ao sumo estado, senão por meio de algum crime cometido).<sup>84</sup> – *2 – 5 – 2.*<sup>85</sup>

– ... homens (jaus) mui atrevidos em cometer e animosos em esperar<sup>86</sup> – *2 – 9 – 2.*<sup>87</sup>

---

<sup>78</sup> *Id. III, III, VII.* – em RABL. *Década terceira*, livro terceiro, capítulo VII. O trecho transcrito, em DECI, vem no verso do fól. 69.

<sup>79</sup> [...] porque os amigos que se viam de tarde em tarde, com mais amor se tratavam, que quando se vizinham; e isto causava o coração do homem, por ser como as ondas do mar, que batiam naquele recife de pedras que ali estava, o qual mar pela vizinhança que tinha com ele, e lhe impedir estender-se pela terra à sua vontade, quebrava tão fortemente no vizinho que de bravo e soberbo levantava suas ondas té o céu, e com esta fúria fazia dois danos, um a si mesmo assanhando-se, e outro ao vizinho em o ferir. – em DECI. Em DECI, suspeitamos de erro tipográfico em “causava” (cansava?).

<sup>80</sup> *1 – 3 – 2.* – em RABL. *Década primeira*, livro terceiro, capítulo II. Em DECI, o trecho transcrito vem ao final do verso do fól. 37 e no início do fól. 38.

<sup>81</sup> [...] indignou tanto esta maneira de falar a alguns fidalgos, que ajustando este avorrecimento de sua soltura, com a mágoa que viam ter a el-Rei de perder aquela empresa, ofereceram-se deles que o queriam matar, e com isto se evitaria ir este homem a Castela. – em DECI. Em RABL, no início desta nota não há o travessão (que adotamos, para uniformização).

<sup>82</sup> *1 – 3 – 11.* – em RABL. *Década primeira*, livro terceiro, capítulo XI. Em DECI, a passagem transcrita vem no fól. 56.

<sup>83</sup> *1 – 7º – 2º.* – em RABL. *Década primeira*, livro sétimo, capítulo II. Em DECI, a passagem transcrita vem no fól. 129.

<sup>84</sup> [...] a fortuna o chamava, (porque ela poucas vezes leva alguém a sumo estado, senão per meio de algum crime cometido) – em DECI.

<sup>85</sup> *2 – 5 – 2.* – em RABL. *Década segunda*, livro quinto, capítulo II. Em DECI, a passagem transcrita vem no verso do fól. 101.

<sup>86</sup> [Porque além de Lacsamaná trazer consigo muita gente, a maior parte dela Jaus] homens mui atrevidos em cometer e animosos em esperar – em DECI. A passagem transcrita vem no verso do fól. 203 (há dois fólícos com o número 203; porém, o primeiro deles corresponde ao fól. 202).

<sup>87</sup> *2 – 9 – 2.* – em RABL. *Década segunda*, livro nono, capítulo II.

– ... assim o achou cauteloso, que disse por ele aquele dito português, que se diz pelos homens maliciosos: “Eu te entendo,<sup>88</sup> que me entendes, que te entendo que me enganas.” – 2 – 8 – 5.<sup>89</sup>

– ... parecendo-lhe que como esta ilha está mais no meio do mar *quase enfiada* com as portas do estreito. – 2 – 8 – 2.<sup>90</sup>

– ... vão se metendo nele... uma plebe de riachos de pouca água...<sup>91</sup> – 2 – 5 – 1.<sup>92</sup>

– A qual (cidade) posto que era mui larga e chã por ser de areia e abafada de<sup>93</sup> palmares e valos. – 2 – 4 – 1.<sup>94</sup>

– E lá dentro esses dois esteiros se comunicam ambos e fazem jornadas pela terra.<sup>95</sup> – 2 – 5 – 1.<sup>96</sup>

– ... mandou el-rei pedir ao viso-rei, que quando partisse das naus não viesse de frecha a este lugar, mas diretamente<sup>97</sup> às suas casas. – 1 – 9 – 4.<sup>98</sup> (Ver Diogo do Couto, 10-3-16).<sup>99</sup>

– ... assim não há cousa mais prejudicial ao vassalo, que o mau costume ou defeito do senhor; porque este tanto mais asinha se aprende que o bem, quanto os homens são mais inclinados ao mal, e finalmente sempre se viu assim como as ondas do mar seguem o vento assim o povo seguir as manhas do príncipe. – D. João III-9.<sup>100</sup>

---

<sup>88</sup> endendo, – em RABL. Em DECII vem “entendo”, e o dito português não vem entre aspas (o trecho vem no verso do fól. 196).

<sup>89</sup> 2 – 8 – 5. – em RABL. *Década segunda*, livro oitavo, capítulo V. A passagem transcrita vem no verso do fól. 196.

<sup>90</sup> 2 – 8 – 2. – em RABL. *Década segunda*, livro oitavo, capítulo II. A passagem transcrita vem no verso do fól. 191. Em DECII não há trecho em itálico. Raimundo Magalhães Júnior (1958) não transcreveu esta nota.

<sup>91</sup> [...] não se metendo nele [no rio Mondego] senão uma plebe de riachos de pouca água – em DECII. O trecho transcrito vem no verso do fól. 98. Em DECII há dois fólíolos com o número 97 – um antes do fól. 98 e um depois dele; este segundo fólíolo está com a numeração equivocada – ele é o fól. 99.

<sup>92</sup> 2 – 5 – 1. – em RABL. *Década segunda*, livro quinto, capítulo I.

<sup>93</sup> dos – em DECII. A passagem transcrita vem no verso do fól. 80. A cidade, que Machado menciona entre parênteses, é Calecute (atual Calcutá).

<sup>94</sup> 2 – 4 – 1. – em RABL. *Década segunda*, livro quarto, capítulo I.

<sup>95</sup> E lá dentro estes dous esteiros se comunicam ambos, e fazem pernas pela terra – em DECII. O trecho transcrito vem no fól. 97.

<sup>96</sup> 2 – 5 – 1. – em RABL. *Década segunda*, livro quinto, capítulo I.

<sup>97</sup> diretamente – em DECI; directamente – em RABL. A passagem transcrita vem no fól. 184.

<sup>98</sup> 1 – 9 – 4. – em RABL. *Década primeira*, livro nono, capítulo III (ou IV).

<sup>99</sup> Diogo do Couto, 10-3-16 – Entenda-se: Diogo do Couto, *Década décima*, livro terceiro, capítulo XVI. Machado de Assis, muito provavelmente, remete a este capítulo do livro terceiro da *Década décima* de Diogo do Couto, porque nela se pode ler a expressão “irá tomar *de frecha* um dos portos” (1788, p. 379, itálico nosso): “Quem partir do porto de Selero [...] e caminhar com o vento hipalo, que é o Ponente, e for governando a Levante, irá tomar de frecha um dos portos de Canará, de Batecalá pera Barçolor.”

<sup>100</sup> D. João III-9. Entenda-se: *Panegíricos*, Panegírico de João de Barros a El-Rei D. João III, p. 9 (em PAN). Muito provavelmente, foi esta (PAN) a edição consultada por Machado de Assis; ela existe no Real Gabinete Português de Leitura, e as páginas dos trechos transcritos por ele coincidem com as desta edição. Nesta edição, o título deste Panegírico vem assim: “Ao muito alto, / e muito poderoso / Rei de Portugal / D. JOÃO III. / deste nome / Panegírico / de / João de Barros / Ano de 1533.” (p. 1)

– Não há guerra tão próspera, nem tão vitoriosa, em que se viva com tanto descanso como no tempo de paz.<sup>101</sup> – *Id.*, 911 – 34.<sup>102</sup>

– ... Começou a Índia a fazer o seu ofício, (como já dissemos) que recebe aos que a vão governar com alegre rosto, e quando os despede de si é com toda las injúrias que lhes pode fazer.<sup>103</sup> – *Déc. III – VI, IX.*<sup>104</sup>

–... aqueles dois homens, que para este efeito eram grandes amigos, e para tudo mais comiam-se um ao outro.<sup>105</sup> – *Id. III – VII, IV.*<sup>106</sup>

– principalmente naquela (fortaleza) de Chaul ainda por acabar, tão<sup>107</sup> requestada dos mouros... – *Id. III, VII, Cap. I.*<sup>108</sup>

– ... solto na língua e atado nas mãos. – *Id. III, X, X.*<sup>109</sup>

– ou demos por desculpa ao autor da obra... que estavam os números errados por culpa do impressor, que é mui bom valhacouto aos que compõem alguma cousa.<sup>110</sup> – *Id. III, V, X.*<sup>111</sup>

– ... não convém olhar sempre as cousas presentes, mas a revolução que elas têm do pretérito para o futuro, porque o seu curso natural é um bem responder a outro, e um

---

<sup>101</sup> da paz. – em PAN.

<sup>102</sup> *Id.*, 911 – 34. Entenda-se: *Panegíricos*, Panegírico de João de Barros a El-Rei D. João III, p. 34. O registro “911”, não o conseguimos entender; talvez seja “III” (d. João III?).

<sup>103</sup> [...] começou a Índia fazer seu ofício (como já dissemos) que recebe aos que a vão governar, com alegre rosto, e quando os despede de si, é com todas injúrias que lhe pode fazer. – em DECIII. A passagem transcrita vem no fól. 168.

<sup>104</sup> *Déc. III-VI, IX.* – em RABL. *Década terceira*, livro sexto, capítulo IX.

<sup>105</sup> [...] àqueles dous homens, que pera este efeito eram grandes amigos, e pera todo o mais comiam-se um a outro. – em DECIII. A passagem transcrita vem no fól. 181. A preposição “pera”, que Antônio Houaiss dá como forma diacrônica antiga, não consta no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (versão on-line – cf. <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>).

<sup>106</sup> *Id.*, III – VII, IV. – em RABL. *Década terceira*, livro sétimo, capítulo IV (ou IIII).

<sup>107</sup> e tão – em DECIII. A passagem transcrita vem no fól. 172. A palavra entre parênteses foi inserida por Machado de Assis, para clareza da passagem.

<sup>108</sup> *Id. III, VII, Cap. I.* – em RABL. *Década terceira*, livro sétimo, capítulo I.

<sup>109</sup> *Id. III, X, X.* – em RABL. *Década terceira*, livro décimo, capítulo X. Em DECIII, a passagem transcrita vem no fól. 262.

<sup>110</sup> ou demos por desculpa ao autor da obra[ a que tomava Andrés de San Martin nas suas equações,] que estavam os números errados por culpa do impressor: que é mui bom valhacouto, aos que compomos alguma cousa. – em DECIII. A passagem transcrita vem no verso do fól. 147. Esta ideia não era estranha a Machado de Assis. Numa de suas crônicas, da série “A semana”, escreveu ele: “Escrevo por extenso todas as quantias, não só por evitar enganos de impressão, fáceis de dar com algarismos, mas ainda para não assustar logo à primeira vista, se os números saírem certos. Pode acontecer também, que tais números, sendo grandes, gerem incredulidade, e nada mais duro que escrever para incrédulos.” (*Machadiana Eletrônica*, v. 1, n. 2, p. 215-218, jul.-dez. 2018)

<sup>111</sup> *Id. III, V, X.* – em RABL. *Década terceira*, livro quinto, capítulo X.

mal a outro mal... E como a história é um espartaco do entendimento, etc.<sup>112</sup> – *Id. III*, pról.<sup>113</sup>

– ... de maneira que mais se parecem nossas cousas presentes com as nossas passadas, que com as estranhas e remotas da pátria. – *Id. III*, pról.<sup>114</sup>

– ... que se traz quase em provérbio: “Italianos se governam pelo passado, espanhóis pelo presente, e os franceses pelo que está por vir.” Aqui, se lícito fora, se pudera dar uma repreensão de pena à nossa Espanha... – *Id. III*, pról.<sup>115</sup>

– E têm eles per si... (...*que matam o rei quando anda mal*) que este seu costume (o qual aprovam por mui bom) que Deus o ordenou, dizendo que tão grande cousa como é um rei que governa na terra o lugar de Deus, não ousaria alguém de o matar, se Deus o não permitisse.<sup>116</sup> – *Id. III*, V, I.<sup>117</sup>

– Não faça o príncipe alguma cousa duvidando se é mal ou bem, porquanto a verdade onde quer que está, ela se mostra e dá lume de si, e pelo contrário o duvidar é sinal que se não faz o que é razão. – João III – 79.<sup>118</sup>

– Reinado é ofício de muita vigia e trabalho, nem deve nunca o bom rei estar ocioso,<sup>119</sup> mas assim como o sol por dar claridade ao mundo nunca está quieto, assim o príncipe por fazer justiça ao povo sempre deve ser ocupado. – Paneg. D. João III (7).<sup>120</sup>

---

<sup>112</sup> [...] não convém olhar sempre as cousas presentes, mas a revolução que elas têm, do pretérito, pera o futuro. Porque o seu curso natural, é um bem responder ao outro: e um mal ao outro mal[, por estarem as cousas futuras sujeitas a terem as vezes que já tiveram, quase como um curso circular.] E como a história é um espartaco do entendimento, [...]. – em DECIII. A passagem transcrita vem no verso do primeiro fólio (não numerado) do prólogo.

<sup>113</sup> *Id. III*, pról. – em RABL. *Década terceira*, prólogo.

<sup>114</sup> *Id. III*, pról. – em RABL. *Década terceira*, prólogo. A passagem transcrita vem no segundo fólio (não numerado) do prólogo.

<sup>115</sup> *Id. III*, pról. – em RABL. Em DECIII (no verso do primeiro fólio – não numerado – do prólogo), o trecho transcrito entre aspas não as traz. Raimundo Magalhães Júnior observa (em nota) que Machado de Assis usou esta citação numa das crônicas de “A semana” (a de 14 de maio de 1893 – cf. ASSIS, 1996, p. 240) e que a passagem está dicionarizada em sua obra *Ideias e imagens de Machado de Assis* (1956, p. 157-158), sob o título de “Passado, presente e futuro”.

<sup>116</sup> E têm eles pera si que este seu costume (o qual aprovam por mui bom) que Deus o ordenou, dizendo que tão grande cousa como é um Rei, que governa na terra em lugar de Deus, não ousaria alguém de o matar, se Deus o não permitisse, – em DECIII. A passagem transcrita vem no fólio 115. A frase que antecede à anotada revela-nos o “costume” (anotado de forma abreviada, entre parênteses, por Machado de Assis) de que fala João de Barros: “De maneira que quando Fernão Peres d’Andrade foi à China, e esteve ali em Pacém fazendo carga de especiaria: mataram dous Reis, e não se fez mais conta disso, nem houve mais rebuliço e alvoroço na cidade, como se não fora morto um Rei, que os governava, e levantado outro que elegiam pera os governar.”

<sup>117</sup> *Id. III*, V, I. – em RABL. *Década terceira*, livro quinto, capítulo I.

<sup>118</sup> João III – 79. *Panegíricos*, Panegírico de João de Barros a El-Rei D. João III, p. 79.

<sup>119</sup> ocioso, – em PAN. A passagem transcrita vem à p. 7.

<sup>120</sup> Paneg. D. João III (7). *Panegíricos*, Panegírico de João de Barros a El-Rei D. João III, p. 7.

– E como os homens pela maior parte são mais prontos em dar de si frutos voluntários, que os encomendados, imitando nisto a terra sua madre, a qual é mais viva em dar as sementes que nela jazem por natureza, que as que lhe encomendam por agricultura.<sup>121</sup> – *Déc.*, Prólogo.<sup>122</sup>

– Mestre áspero, e pouco fiel da gente é o arreceio das leis, melhor aprendem os vassallos *dos* bons costumes, e virtuosa atenção de seu príncipe. – Paneg. D. João III, p. 121.<sup>123</sup>

– Costume dos que compõem Panegíricos louvarem neles a boa presença, e pessoa do príncipe, por isso desejando eu fazer o mesmo,... por duas cousas o deixo de fazer, a primeira porque a dignidade da língua portuguesa sofre mal esta maneira de louvor, etc.<sup>124</sup> – *Id.*, 195.<sup>125</sup>

– E como os ventos são o espírito exterior do mar. – *Déc.* III, IV, VII.<sup>126</sup>

– Nem as águas parece que carecem deste sentido (a harmonia, música) nos rumores, e roucos estrépitos, que por entre os seixos e pedras dos rios vão fazendo, que a nossos sentidos causam deleitação e saudade.<sup>127</sup> – *Paneg.*, 253.<sup>128</sup>

– A menencoria<sup>129</sup> muitas vezes vence os sabedores, e os olhos d’alma escurecidos como quem peleja às escuras não sabem fazer diferença dos amigos a quem lhes quer mal. – João III, 185.<sup>130</sup>

---

<sup>121</sup> que nela jazem per natureza, que as que lhe encomendamos per agricultura: – em DECI. A passagem transcrita vem, em DECI, no verso do segundo fólio do prólogo.

<sup>122</sup> *Déc.*, Prólogo. – em RABL. *Década primeira*, prólogo.

<sup>123</sup> Paneg. D. João III, p. 121. *Panegíricos*, Panegírico de João de Barros a El-Rei D. João III, p. 121. O itálico em “*dos*” não ocorre em PAN, vem apenas em RABL.

<sup>124</sup> Costume é dos que compõem Panegíricos louvarem neles a boa presença, e pessoa do Príncipe, por isso desejando eu fazer o mesmo, [mormente, sendo estas partes em V. Alteza tão dignas da Majestade Real,] por duas causas o leixo de fazer, a primeira porque a dignidade da língua Portuguesa sofre mal esta maneira de louvor, [...]. – em PAN, p. 195.

<sup>125</sup> *Id.* 195 – em RABL. *Panegíricos*, Panegírico de João de Barros a El-Rei D. João III, p. 195.

<sup>126</sup> *Déc.* III, IV, VII. – em RABL. *Década terceira*, livro quarto, capítulo VII. Em DECIII, a passagem transcrita vem no verso do fól. 102.

<sup>127</sup> Nem as águas parece, que carecem deste sentido nos rumores, e roucos estrupidos, que por entre os seixos, e pedras dos rios vão fazendo, que a nossos sentidos causam deleitação, e saudade. – em PAN, p. 253. As palavras postas entre parênteses por Machado de Assis resumem o tema do trecho transcrito – a harmonia, a música nos sons da natureza. Na continuação do trecho, diz ainda João de Barros: “E assim mesmo nos ventos temperados do Verão com os zunidos, que fazem, movendo as folhas das árvores também se acha uma certa semelhança da música. Donde nasceu (a meu juízo) fingirem os Poetas, que Orfeu levava consigo os homens, e brutos animais, com as árvores, e rios, dando a entender, quão geral é a força da música, que em todas estas cousas tem jurisdição.”

<sup>128</sup> Paneg. 253. – em RABL. *Panegíricos*, Panegírico do mesmo autor [João de Barros] à Senhora Princesa, Infanta D. Maria, p. 253.

<sup>129</sup> merencoria – em PAN, p. 185.

<sup>130</sup> João III, 185. *Panegíricos*, Panegírico de João de Barros a El-Rei D. João III, p. 185.

– Quem isto tudo bem visse, creio eu que escolhesse antes a paz que a guerra, e que tomasse antes por partido viver em descansada e segura paz debaixo de obediência de um príncipe justo... Não se devem julgar as cousas pelo apetite, senão pela razão.<sup>131</sup> – *Id.*, 32.<sup>132</sup>

– (*Retrato de Afonso de Albuquerque*). Era homem de compassada estatura, rosto alegre, e gracioso; ao tempo que se indignava, tinha um acatamento triste; trazia sempre a barba mais comprida, depois que começou a mandar gente; e como era alva, dava-lhe grande veneração. Era homem de muitas graças e motes, e em algumas menencorias leves no tempo de mandar soltava muitas que davam prazer a quem estava de fora; falava e escrevia muito bem ajudado de algumas letras latinas que tinha. Era sagaz e manhoso em seus negócios, e sabia enfiar as cousas a seu propósito: trazia grandes anexins de ditos para comprazer à gente, segundo os tempos, e qualidade da pessoa de cada um. Era mui fragueiro e rixoso, se o não comprazia qualquer cousa; cansava muito os homens no que lhes mandava fazer, por ter um espírito apressado; foi de muita esmola, e devoto; no enterrar dos mortos ele era o primeiro. Nas execuções foi um pouco apressado, e não mui piedoso, fazia-se temer muito aos mouros, e tinha grandes cautelas para deles levar o melhor.<sup>133</sup> – *Déc.* 2 – 10 – 8.<sup>134</sup>

---

<sup>131</sup> Quem isto tudo bem, visse bem creio eu, que escolhesse antes a paz, que a guerra, e que, tomasse antes por partido viver em descansada, e segura paz debaixo da obediência de um Príncipe justo[, que não quer arriscar-se a tamanhos perigos por uma mostra falsa, e engano d'olhos, e esperança incerta de vitória;] não se devem julgar as cousas pelo apetite, senão pela razão. – em PAN, p. 32.

<sup>132</sup> *Id.* 32. – em RABL. *Panegíricos*, Panegírico de João de Barros a El-Rei D. João III, p. 32.

<sup>133</sup> era homem de compassada estatura, rosto alegre e gracioso, ao tempo que se indignava, tinha um acatamento triste, trazia sempre a barba mui comprida depois que começou mandar gente, e como era alva, dava-lhe grande veneração. Era homem de muitas graças e motes, e em algumas manencorias leves no tempo do mandar soltava muitos, que davam prazer a quem estava de fora: falava e escrevia muito bem ajudado de algumas letras Latinas que tinha. Era sagaz, e manhoso em seus negócios, e sabia enfiar as cousas a seu propósito: trazia grandes anexis de ditos, pera comprazer à gente, segundo os tempos, e qualidade da pessoa de cada um. Era mui fragueiro e rixoso, se o não comprazia qualquer cousa: causava muito os homens no que lhe mandava fazer, por ter um espírito apressado: foi de muita esmola, e devoto, no enterrar dos mortos, ele era o primeiro. Nas execuções foi um pouco apressado, e não mui piedoso, fazia-se temer muito aos Mouros: e tinha grandes cautelas, pera deles levar o melhor. – em DECII. A passagem transcrita vem no final do fól. 238 e continua no verso do mesmo fólio. Machado de Assis deu por lema a este texto a expressão, em itálico e entre parênteses: “(*Retrato de Afonso de Albuquerque*)”. A palavra “manencoria[s]” (que em RABL vem grafada “menencorias”) não está registrada no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*, nem aparece nos dicionários correntes. Entretanto, o *Grande dicionário da língua portuguesa*, de Antônio de Moraes Silva, na 10ª edição, traz a palavra, que registra como substantivo feminino antigo, significando “o mesmo que *melancolia*”. A palavra “anexis” (que vem grafada “anexijs” em DECII), que, obviamente corresponde a “anexins”, tem origem no árabe – o que, talvez, explique a ausência de nasalização da sílaba final. A palavra “causava”, que na transcrição de Machado de Assis vem grafada “cansava”, parece mesmo um erro tipográfico – o contexto sugere muito fortemente o sentido de “cansava”.

<sup>134</sup> *Déc.* 2 – 10 – 8. – em RABL. *Década segunda*, livro décimo, capítulo VIII.

– Cá uns em alvissaras, outros em festas, que cada um faz como pode, gastam muitas vezes em um dia o que ganham em muitos. Alguns em vez de rir choram com prazer, e de muitos lemos a que sobejo<sup>135</sup> causou morte súbita, não podendo com a força dele sustentar a vida. – D. Maria, 200.<sup>136</sup>

– Fazenda é a sabedoria isenta da jurisdição<sup>137</sup> da fortuna. – *Id.*, 225.<sup>138</sup>

– Quis falar muito de tão singular rei (D. Afonso), porque sua vida e costumes parece que confirmam o nosso provérbio que diz: As letras não despontaram a lança. E certo não sei que ... mais amolados possam ser, que armas guiadas por conselho de prudente capitão.<sup>139</sup> – *Id.*, 238.<sup>140</sup>

**Lista das abreviaturas empregadas nesta edição** (os asteriscos indicam edições muito provavelmente consultadas por Machado de Assis).

CGC – *Carta de guia de casados*, 1873.

DECI – *Década primeira da Ásia*, de João de Barros, 1628.

DECII – *Década segunda da Ásia*, de João de Barros, 1628.

DECIII – *Década terceira da Ásia*, de João de Barros, 1628.

DIAL – *Diálogos*, de dom Frei Amador Arrais, 1846.\*

EP – *Estímulo prático para seguir o bem, e fugir o mal*, 1730.\*  
fól. – fólido.

LC – *Luz e calor*, 1871.

MM – *Menina e moça*, 1875.

MQN – *Meditações sobre os quatro Novíssimos*, 1726.

PAN – *Panegíricos*, de João de Barros, 1791.\*

PPP – *Pão partido em pequeninos para os pequeninos da casa de Deus*, tomo II, 1737.

SP – *Sermões e práticas*, primeira parte, 1711, e segunda parte, 1733.\*

TVC – *Tratado da virtude da castidade*, 1737.

UF – *Os últimos fins do homem*, 1761.\*

---

<sup>135</sup> a que o sobejo, – em PAN, p. 200.

<sup>136</sup> D. Maria, 200. *Panegíricos*, Panegírico do mesmo autor [João de Barros] à Senhora Princesa, Infanta D. Maria, p. 200.

<sup>137</sup> A palavra “jurisdição” não está registrada no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*, nem aparece em muitos dicionários; porém, ela consta do *Aulete Digital. O Grande dicionário da língua portuguesa*, de Antônio de Moraes Silva, na 10ª edição, também traz a palavra, que registra como substantivo feminino popular, significando “o mesmo que *jurisdição*”.

<sup>138</sup> *Id.* 225. – em RABL. *Panegíricos*, Panegírico do mesmo autor [João de Barros] à Senhora Princesa, Infanta D. Maria, p. 225.

<sup>139</sup> Quis falar muito de tão singular Rei, porque sua vida, e costumes, parece que confirmam o nosso provérbio, que diz: As letras não despontaram a lança. E certo não sei que [fains] mais amolados possam ser, que armas guiadas por conselho de prudente Capitão? – A passagem transcrita vem em PAN, p. 238.

<sup>140</sup> *Id.* 238 – em RABL. *Panegíricos*, Panegírico do mesmo autor [João de Barros] à Senhora Princesa, Infanta D. Maria, p. 238.

## Referências

ALENCAR, Mário. Lexicografia: notas de leitura de Machado de Assis. *Revista da academia brasileira de letras*. Rio de Janeiro, ano I, n. I, p. 137-145. Jul. 1910.

ARRAIS, Dom Frei Amador. *Diálogos*. Revistos, e acrescentado pelo mesmo autor na segunda impressão. Nova edição. Lisboa: Tipografia Rolandiana, 1846.

ASSIS, Machado de. *Outras relíquias* (prosa e verso). Coleção póstuma. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910.

ASSIS, Machado de. *A semana: crônicas* (1892-1893). Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. A semana – 118. Apresentação, edição e notas por John Gledson. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, p. 215-218, jul.-dez. 2018.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

BARROS, João de. *Década primeira da Ásia*. Lisboa: Jorge Rodrigues, 1628.

BARROS, João de. *Década segunda da Ásia*. Lisboa: Jorge Rodrigues, 1628.

BARROS, João de. *Década terceira da Ásia*. Lisboa: Jorge Rodrigues, 1628.

BARROS, João de. *Panegíricos*. Fielmente reimpressos conforme a sua antiga Linguagem – ano 1533 por Joaquim Francisco Monteiro de Campos Coelho, e Soisa. Lisboa: Oficina de Antônio Gomes, 1791.

BERNARDES, P. Manuel. *Sermões e práticas*. Primeira parte. Lisboa: Oficina Real Deslandesiana, 1711.

BERNARDES, P. Manuel. Meditações sobre os quatro Novíssimos. Morte, Juízo, Inferno e Paraíso. In: *Pão partido em pequeninos para os pequeninos da casa de Deus*. [e outros tratados]. Primeiro tomo. Lisboa Ocidental: Oficina de Miguel Rodrigues, 1726, tomo I, p. 138-219.

BERNARDES, P. Manuel. *Estímulo prático para seguir o bem, e fugir o mal*. Lisboa Ocidental: Oficina de Antônio Pedroso Galvão, 1730.

BERNARDES, P. Manuel. *Sermões e práticas*. Segunda parte. Lisboa Ocidental: Oficina da Congregação do Oratório, 1733.

BERNARDES, P. Manuel. *Pão partido em pequeninos para os pequeninos da casa de Deus* [e outros tratados]. Lisboa Ocidental: Oficina da Congregação do Oratório, 1737. [Vários tratados compostos pelo Padre Manuel Bernardes, tomo II.]

BERNARDES, P. Manuel. As armas da castidade [Tratado da virtude da castidade]. In: *Pão partido em pequeninos para os pequeninos da casa de Deus* [e outros tratados]. Lisboa Ocidental: Oficina da Congregação do Oratório, 1737, p. 283-597. [Vários tratados compostos pelo Padre Manuel Bernardes, tomo II.]

BERNARDES, Padre Manuel. *Os últimos fins do homem*, salvação, e condenação eterna. Tratado espiritual, dividido em dous livros. Lisboa: Régia Oficina Silviana, e da Academia Real, 1761.

BERNARDES, P. Manuel. *Luz e calor*. Dividida em duas partes. Nova edição. Lisboa: Imprensa de J. G. de Sousa Neves, 1871.

COUTO, Diogo de. Década décima da história da Índia. Livro III. In: *Da Ásia de Diogo de Couto*. Dos feitos, que os portugueses fizeram na conquista, e descobrimento das terras, e mares do Oriente. DÉCADA DÉCIMA. Parte primeira. Lisboa: Régia Oficina Tipográfica, 1788. p. 260-391.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Ideias e imagens de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Ao redor de Machado de Assis* (pesquisas e interpretações). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

MASSA, Jean-Michel. La bibliothèqe de Machado de Assis. *Revista do Livro*, Órgão do Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, ano VI, n. 21-22, p. 195-238, mar.-jun. 1961.

[MELO], D. Francisco Manuel. *Carta de guia de casados*. Nova edição, com um prefácio biográfico enriquecido de documentos inéditos por Camilo Castelo Branco. Porto: Pereira da Silva, 1873.

PROENÇA FILHO, Domício. *Nova ortografia da língua portuguesa*: manual de consulta: vocábulos e locuções com grafia nova, palavras compostas hifenizadas, palavras formadas por prefixação e recomposição com e sem hífen. Colaboração de Rejane Maria Leal Godoy. Rio de Janeiro: Record, 2012.

RAMOS, Pérciles Eugênio da Silva. (Org.) *Machado de Assis: poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1964.

RIBEIRO, Bernardim. *História de menina e moça*. Ferrara: [Abraão Usque], 1554.

RIBEIRO, Bernardim. *Menina e moça ou Saudades*. Lisboa: Oficina de Domingos Gonçalves, 1785.

RIBEIRO, Bernardim. *Livro das saudades de Bernardim Ribeiro. História da menina e moça e declaração das saudades*. Texto segundo a edição de 1557 com um estudo sobre

Bernardim Ribeiro e a exegese da Menina e moça por Teófilo Braga. 5ª ed. Porto: Lello, s.d. [Coleção Lusitânia]

SILVA, Antônio de Moraes. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 10ª edição revista, corrigida, muito aumentada e atualizada segundo as regras do acordo ortográfico luso-brasileiro de 10 de agosto de 1945 por Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado. Lisboa: Confluência, 1949-1959. 12 v.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Academia Brasileira de Letras / Global, 2009.  
Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999.

### **Endereços eletrônicos**

<https://www.realgabinete.com.br/#Biblioteca>

<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>

<http://www.aulete.com.br>

# ARTIGOS

## A ESCOLARIZAÇÃO DE TEXTOS MACHADIANOS EM LIVROS DIDÁTICOS: EDIÇÃO E ANÁLISE DE “O ESPELHO”

*Gracinéa I. Oliveira*

*Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais*

**Resumo:** Esta pesquisa tem caráter interdisciplinar, está inserida em três campos do saber: literatura, ensino e filologia. Neste estudo, analisamos a qualidade editorial do conto “O espelho”, de Machado de Assis, publicado em um livro didático. Além disso, descrevemos o *corpus* da pesquisa e investigamos os aspectos editoriais, linguísticos, literários e pedagógicos desse conto no livro didático. Para execução deste trabalho, seguimos princípios metodológicos de cada uma dessas áreas do saber. Em relação aos aspectos editoriais do conto no livro didático, detectamos que o texto apresenta variantes e erros, alguns introduzidos na transcrição da narrativa naquele livro, outros oriundos do texto-fonte. Em relação aos aspectos literários e pedagógicos, encontramos pontos positivos, como contextualização com informações acerca do autor e da obra, e a presença de questionários que ajudam o aluno a compreender aspectos estruturais da narrativa. Entretanto não há atividades de antecipação e outras que possibilitem ao discente relacionar o tema do conto ao conhecimento de mundo do estudante. Ou seja, no processo de escolarização, o conto sofreu alterações que o empobreceram estilisticamente, sendo as atividades propostas insuficientes para a interpretação do texto e para o aguçamento do interesse do aluno pela literatura.

**Palavras-chave:** Ensino, Escolarização, Livro didático, Machado de Assis, “O espelho”.

### APRESENTAÇÃO

Participar do corpo editorial da revista *Machadiana Eletrônica* possibilitou-nos o estudo da escolarização de textos machadianos nos livros didáticos destinados ao ensino de Língua Portuguesa e de Literatura. A *Machadiana* é um periódico destinado a publicar textos fidedignos da obra de Machado de Assis. Com o intuito de contribuir para o escopo do periódico e, ao mesmo tempo, aprimorar os conhecimentos acerca da escolarização da literatura, decidimo-nos pela edição do conto “O espelho”, de Machado de Assis – um dos textos machadianos que encontramos em livro didático.

Inscrita em três campos do saber – literatura, ensino e filologia –, esta pesquisa tem como objetivo geral avaliar a qualidade da reprodução desse conto num livro didático, tendo por base uma edição fidedigna. Já os objetivos específicos são: descrever

o *corpus* da investigação e a maneira como ele foi reunido; editar o conto escolhido – “O espelho”; e examinar os aspectos editoriais, linguísticos, literários e pedagógicos desse texto no livro didático escolhido para esta pesquisa. Com isso, esperamos contribuir para a melhoria do material didático usado na educação básica.

Nortearam o trabalho a concepção de Eagleton (2006, p. 22), para quem literatura é uma escrita altamente valorativa e historicamente variável: os textos literários resultam “de uma maneira específica, socialmente estruturada, de ver o mundo”; e os princípios metodológicos da crítica textual, ciência que se dedica, entre outras coisas, a “averiguar a autenticidade dos textos e a fidedignidade de suas edições” (SILVA, 1994, p. 57). As discussões dos aspectos pedagógicos foram norteadas por estudos da sociologia da educação (BOURDIEU, 2015) e do ensino da literatura (COSSON, 2011; REZENDE, 2011), entre outros.

## **1 O CORPUS**

Após definir a proposta deste trabalho, foram estabelecidos os critérios para levantamento do *corpus*. Inicialmente, considerando-se a divisão do conteúdo de literatura na educação básica e as diretrizes legais para o ensino desse conteúdo na escola, levantamos a hipótese de que haveria maior probabilidade de encontrar textos machadianos em livros didáticos (doravante referidos como LDs e, quando no singular, LD) destinados ao ensino médio. Apesar dessa possibilidade, foram investigadas também coleções destinadas ao ensino fundamental II.

Além desse recorte, foi necessário estabelecer o período temporal: considerando as atualizações constantes pelas quais passam os LDs, foi estabelecido que deveriam ser analisados livros didáticos publicados a partir do ano 2000, privilegiando-se as publicações mais recentes. Isso possibilitou vislumbrar uma pesquisa futura: uma análise diacrônica da presença ou não de textos machadianos em manuais didáticos, mas isso é trabalho para outra ocasião. No momento, esta pesquisa é sincrônica.

Outro aspecto considerado no estabelecimento do *corpus* foi a questão da não fragmentação do texto a ser avaliado neste estudo – o texto deveria estar completo no LD. Essa exigência tinha em vista articular o estudo do texto no LD com a preparação de uma edição para publicação na *Machadiana Eletrônica*. Considerando as dificuldades da reprodução de textos longos em LDs e, também, o hábito do trabalho com fragmentos textuais (SILVA; FRITZEN, 2012) nesses manuais, percebemos a dificuldade que teríamos para encontrar um texto completo.

Estabelecidos esses critérios, o passo seguinte foi conseguir os LDs, lembrando que seria necessário que fosse o livro do professor. Após contato com várias editoras, apenas uma – a Moderna – nos enviou uma coleção completa destinada ao ensino fundamental II. Com a ajuda de vários colegas, consultas a livrarias e outros expedientes, foi possível montar um *corpus* constituído de sete coleções, distribuídas da seguinte maneira: cinco destinadas ao ensino médio, uma ao ensino fundamental II e uma destinada à Educação de Jovens e Adultos (EJA) no ensino fundamental II.

Foram encontrados textos de Machado de Assis em todas as cinco coleções destinadas ao ensino médio e em nenhuma do ensino fundamental II (regular ou EJA).

Examinando as coleções que conseguimos obter, encontramos textos integrais em três delas. A primeira coleção examinada foi *Esferas das linguagens*, em que nos deparamos com três textos completos:

*Esferas das linguagens*, de Maria Inês Batista Campos e Nívea Assumpção, publicada em 2016 (PNLD2018), destinada ao Ensino Médio (volume 2). Editora: FTD.

Cada unidade deste volume tem três capítulos: 1º) literatura brasileira e portuguesa; 2º) leitura, interpretação e produção de texto de determinado gênero (apenas um literário: conto); 3º) gramática.

**Textos machadianos completos na coleção:**

- “Bons dias!” (crônica);
- “O espelho” (conto);
- “Um homem superior” (conto).

**Fragmentos de textos machadianos:**

- *Memórias póstumas de Brás Cubas* (romance);
- *Dom Casmurro* (romance);
- “A cartomante” (conto).

Assim que localizamos essa coleção e esses textos, decidimo-nos pela edição do conto “O espelho” – e iniciamos o trabalho. Posteriormente, localizamos textos integrais em duas outras coleções:

1. *Novas palavras*, de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio, publicada em 2003 (Programa Livro na Escola – MG), destinada ao ensino médio (volume único). Editora: FTD.

Dividido em três unidades: literatura, gramática e redação/leitura.

**Textos machadianos completos na coleção:**

- “Uns braços” (conto).

**Fragmentos de textos machadianos:**

- *Memórias póstumas de Brás Cubas* (romance).

2. *Veredas da palavra*, de Roberta Hernandez e Vima Lia Martins, publicada em 2017, destinada ao Ensino Médio (volume 2). Editora: Ática.

Cada unidade está dividida em 04 capítulos: 02 para literatura brasileira e portuguesa, 1 para aspectos linguísticos e 1 para produção de textos.

**Textos machadianos completos na coleção:**

- “O enfermeiro” (conto).

**Fragments de textos machadianos:**

- *Memórias póstumas de Brás Cubas* (romance);
- *Dom Casmurro* (romance).

Nessas coleções aparecem, respectivamente, os contos “Uns braços” e “O enfermeiro”. Quando os localizamos nas coleções, a edição de “O espelho” já estava em andamento, razão pela qual não contemplamos esses outros dois contos.

Além das três mencionadas, conseguimos duas outras coleções com trechos de textos de Machado de Assis: *Literatura brasileira em diálogo com outras literaturas e outras linguagens*, de Willian Cereja e Thereza Cochar, publicada em 2013 pela editora Ática, destinada ao Ensino Médio, em volume único; e *Português, contexto, interlocução e sentido*, de Maria Luíza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara, publicada em 2016 pela editora Moderna, destinada ao Ensino Médio (volume 2). Na primeira dessas duas coleções, há fragmentos dos romances *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, e do conto “A causa secreta”; na segunda, há trechos dos mesmos dois romances. Como ambas as coleções traziam apenas fragmentos dos textos machadianos, elas não poderiam ser consideradas nesta pesquisa.

O conto “O espelho”, escolhido para ser editado e estudado, encontra-se numa coleção recente (2016) que foi indicada no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2018). O livro de Machado de Assis ao qual o conto pertence – *Papéis avulsos* – não tem edição crítica até o momento.

Após a escolha do conto a ser editado, foi feito o levantamento de suas edições, para fins de cotejo. Antes de ser incluído em *Papéis avulsos*, o conto “O espelho” foi publicado na *Gazeta de Notícias* – GN. Esta publicação também foi levada em conta no processo de edição do conto, porque permitiu observar as mudanças e o aprimoramento do texto pelo autor (na passagem do jornal para o livro).

Há diversas edições desse conto e do livro do qual faz parte – *Papéis avulsos*. Assim sendo, foi necessário um recorte. Foi escolhido como texto-base de nossa edição o texto de 1882, da editora Lombaerts, por ter sido a última revista pelo escritor. Outras

edições, que consideramos importantes para a história do texto, foram cotejadas com o texto-base. A primeira delas foi a de 1937, pela W. M. Jackson, editora detentora dos direitos autorais de Machado de Assis até sua obra ser declarada de domínio público (1958); a segunda foi a de 1959, pela José Aguilar, principal editora da *Obra completa*, em três volumes, a partir deste ano. A escolha da edição de 1994, da Nova Aguilar, foi motivada pelo fato de ela ter sido a fonte dos textos machadianos disponíveis no *site* Domínio Público (<[www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)>). Incluímos, também, a edição Nova Aguilar da *Obra completa em quatro volumes*, de 2015. As demais foram escolhidas pela importância de seus editores – Adriano da Gama Kury (1989), John Gledson (1998) e Ivan Teixeira (2005). A edição de 1988, “com notas do editor e orientação de leitura de Douglas Tufano” (ASSIS, 1988, ficha catalográfica), foi incluída na série a ser cotejada por ter sido a fonte do LD.

Segue-se, no Quadro 01, a lista das edições selecionadas para cotejo e registro de variantes:

**Quadro 01 – Relação das obras selecionadas para cotejo**

<b>ANO</b>	<b>EDITORA</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>ORGANIZADOR</b>	<b>ABREV.</b>
1882	-	<i>O espelho</i>	-	<b>GN1882</b>
1882	Lombaerts	<i>Papéis avulsos</i>		<b>PA1882</b>
1937	Jackson	<i>Papéis avulsos</i>		<b>PA1937</b>
1959	José Aguilar	<i>Obra completa</i>	Afrânio Coutinho	<b>OCA1959</b>
1988	Moderna	<i>A cartomante e outros contos</i>	Notas do editor e orientação de leitura: Douglas Tufano; Preparação de texto: Christina A. Binato.	<b>COC1988</b>
1989	Garnier	<i>Papéis avulsos</i>	Adriano da Gama Kury	<b>PAGK1989</b>
1994	Nova Aguilar	<i>Obra completa</i>	Afrânio Coutinho	<b>OCA1994</b>
1998	Companhia das Letras	<i>Contos: uma antologia</i>	John Gledson	<b>CJG1998</b>
2005	Martins Fontes	<i>Papéis avulsos</i>	Ivan Teixeira	<b>PAIT2005</b>
2015	Nova Aguilar	<i>Obra completa em quatro volumes</i>	Organização editorial: Aluizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloisa Jahn, Rodrigo Lacerda	<b>OCA2015</b>

**Fonte:** Dados desta pesquisa (2020).

## 2 Edição de “O espelho” e implicações pedagógicas

### 2.1 A edição

Conforme já afirmado, foram selecionadas nove edições para cotejo e uma para servir de texto-base à edição de “O espelho” – PA1882. Foi feito o cotejo do conto, no LD (LD2016), com o texto que lhe serviu de fonte para reprodução de “O espelho” – COC1988. Posteriormente, cotejou-se LD2016 com o texto estabelecido e publicado neste periódico.

Todas as edições cotejadas apresentaram variantes, sendo a maioria delas relacionadas à pontuação, conforme pesquisa que consta no artigo “A pontuação no conto ‘O espelho’, de Machado de Assis”, publicado neste número da *Machadiana eletrônica* (MIRANDA, 2021a). A edição de 1937 é a que apresentou maior número de variantes, como já discutido no artigo “‘O espelho’, de Machado de Assis: contribuição à história do texto (e, subsidiariamente, à história de *Papéis avulsos*)” (MIRANDA, 2021b), também publicado neste número da revista. Ambos os artigos são de autoria do professor José Américo Miranda.

Na edição publicada neste número da *Machadiana eletrônica*, não foram anotadas no aparato crítico a modernização de algumas palavras nas outras edições cotejadas, como “conjectura / conjetura”, “cousa / coisa”, “facto / fato” e “regímen / regime”. Nesta edição da *Machadiana*, essas palavras foram mantidas tal qual aparecem no texto-base, porque as formas antigas ainda se encontram registradas no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (<<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>). Além do mais, essas variantes são pistas das alterações fonéticas pelas quais o português brasileiro passou daquela época, segunda metade do século XIX, para cá.

No foco deste artigo estão a edição COC1988 e o texto do conto em LD2016. COC1988 é um livro que faz parte da coleção Travessias, da editora Moderna. Segundo informação que consta no *site* da referida editora, a coleção é composta de obras clássicas da literatura brasileira e portuguesa: “Os títulos da série apresentam um minucioso trabalho de comentários e notas explicativas à margem do texto integral, elaborado pelo professor Douglas Tufano.” (MODERNA, 2020) A antologia *A Cartomante e outros contos* (COC1988), na qual consta o conto “O espelho”, é

composta de 12 contos: “A causa secreta”, “Conto de escola”, “Pai contra mãe”, “O enfermeiro”, “O caso da vara”, “Noite de almirante”, “Um apólogo”, “O espelho”, “Umas férias”, “Missa do galo”, “A igreja do diabo” e “A Cartomante”. Em seguida aos contos, vêm “Notas do editor”, “Obras do autor”, “Dados biográficos” e “Machado de Assis e sua época”. No catálogo da editora, consta que o livro já tem quatro edições, mas a consultada para este artigo foi a de 1988.

O livro, na edição de 1988 (COC1988), tem 56 páginas. A diagramação não é boa, visto que, praticamente, não há margem direita, o espaço entre as linhas é muito pequeno e não se iniciam os contos em página separada. O conto “O espelho” tem dez notas explicativas, sendo a maior parte delas referentes a obras e a pessoas citadas no texto. Há também a tradução de um trecho de uma lenda francesa citada no conto. Entretanto não há tradução de um verso de Longfellow, que também é citado no texto machadiano.

Em relação ao cotejo desta edição (COC1988) com o texto-base (PA1882), detectamos variantes relativas ao uso de iniciais maiúsculas e de itálico, à pontuação, à morfossintaxe (concordância e tempo verbal) e ao léxico (alteração de palavras).<sup>1</sup> Vejamos algumas das variantes, que comprometem o sentido do texto:

Nossa edição	COC1988
1 “Santa curiosidade! tu não és só a <b>ama</b> da civilização, és também o pomo da concórdia, fruta divina, de outro sabor que não aquele pomo da mitologia.” (p. 48, negrito nosso)	“Santa curiosidade! tu não és só a <b>alma</b> da civilização, és também o pomo da concórdia, fruta divina, de outro sabor que não aquele pomo da mitologia.” (COC1988, p. 3, negrito nosso).
2 “Levantava-me, passeava, tamborilava nos vidros <b>das</b> janelas, assobiava.” (p. 53, negrito nosso).	“Levantava-me, passeava, tamborilava nos vidros <b>e</b> janelas, assoviava.” (COC1988, p. 34, negrito nosso).
3 “A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu- <b>me</b> textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação.” (p. 54, negrito nosso).	“A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu- <b>lhe</b> textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido.” (COC1988, p. 35, negrito nosso).

---

<sup>1</sup> Para ver todas as variantes, consultar a edição do conto com aparato editorial, neste número da *Machadiana eletrônica*, p. 45-57.

Em relação à primeira variante – “ama/alma” –, ela originou-se em PA1937, como apontado por Miranda (2021b). Isso é indício de que o texto-base da edição de COC1988 não foi PA1882 (organizada pelo autor). De mais fácil entendimento – “alma da civilização” –, o sentido é diferente de “ama da civilização”. Enquanto o primeiro indica que a curiosidade é a “vida da civilização”, o segundo – “ama” – indica que a curiosidade é aquela que cuida, que alimenta a civilização, que é a responsável pelo seu desenvolvimento.

A segunda variante, encontrada apenas em COC1988, altera claramente o sentido do trecho, visto que desmembra “vidro” e “janela”, transformando-os em dois objetos diferentes. A partícula “das” dá ideia de pertença, ou seja, de que os vidros faziam parte das janelas, isto é, a expressão ajuda na caracterização da casa, que tinha janelas envidraçadas.

A terceira variante, também encontrada apenas em COC1988, além de alterar o sentido do trecho, introduz no texto uma incoerência. O conto tem dois níveis narrativos: no primeiro, o narrador, utilizando a terceira pessoa gramatical, nos relata a reunião dos cinco amigos – é a narrativa moldura; no segundo, Jacobina, empregando a primeira pessoa, narra sua própria experiência com o espelho – é a narrativa encaixada. A maior parte do conto é narrada por Jacobina; em sua narrativa, ele diz que o espelho o reproduziu fielmente. Ao alterar o pronome “me” para “lhe”, o trecho fica sem sentido, o leitor não consegue entender quem foi esse que teve a imagem reproduzida pelo espelho.

O fato de haver em COC1988 algumas variantes e o fato de não ter sido usada como fonte a primeira edição da obra *Papéis avulsos*, publicada em vida do autor, revelam certo descuido na preparação da coletânea de contos. A escolha da fonte para o LD talvez tenha ocorrido pelo motivo de COC1988 fazer parte de uma coleção destinada a estudantes do ensino médio, com notas e orientação de leitura pelo prof. Douglas Tufano.

As variantes identificadas prejudicam o processo de ensino/aprendizagem, já que chega às mãos do aluno um texto diferente daquele escrito e publicado por Machado de Assis, além desse texto conter incoerências que dificultam a compreensão, como a substituição de “me” por “lhe” na passagem mencionada.

Outra informação relevante diz respeito às notas que acompanham o conto em COC1988: são dez notas explicativas referentes à narrativa, no final do livro. Oito delas trazem informações acerca de personagens e obras citadas e duas informam o significado das palavras “ducado” e “alferes”. Considerando-se que é uma coleção escolar, são relevantes as notas, embora haja outras informações no conto que também mereceriam explicações em notas, mas não foram contempladas.

O LD2016 pertence, como vimos, à coleção *Esferas das linguagens*, destinada ao Ensino Médio e aprovada no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do ano de 2018. A coleção é dividida em três volumes, sendo que o conto “O espelho” está no segundo volume. Este volume é dividido em nove unidades, cada uma composta por três capítulos, que englobam os eixos “leitura e literatura”, “texto, gênero do discurso e produção” e “língua e linguagem”. O conto é parte da Unidade 8 – “Sociedade e cultura: sedução da *belle époque* carioca”, capítulo 23 – “Gênero literário: conto”, subcapítulo “O conto escrito moderno”. Antes dessa narrativa machadiana, há um texto que explica o surgimento do conto escrito moderno, introduz informações sobre Machado de Assis e sobre o livro no qual “O espelho” foi publicado – *Papéis avulsos*.

Ocupando quatro páginas e meia do LD (p. 297-301), “O espelho” é acompanhado de uma foto do Morro de Santa Teresa, tirada em torno de 1867. É bom lembrar que se trata de um dos cenários da narrativa. Há também alguns boxes que apresentam informações acerca de certas palavras, de pessoas e obras mencionadas no conto. Em seguida, há exercícios relativos ao texto divididos em duas seções: a primeira com questões relacionadas à primeira narrativa do conto; a segunda voltada para a segunda narrativa – a encaixada. A diagramação é boa, a disposição da foto e dos boxes tornam a leitura mais convidativa para o adolescente.

Em relação ao cotejo de COC1988 com LD2016, encontramos poucas variantes. Como o LD não entrou na lista das obras cotejadas na edição que preparamos, devido ao seu caráter estritamente didático, organizamos as variantes que nele ocorrem no Quadro seguinte:

**Quadro 02 – variantes encontradas no LD – cotejo com COC1988**

COC1988	LD	Classificação da variante	Quantidade de ocorrências
Santa curiosidade! <b>tu</b> não és só a alma da civilização, [p. 32] e acabava de ser nomeado <b>alferes</b> da Guarda Nacional. [p. 32] Minha mãe ficou tão orgulhosa! <b>tão</b> contente! [p. 32] Adeus, sobrinho! <b>adeus</b> , alferes! [p. 33] Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido? <b>era</b> pior. [p. 33] – <i>For ever, never!</i> <b>confesso-lhes</b> que tive um calafrio: [p. 34]	Santa curiosidade! <b>Tu</b> não és só a alma da civilização, [p. 298] e acabava de ser nomeado <b>Alferes</b> da Guarda Nacional. [p. 298] Minha mãe ficou tão orgulhosa! <b>Tão</b> contente! [p. 298] Adeus, sobrinho! <b>Adeus</b> , alferes! [p. 299] Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido? <b>Era</b> pior. [p. 299] – <i>For ever, never!</i> <b>Confesso-lhes</b> que tive um calafrio: [p. 300]	Uso de inicial maiúscula.	06
Rigorosamente eram quatro os que falavam, <b>mas, além</b> deles, [p. 31] – e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um <b>tambor, etc.</b> [p. 32] – <b>Essa</b> senhora é parenta do diabo, [p. 32] Nada, coisa <b>nenhuma;</b> tal qual como na lenda francesa. [p. 34]	Rigorosamente eram quatro os que falavam, <b>mas além</b> deles, [p. 297] – e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um <b>tambor etc.</b> [p. 298] <b>Essa</b> senhora é parenta do diabo, [p. 298] Nada, coisa <b>nenhuma:</b> tal qual como na lenda francesa. [p. 300]	Pontuação	04
<i>é um punhal que me enterras no coração</i> ”. [p. 32] <i>Tic-tac, tic-tac</i> [p. 34]	é um punhal que me enterras no coração”. [p. 298] Tic-tac, tic-tac (todas as ocorrências) [p. 300]	Uso de itálico	02
<b>Corri</b> a casa toda, [p. 33]	<b>Corro</b> a casa toda, [p.299]	Morfologia: tempo verbal.	01

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir de COC1988 e do conto transcrito no LD. Todos os negritos são da autora.

Em relação às variantes referentes aos módulos das letras – maiúsculos e minúsculos –, percebemos que houve uma padronização: ou seja, após todo ponto de exclamação e de interrogação, colocou-se inicial maiúscula no LD. Entende-se que foi uma padronização que empobreceu estilisticamente o texto, visto que, no contexto em que foram usados os pontos de exclamação e de interrogação, eles não demarcam fim de oração, de período ou de enunciado, mas, sim, indicam a melodia, a entonação; eles têm caráter expressivo. Esse assunto é explorado no capítulo seguinte do LD. Se tivessem mantido o módulo minúsculo, poderiam já ter antecipado esse assunto – “Entonação expressiva” –, que foi mais explorado em textos dos domínios jornalístico, publicitário e de histórias em quadrinhos. Sobre a grafia com inicial maiúscula da palavra “Alferes”, entendemos que talvez a mudança do módulo para maiúscula deveu-se ao fato de se tratar de nome de patente da Guarda Nacional, embora não tenhamos encontrado prescrição para esse uso no *Volp*, nem na *Gramática normativa da língua portuguesa*, de Rocha Lima (2006), nem na *Novíssima gramática da língua portuguesa*, de Domingos Paschoal Cegalla (2010), nem na *Gramática escolar da língua portuguesa com exercícios*, de Evanildo Bechara (2006). Em geral, nessas gramáticas, é afirmado que se usa inicial maiúscula, entre outros contextos, no caso de “[...] nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos [...]” (BECHARA, 2006, p. 621), mas alferes não se encaixa nesse caso: “alferes [...] 2. patente de oficial abaixo de tenente (no Brasil, a designação foi substituída pela de segundo-tenente) 3. oficial que ocupa essa patente” (HOUAISS; VILLAR, 2009). Além disso, Houaiss (1983, p. 117), em *Elementos de bibliologia*, afirma que não há motivo para se grafar com inicial maiúscula os axiônimos profissionais. Na lista elencada pelo autor, há, inclusive, alguns relativos a patentes como “tenente, capitão, coronel, general [...]”, todas acima de alferes.

Em relação às variantes de pontuação, foram quatro ocorrências, sendo duas relativas ao uso de vírgula. A exclusão da vírgula antes de “além deles” é um erro de transcrição, visto que “além deles” deve vir isolado por vírgula nesse contexto: “Rigorosamente eram quatro os que falavam; **mas além deles**, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação.” (LD2016, p. 297). Como se vê, é uma locução denotativa de inclusão que, nessa frase, deveria vir isolada por vírgula, como vem em

COC1988, nas demais edições cotejadas neste estudo e no texto estabelecido, publicado neste periódico. Em relação à vírgula excluída antes de “etc.”, também foi uma exclusão desnecessária, já que o uso é facultativo. Cegalla (1996, p. 122), por exemplo, afirma que etc. é “Abreviatura da expressão latina *et cetera* (= e as demais coisas). 1. Costuma-se usar vírgula antes dessa abreviatura, embora contenha a conjunção *e*: Consertam-se fogões, geladeiras, máquinas de lavar, etc.”

Rogério Elpídio Chociay (2005), em texto acerca da pontuação, também defende, após minuciosa pesquisa, o uso de etc. sempre antecedido por vírgula, ponto e vírgula ou ponto, conforme o caso. Segundo ele, não se justifica o argumento baseado na origem latina da abreviatura, visto que “‘e’ e ‘et’ estão separados por milênios de evolução do latim ao português, e [...] o usuário interpreta ‘etc.’ mais como palavra do que como abreviatura.” (CHOCIAY, 2005, p. 162-163) Ele também acrescenta outros motivos para essa defesa: “Além da frequência de uso no discurso dos gramáticos e dos escritores em geral, na atualidade, há outro forte argumento para aconselhar o emprego de “etc.” após vírgula: o atual Sistema Ortográfico.” (CHOCIAY, 2005, p. 164). Embora esse documento não discipline diretamente o uso de “etc.”, segundo Chociay (2005, p. 164), “contam-se 144 [...] empregos de ‘etc.’ [...] [no texto integral do Formulário Ortográfico] sempre após vírgula ou ponto-e-vírgula [...]”.

A vírgula foi mantida em todas as edições cotejadas para esta pesquisa, exceto em OCA2015 e no livro didático – LD2016.

Em relação à exclusão do travessão, foi outro erro cometido em LD2016, já que se trata de marcação de diálogo no conto.

A troca do ponto e vírgula por dois-pontos também não é justificável, considerando-se a norma atual, já que o ponto e vírgula pode ser usado para “separar as séries ou membros de frases que já são interiormente separadas por vírgulas.” (ROCHA LIMA, 2006, p. 464). A substituição por dois-pontos transforma “tal qual como na lenda francesa” em um resumo, em um esclarecimento de “Nada, cousa nenhuma”; ao passo que o uso do ponto e vírgula dá ideia de enumeração e comparação.

Em relação ao uso de itálico, também entendemos que a alteração para tipo redondo foi inadequada. Este trecho da citação “[...] *é um punhal que me enterras no coração*” está em itálico por motivo de ênfase. Em seguida, o narrador o comenta. Ao retirar o itálico, LD2016 apaga um recurso estilístico utilizado no conto. Em relação à exclusão do itálico na locução “tic-tac”, também aí ela não se justifica. O itálico pode

ter sido usado para marcar a onomatopeia, dando ênfase ao incômodo do som do relógio, que, embora pouco intenso, por ser repetitivo e o local silencioso, tornou-se ensurdecedor, insuportável. Com isso, a situação psicológica da personagem ganha relevo. Daí a inadequação da alteração no tipo das letras. Além do mais, atualmente, a grafia é “tique-taque”, o que seria mais um motivo para manter o itálico no conto.

Em relação à alteração do tempo verbal “Corri a casa toda” por “Corro a casa toda”, trata-se também de possível erro, já que não se justifica, pois essa frase encontra-se no parágrafo em que é narrado o momento (passado) em que Jacobina percebeu que estava só. A maior parte do trecho está no passado.

Em LD2016, as notas, como já afirmado, estão em forma de boxes. São 16 no total. Elas foram colocadas praticamente para as mesmas informações anotadas em COC1988, exceto a referente a Camões. Além dessas, acrescentaram-se outras sete com significados de palavras menos comuns como “casmurro”, “cáustico”, “espórtula”, etc. Entretanto, há outras passagens, como o “pomo da mitologia” e o verso de Longfellow – “*Never, for ever! – For ever, never!*” –, por exemplo, que deveriam ter sido objeto de notas ou de sugestões de pesquisa para os alunos e/ou os professores. Considerando-se o contexto do magistério na atualidade – muitos professores trabalham em duas escolas, excesso de trabalho, etc. –, a informação para o professor e/ou a sugestão de pesquisa são essenciais.

Em síntese, em relação às variantes encontradas em LD2016, no cotejo com COC1988, entende-se que foram feitas alterações inadequadas. Disso concluímos que, além de não corrigir os erros que ocorrem em COC1988, o LD2016 introduziu mais erros no texto. Ou seja, o conto que chegou ao aluno sofreu alterações, ficou estilisticamente empobrecido, com alguns trechos incoerentes. A maioria das mudanças foram feitas para uma uniformização desnecessária.

## **2.2 A escolarização do texto machadiano: alguns apontamentos**

### **2.2.1 A escolarização da literatura**

Antes de abordar propriamente a escolarização do texto machadiano, será necessário discutir, brevemente, a escolarização da literatura de maneira geral. Para começar, utilizaremos um tuíte de um dos maiores influenciadores digitais do país na atualidade – o *youtuber* Felipe Neto, que muita polêmica causou nas redes sociais e jornais acerca do ensino de literatura:

**Felipe Neto**  @felipeneto · 23 de jan

Forçar adolescentes a lerem romantismo e realismo brasileiro é um  
desserviço das escolas para a literatura.

Álvares de Azevedo e Machado de Assis NÃO SÃO PARA ADOLESCENTES! E  
forçar isso gera jovens que acham literatura um saco.

Esse tuíte acabou ganhando repercussão em grandes jornais do país, como *O Globo* e *Folha de S. Paulo*, além, é claro, de milhares de comentários na página do *youtuber*. Além de polêmico, o texto envolve, pelo menos, dois conceitos-chave na área da educação: currículo e escolarização do conhecimento.

Ao falar de currículo, falamos de conhecimento,<sup>2</sup> ou seja, do conhecimento que é considerado legítimo para ser ensinado nas escolas, já que “o conhecimento escolar é a matéria prima da teoria de currículo”. (RIBEIRO; ZANARDI, 2016, p. 871) É evidente que nem todo conhecimento entra no currículo escolar, o que demonstra que há vários fatores no jogo da escolha do que será escolarizado. Tal escolha é um ato de poder e envolve política e ideologia, entre outros aspectos. (RIBEIRO; ZANARDI, 2016) A inclusão ou a exclusão da literatura no/do currículo da educação básica também está inserida nesse jogo. Nem sempre a Literatura fez parte do currículo como disciplina autônoma, sendo, na maioria das vezes, incorporada à disciplina Língua Portuguesa,<sup>3</sup> como ocorre atualmente. Na verdade, até a disciplina Língua Portuguesa é datada, pois foi incorporada ao sistema de ensino no Brasil muito recentemente: “nas últimas décadas do século XIX, já no fim do Império.” (SOARES, 2004, p. 157) De lá para cá a disciplina sofreu alterações não apenas no nome, mas também no conteúdo programático.

Se a escolha do conhecimento a ser escolarizado é um ato de poder que envolve vários fatores, devemos sempre nos perguntar qual o motivo pelo qual se ensina determinado conteúdo. Sendo assim, julgamos pertinente questionar: por que se ensina literatura nas escolas? Entende-se que a literatura deve ser lida e ensinada porque

---

<sup>2</sup> Não ignoramos as disputas que ocorrem no campo do currículo entre, principalmente, grupos que defendem ou o conhecimento ou a cultura como tema central da área. (Cf. RIBEIRO, 2017) Como o foco deste artigo não é o currículo em si, isso não será discutido; seguimos os estudos que adotam o conhecimento como central no campo curricular.

<sup>3</sup> Sobre o assunto, ver “O ensino de literatura engessado por leis e decretos”, de Irene Severina Rezende, disponível em: <<https://rb.gy/dynmpz>>.

[...] oferece um meio – alguns dirão até mesmo único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela [a literatura] nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos. Assim, um funcionário, diante do que torna sublime o desenlace da *Princesa de Clèves*, estará mais aberto à estranheza dos hábitos de seus subordinados. (COMPAGNON, 2009, p. 47)

É bom lembrar que não apenas as disciplinas das matrizes curriculares da educação básica são passíveis de alteração, o conteúdo programático delas também o é. Mais do que susceptíveis, ele deve ser questionado, pois, como visto em parágrafo anterior, a escolha do conhecimento a ser escolarizado é um ato de poder. Isso nos conduz à postagem feita pelo *youtuber*, pois, embora cite apenas Machado de Assis e Álvares de Azevedo em seu tuíte, fala dos clássicos em geral, questiona o ensino dos clássicos na escola. Para ele, esse ensino é um desserviço à literatura, porque, ao invés de formar leitores de textos literários, faz com que os jovens não gostem da disciplina.

Essa opinião aponta para um problema na formação do leitor de texto literário e levanta uma discussão muito pertinente e necessária a respeito do ensino de Literatura: 1) O que ensinar em Literatura (os clássicos ou outros textos, como os *best-sellers*, por exemplo)? e 2) Como ensinar a disciplina?

Em relação à primeira pergunta, que ainda envolve o currículo, defendemos o ensino dos clássicos na educação básica, sobretudo no ensino médio. Isso porque, quando o aluno chega à escola e quando está na escola, ele já tem e amplia o conhecimento acerca das chamadas literatura de massa e popular. Já em relação aos clássicos, a não ser que seja um aluno cuja família tenha o hábito de ler esse tipo de texto, ele vai precisar da mediação do professor para conseguir interpretá-los. É bom lembrar que se espera, ao final da educação básica, que o aluno tenha habilidade e competência para ler, compreender e interpretar textos, dos mais variados gêneros e tipos, que fazem parte do patrimônio artístico-literário nacional e internacional, já que no ensino médio a escola deve

[...] inclu[ir] [...] obras da tradição literária brasileira e de suas referências ocidentais – em especial da literatura portuguesa –, assim como obras mais complexas da literatura contemporânea e das literaturas indígena, africana e latino-americana. (BRASIL, 2018, p. 492)

Ou seja, é dever da escola possibilitar que o aluno desenvolva essas habilidades e competências para usufruir desse patrimônio. E, para isso, ele precisa ter contato com a literatura, ou melhor, ele precisa ler obras literárias:

Como linguagem artisticamente organizada, a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir. Nesse sentido, a literatura possibilita uma ampliação da nossa visão do mundo, ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo/vivenciando. (BRASIL, 2018, p. 491)

É importante lembrar que os nossos clássicos permitem ao estudante ter

[...] o conhecimento necessário da cultura brasileira [...] – trata-se de uma questão de identidade, do fortalecimento dela, e do estímulo ao sentimento de pertença a um grupo social; [...] trata-se de um deslocamento exigido do leitor – trata-se do distanciamento linguístico, histórico e cultural, que obriga o leitor atual a deslocar-se do seu lugar social, histórico e cultural, para tentar compreender os valores de um outro tempo, num esforço que exercita no indivíduo o respeito pela alteridade e pela diferença. (MIRANDA, 2009, p. 134)

Além do mais, infelizmente, muitos alunos não continuam os estudos após o ensino médio, e outros vão cursar graduação em outras áreas, como Exatas e Biológicas, em que a leitura literária não é obrigatória. Assim sendo, a oportunidade maior que há para se formar o leitor de literatura está no ensino médio. Se forem excluídos os clássicos dessa etapa da educação básica, milhares de alunos serão impossibilitados de ter acesso a essa parte do patrimônio cultural e artístico brasileiro e internacional, sendo, dessa forma, alijados de uma formação cidadã plena. Em síntese, ler os clássicos é também um ato de experiência da alteridade.

Respondida a primeira pergunta, a segunda – “Como ensinar literatura?” – diz respeito à escolarização do conhecimento, no caso deste artigo, da literatura. Escolarização pode ser entendida, grosso modo, como o processo pelo qual o conhecimento e as artes são didatizados, tornando-se instrucionais. (EVANGELISTA; BRANDÃO; MACHADO, 2003)

Em relação ao ensino de literatura, antes de mais nada, é importante relembrar que o foco deve ser a obra literária em si, não a crítica ou a historiografia. Como bem apontou Calvino (1993, p. 12):

Por isso, nunca será demais recomendar a leitura direta dos textos originais, evitando o mais possível bibliografia crítica, comentários, interpretações. A escola e a universidade deveriam servir para fazer entender que nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão; mas fazem de tudo para que se acredite no contrário.

Existe uma inversão de valores muito difundida segundo a qual a introdução, o instrumental crítico, a bibliografia são usados como cortina de fumaça para esconder aquilo que o texto tem a dizer e que só pode dizer se o deixarmos falar sem intermediários que pretendam saber mais do que ele.

Mas, muitas vezes, o professor encontra-se diante de uma tarefa difícil, que é a de conciliar as exigências da sala de aula – cobrança de determinados conteúdos, avaliação da aprendizagem – com as especificidades do texto literário. É dever da escola possibilitar ao estudante o desenvolvimento de suas habilidades de leitura e de compreensão de textos dos mais variados domínios, sendo que, para isso, é inescapável um processo de escolarização.

No caso de textos de autores clássicos, esse processo ainda é mais desafiador, já que a mediação do professor é indispensável para que o estudante consiga lê-los e interpretá-los, o que implica atribuir sentidos/significados ao que foi lido, assim como atualizar e relacionar os textos lidos a fatos e acontecimentos da atualidade: “Para poder ler os clássicos, temos de definir ‘de onde’ eles estão sendo lidos, caso contrário tanto o livro quanto o leitor se perdem numa nuvem atemporal.” (CALVINO, 1993, p. 14). Para isso, é necessário que o processo de escolarização se aproxime o mais possível das condições de leitura da literatura fora da escola. Isso implica fazer com que o jovem se identifique de alguma maneira com o texto a ser lido. Nesse sentido, não se trata de “forçar”, retomando o tuíte de Felipe Neto, o estudante a ler determinado texto. Na verdade, o “forçar” afasta o adolescente dos clássicos e demonstra que o problema não está na obra em si, mas no processo de escolarização dessa obra, já que ela não foi produzida para que alguém fosse forçado a lê-la. Nesse ponto, discordamos de Calvino (1993), para quem, bem ou mal, a escola deve ensinar os clássicos. Para nós, a escola só deve ensinar os clássicos se os ensinar bem, já que os ensinando de maneira inadequada afasta o estudante da literatura. Entende-se um clássico como uma obra que desafia o leitor à leitura e, como desafio, deveria ser ensinada: “[...] os clássicos não são lidos por dever ou por respeito mas só por amor. (CALVINO, 1993, p. 12)

Nesse contexto, “forçar” a leitura e depois complementá-la apenas com questionários padronizados, que enfatizam, muitas vezes, a superfície do texto, é esvaziar o texto literário de suas potencialidades.

O ensino envolve diversos procedimentos e processos, como o recorte de conteúdo, a avaliação, etc. O processo de avaliação da aprendizagem, por exemplo, tão necessário, é, muitas vezes, engessado pelas instituições. Além desse engessamento, há

diversas outras questões que perpassam o processo de escolarização, como a escolha do livro/texto literário a ser lido pelo estudante; as estratégias didáticas (in)adequadas para o trabalho com esses textos em sala de aula, considerando-se o conhecimento prévio do estudante, a formação do professor e o tempo (ou ausência dele) para leitura prévia do texto e preparação das atividades; a biblioteca escolar (ou a ausência dela); e o livro didático, entre outros fatores.<sup>4</sup> Neste artigo, será analisada a escolarização de um texto literário no livro didático.

Sem retomar aqui o velho debate sobre usar ou não o manual didático, o fato é que o LD é um material essencial para a maioria dos professores e alunos, tanto das escolas brasileiras públicas quanto das privadas. Embora o ideal seja que o LD fosse apenas um apoio ao professor, devido às condições de trabalho do docente na atualidade, ele tornou-se “o roteiro do trabalho [...] a diretriz básica do professor no seu ensino”. (SOARES, 2008) Diante desse contexto, é necessário que o material didático seja da melhor qualidade possível.

Apesar de necessário, sabemos que o LD apresenta problemas, mas isso não invalida sua utilização em sala de aula, já que “As condições sociais e a formação da absoluta maioria dos profissionais de ensino não permite que abdicuem desses livros. E há valores inegáveis em muitos deles. (ALVES, 2003, p. 73)

O processo de escolarização da obra literária no LD é muito complexo, visto que implica diversas alterações no texto que são inescapáveis. Vejamos algumas. 1) Em relação ao suporte: o poema, o conto, a crônica, etc. são publicados em livros específicos como, por exemplo, “O espelho”, que faz parte de um livro, que é uma coletânea de textos de Machado de Assis: *Papeis avulsos*. Embora o conto tenha uma unidade temática e estilística, ele faz parte de um todo, organizado pelo autor, com algum intuito significativo, apesar de, no caso de nosso exemplo, o título apontar justamente para o contrário, como bem apontou o autor na “Advertência” ao livro:

Este titulo de *Papeis avulsos* parece negar ao livro uma certa unidade; faz crer que o autor colligiu varios escriptos de ordem diversa para o fim de os não perder. A verdade é essa, sem ser bem essa. Avulsos são elles, mas não vieram para aqui como passageiros, que acertam de entrar na mesma hospedaria. São pessoas de uma só familia, que a obrigação do pae fez sentar á mesma mesa. (ASSIS, 1882, grifos do autor)

---

<sup>4</sup> Há uma bibliografia considerável acerca dessas questões. Para quem se interessar, cf. DIONÍSIO (2014), OLIVEIRA (2011), PAULINO (2014), SOARES (2003), ZILBERMAN (2012), entre outros.

Daí a necessidade de se contextualizar o texto e de, pelo menos, mostrar o suporte original em sala de aula. O certo é que, ao ser transcrito para o livro didático, o texto literário perde seu suporte original, o que, em si, já afeta a construção do sentido dele, pois o suporte contribui para o significado do texto literário. Mas não há como reproduzir um livro todo de contos ou crônicas ou poemas no LD. 2) Em relação ao espaço: o livro didático deve conter atividades e textos que possibilitem ao educando desenvolver as habilidades de leitura, interpretação, produção de textos e de reflexão gramatical/linguística. Assim sendo, percebe-se que o espaço destinado aos textos é limitado no LD, que deve contemplar diversidade de gêneros e de autores. É impossível, por exemplo, reproduzir por inteiro um romance ou uma novela ou mesmo um conto mais longo. No caso desses gêneros, só é possível a reprodução de fragmentos, conforme já vimos, o que é extremamente danoso para a compreensão e para a interpretação do texto. Para amenizar esse problema, esse fragmento deveria também constituir-se um todo:

[...] ao selecionar o fragmento de um texto, este tem de constituir-se, ele também, como texto, isto é: uma unidade de linguagem, tanto do ponto de vista semântico – uma unidade percebida pelo leitor como um todo significativo e coerente – quanto do ponto de vista formal – uma unidade em que haja integração dos elementos, que seja percebida como um todo coeso. (SOARES, 2003, p. 30)

Entretanto, mesmo que se reproduza um capítulo que atenda aos requisitos mencionados, este não é independente; ele ganha outro sentido, diverso daquele que tem dentro do todo da narrativa. No caso do romance, é imprescindível que haja orientação para leitura do texto completo, o capítulo transcrito deve servir como “chamariz” para a leitura integral, ele deve ser trabalhado de maneira a despertar no estudante o desejo de ler a obra completa. Para isso, é indispensável a mediação do professor, a contextualização e as atividades referentes à obra no LD.

Além dessas alterações necessárias à adaptação do texto ao LD, há outras, que derivam da escolha da edição-fonte, da transcrição do texto, etc. Isso diz respeito à mudança de paragrafação, de estrofação, de ilustração, da configuração gráfica, ou seja, não se respeitam “as características essenciais da obra literária” (SOARES, 2003, p. 37) ao transpô-la para o LD. Considerando-se que, muitas vezes, o LD é o único que possibilita contato de determinados alunos com textos literários, se estes são apresentados mutilados ou descaracterizados, não é de se estranhar a aversão que muitos discentes desenvolvem em relação a tais textos.

Assim sendo, depreende-se a importância do trabalho com textos literários autênticos na sala de aula, como bem apontaram Silva e Fritzen (2012) em pesquisa acerca de literatura e livro didático no ensino médio. E é nesse contexto que se percebe a importância da crítica textual no ensino de literatura:

Considerando-se que, no sistema de ensino de forma geral, o livro didático – um texto escrito, portanto – é o principal instrumento de trabalho, era de esperar que houvesse grande rigor em sua elaboração, pois atinge milhões de leitores. A realidade, no entanto, parece não condizer com esse pressuposto. (CAMBRAIA, 2005, p. 192)

Há algumas pesquisas que analisaram os problemas de transmissão de textos em LDs, como as de Mendes (1986), Soares (2003), Silva (2014), Santiago-Almeida, Morandini e Silva (2018), Barreto e Santiago-Almeida (2019), entre outras. Esses trabalhos mostram as alterações que os textos sofrem ao serem transcritos para os LDs e como essas mudanças alteram o sentido deles, já que muitas, como bem observado por Silva (2014, p. 131), em análise da transmissão de *Quincas Borba* em material didático, tendem “ao distanciamento e redução do texto original”, assim como também se verificou na reprodução de “O espelho” no LD nesta pesquisa.

### **2.2.2 – A escolarização do conto “O espelho” de Machado de Assis**

Machado de Assis é um escritor que dispensa apresentações. Além de ser um dos maiores autores da língua portuguesa, possui uma extensa obra – romances, contos, crônicas, poemas, peças teatrais, traduções, prefácios e crítica literária. Entretanto, apesar da quantidade e da diversidade de sua obra, é possível verificar que nos livros didáticos pesquisados foram encontrados textos de apenas três gêneros dentre os vários que ele praticou: contos, crônicas e romances. Mesmo assim, a crônica foi encontrada em apenas uma coleção das cinco que têm textos machadianos, contos em quatro delas e fragmentos de romances em todas essas cinco. A ênfase no romance, porém, não implica variedade de títulos, visto que, dos nove romances escritos e publicados pelo autor, apenas dois aparecem nesses livros didáticos: *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*. Além de trazerem poucos textos do escritor, nos livros didáticos não se localizaram indicações para leitura das demais obras dele nem mesmo uma simples lista de suas obras como indicativo para leituras complementares. Nas breves notas biográficas constam informações relativas a outras atividades do romancista, como a de poeta, a de teatrólogo, etc., mas isso em apenas uma ou duas linhas, nada que motive o

estudante a pesquisar a respeito disso e nenhuma nota de orientação ao professor para algum trabalho de motivação para leitura ou para conhecimento de outros gêneros produzidos por Machado de Assis.

Outro fato que nos chamou a atenção relaciona-se ao modo como o conteúdo literário está distribuído nos livros didáticos do ensino médio, independentemente de estar junto com o conteúdo de Português, de ser uma coleção dedicada apenas à Literatura ou de ser em um ou mais volumes: a divisão do conteúdo literário no LD se dá de forma compartimentada. Entendemos que isso seja prejudicial à formação do leitor, visto que, como dito anteriormente, defendemos a articulação do trabalho pedagógico com as práticas sociais de leitura, o que possibilita tornar essa atividade mais significativa para o aluno. Partindo dessa afirmativa, fica entendido que a compartimentação estanque da literatura em estilos literários é muito distante das práticas discursivas de produção e de leitura de textos literários.

Na coleção em que consta “O espelho” – *Esferas das linguagens* –, publicada em 2016 e indicada no PNLD de 2018, o conteúdo literário é dividido em estilos de época, sendo trabalhados nesse segundo volume do trovadorismo ao naturalismo. Nesta coleção, os textos machadianos estão localizados na unidade 08 – “Sociedade e cultura: sedução da *belle époque* carioca” –, dedicada ao realismo; e “O espelho” vem no capítulo 23 (que pertence à unidade), que focaliza o conto como gênero literário. A crônica e os fragmentos de romance vêm no capítulo anterior – “O leitor literário da prosa realista brasileira”.

Como é perceptível pela própria divisão estabelecida no LD, é enorme o conteúdo a ser trabalhado em um ano apenas, já que são textos da Idade Média ao final do século XIX. Em síntese, é abordado em um ano um conjunto de textos que abarca cerca de 800 anos de produção literária. Diante de tamanho conteúdo, não se espera que seja possível aprofundar o estudo de um dado escritor ou obra, já que isso inviabilizaria o estudo dos demais. Entretanto, esse achatamento do conteúdo faz surgir algumas perguntas:

- Não seria possível redistribuir o conteúdo, incluindo no primeiro volume parte do que vem no segundo?
- Não seria possível pensar uma coleção que começasse esse trabalho mais diacrônico a partir dos últimos anos do ensino fundamental II, como no nono ano, por exemplo?

- Mesmo considerando uma abordagem diacrônica, não haveria possibilidade de se distribuir o conteúdo, privilegiando um gênero em cada época?

Esses são questionamentos que não apenas o professor deve fazer ao trabalhar a literatura em sala de aula, mas também os autores das coleções de LD. Pensar outras possibilidades de trabalhar o ensino de literatura com foco na obra literária em si é algo imprescindível para que se possa formar mais leitores de textos literários, como sugerem Moreira e Oliveira (2021). Seguem-se alguns comentários acerca da obra de Machado nessas coleções.

\* \* \*

Os primeiros romances machadianos – *Ressurreição*, *A mão e a luva*, *Helena e Iaiá Garcia* – têm ainda algumas características românticas, apesar de anteciparem algumas questões que predominarão nas suas obras chamadas realistas. (Cf. MOISÉS, 2001). Entretanto nas coleções pesquisadas não há qualquer referência a Machado de Assis ou a essas obras nos capítulos destinados ao Romantismo. Além disso, nas seções destinadas ao estudo de seus romances – os dois únicos que aparecem – não há referência a essas primeiras obras, apesar de bastar um simples cotejo para verificar que entre *Ressurreição* e os romances da ‘fase realista’ existem “não poucas coincidências ou recorrências de forma, de conceito, de personagem, de situação, etc.” (MOISÉS, 2001, p. 17).

Pode-se argumentar que o espaço no LD é pequeno para tão grande conteúdo, impossibilitando, dessa maneira, um trabalho mais sistemático com esse escritor. Entretanto esse problema não se restringe ao tratamento pedagógico da obra machadiana, ele engloba o trabalho com todo conteúdo literário. Em outras palavras, essa maneira diacrônica de trabalhar o texto literário passa a ideia de que a literatura é uma lista de obras e autores, que têm importância em determinadas épocas e que se estudam hoje não se sabe por que nem para que, não permitindo que o estudante perceba que tais obras influenciam até hoje não apenas a literatura, mas a música, o cinema, a TV, outras artes e mídias e o nosso pensamento. Por exemplo: as cantigas medievais portuguesas, que são estudadas quando se aborda o trovadorismo, influenciam a poesia e a música brasileiras (Cazuza, por exemplo) contemporâneas. Entretanto, nos capítulos destinados à literatura atual, isso não é retomado.

A obra de Machado de Assis também influencia a literatura, a música (“Capitu”, Luiz Tati), o cinema (há muitos filmes baseados em seus romances e contos) e a TV

(novelas e séries) brasileiros até a atualidade; porém, nas seções destinadas ao Modernismo e à literatura contemporânea isso não é retomado. Há uma coleção – *Veredas da palavra* – que traz informações das adaptações da obra de Machado de Assis para outras artes e de sua apropriação pela literatura de cordel, mas isso está restrito ao capítulo destinado ao realismo e ao naturalismo. Ou seja, as coleções não articulam o conteúdo de maneira a contemplar a literatura como um sistema, nos termos de Antonio Candido (2009).

Em relação ao conto “O espelho”, como já informado, ele está reproduzido, no LD, no capítulo destinado ao gênero conto. Nesse processo de escolarização, o conto foi retirado de uma antologia de contos machadianos destinada a estudantes e incorporado ao LD. Há um pequeno parágrafo, que antecede a reprodução do conto, que contextualiza um pouco o suporte original da narrativa (embora ele tenha sido transcrito no LD a partir de outra fonte):

Selecionamos o conto “O espelho”, de **Papéis avulsos** (1882), uma reunião de onze contos da fase de maturidade do autor. O livro contém outros contos que tratam da ambição, das vaidades humanas e da loucura. Destacam-se “O alienista” e “Teoria do medalhão”. Faça uma primeira leitura para saborear o texto. (LD, 2016, p. 296)

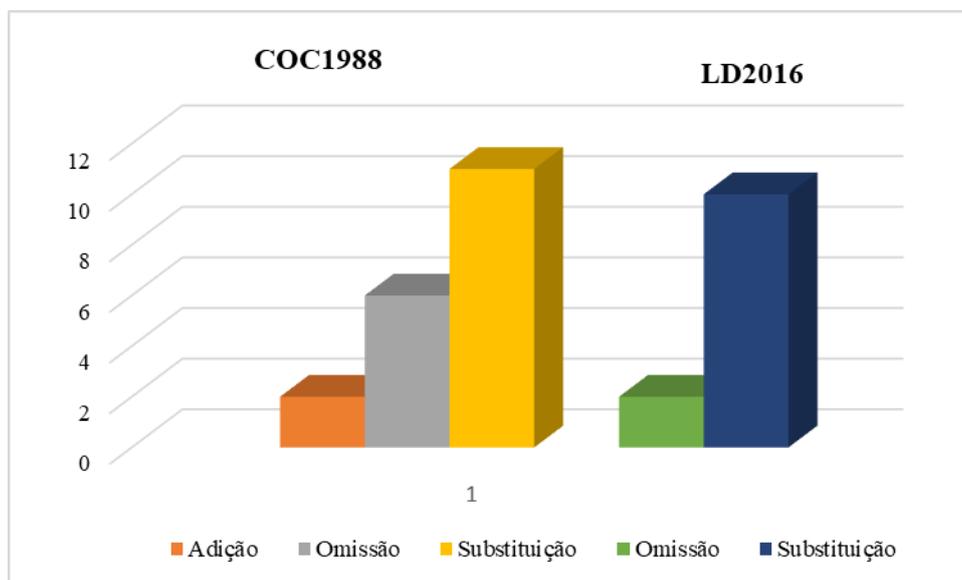
Atente-se para a inexatidão da informação: *Papéis avulsos* contém doze escritos do autor, e nem todos são contos. O próprio autor escreveu na “Advertência” ao livro: “Quanto ao genero delles [...] ha aqui paginas que parecem meros contos, e outras que o não são [...]” (ASSIS, 1882)

Em seguida, no LD, há uma foto de Machado e a capa de um livro referente ao escritor. Se, por um lado, a contextualização do suporte original de “O espelho” é importante, ou melhor, imprescindível; por outro, entendemos que talvez fosse melhor reproduzir a imagem da capa de *Papéis avulsos*. Além do mais, em se tratando de livro do professor, seria importante vir orientação em boxes ou à margem acerca da pertinência de levar o livro para sala de aula, para que os alunos tenham contato com a totalidade da obra da qual o conto foi retirado, caso não haja exemplares deste na biblioteca da escola. Além do mais, é importante lembrar que a obra machadiana, incluindo *Papéis avulsos*, está em domínio público.

Em relação à reprodução do conto, foi visto que o texto que chegou ao estudante provém de uma antologia, *A cartomante e outros contos* (COC1988), que, evidentemente, colheu o conto em outra obra. Assim, o texto do LD passou por duas

etapas que geraram “variantes” (em relação ao texto por nós estabelecido e que vem neste número da *Machadiana Eletrônica*): a antologia traz algumas variantes; e o texto do LD, além das variantes da antologia, introduziu algumas outras. No processo de transmissão da narrativa, a cada nova edição as variantes tendem a se acumular. No gráfico seguinte, encontram-se os tipos de variantes encontradas nessas duas obras. A classificação das variantes (algumas são erros mesmo) foi feita de acordo com Blecua (1983):

**Gráfico 1** – Variantes/erros encontrados em COC1988 e em LD2016



**Fonte:** Dados desta pesquisa (2020).

Como se pode perceber, o tipo mais recorrente de variantes nas duas obras diz respeito à substituição, quer de palavra, como no caso de “ama/alma”, quer de pontuação, entre outros. Considerando que LD2016 não corrige nenhuma variante (nenhum erro), apenas acrescenta outras (outros), o texto de “O espelho” que chega ao estudante apresenta variantes e erros que o distanciam da última versão do autor. Isso contribui para um processo de escolarização precário da literatura, considerando-se a qualidade do texto literário.

\* \* \*

Antes de analisar as atividades relativas ao conto no LD, é necessário retomar alguns pressupostos. Se, por um lado, o processo de escolarização é inevitável em nossa sociedade, conforme já afirmamos, por outro é necessário aproximar esse processo, no

caso do ensino de leitura, das práticas de leitura que ocorrem fora dos muros da escola. No mundo contemporâneo, todas as pessoas são “convidadas” a ler em diversas circunstâncias do dia a dia: um nome de rua, um letreiro de ônibus, uma manchete de jornal, uma propaganda, um *outdoor*, uma notícia, um artigo de opinião, um rótulo de produto alimentício, um conto, um poema, etc. Ou seja, na sociedade atual ninguém escapa dos atos de leitura. Mas é importante pontuar que essa leitura é socialmente demandada ou motivada. Ninguém lê apenas por ler, toda leitura tem um objetivo. Assim, ao tentar aproximar a escolarização da leitura literária das práticas corriqueiras de leitura é necessário que se estabeleçam objetivos:

Há [...] evidência experimental que mostra que somos capazes de lembrar muito melhor aqueles detalhes de um texto que têm a ver com um objetivo específico. Isto é, compreendemos e lembramos seletivamente aquela informação que é importante para o nosso propósito. (KLEIMAN, 2004, p. 30-31)

E qual seria o objetivo da leitura de um texto literário? O que leva alguém, fora da escola, a ler um romance, um poema, um conto ou outro texto literário qualquer? A princípio, podemos pensar que a leitura literária é feita apenas por distração, por prazer, que se trata de uma atividade lúdica. Entretanto, a leitura de textos literários significa mais do que isso: ao procurar um texto literário para ler, procura-se algo além da diversão, procura-se um outro mundo possível, procura-se uma outra maneira de pensar e de ver a realidade, procura-se uma outra compreensão de si e do outro. Somos seres de linguagem: ouvir/ler e contar/escrever histórias fazem parte de nossa condição humana.

Quando se procura um outro mundo através da leitura literária, é necessário que essa outra realidade faça sentido para o leitor, que dialogue com seu conhecimento de mundo, ainda que o negue. Isso porque, durante a leitura, “o leitor utiliza [...] o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o [...] conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto.” (KLEIMAN, 2004, p. 13)

Espera-se que, na proposta de leitura e de interpretação de um texto literário, constem também atividades de antecipação que possibilitem ao aluno ativar seu conhecimento prévio acerca do gênero ou do assunto do texto, estabelecer objetivo(s) e meta(s) para leitura, levantar hipótese(s) acerca do texto. Para isso,

são relevantes tanto os objetivos da leitura, que levam o leitor a adotar posturas diferenciadas ante o texto – não lemos da mesma maneira um poema e uma receita de bolo – quanto os elementos que compõem a

materialidade do texto, como a capa, o título, o número de páginas, entre outros. (COSSON, 2011, p. 14)

Daí a relevância, no caso de “O espelho”, de o professor levar para sala de aula o suporte original do conto – o livro *Papéis avulsos* – ou de o LD trazer, pelo menos, a imagem da capa do livro, o que não se encontrou em LD2016.

Ainda em relação às atividades prévias ou de contextualização, em LD2016, como já dito, há informações acerca do autor, um parágrafo sobre o livro no qual “O espelho” foi publicado por Machado de Assis e uma orientação para que o aluno faça “uma primeira leitura para saborear o texto” (LD2016, p. 296) – o conto. Tratando-se de um texto cujas ações se passam em outro século, escrito numa linguagem mais elaborada, com temática mais “filosófica”, entendemos que deveria haver mais atividades de contextualização prévia ou orientação para o professor propor essas atividades, como levantamento de hipóteses a partir do título do conto, objetivos de leitura relacionados a essas hipóteses e outras estratégias didáticas que consigam relacionar elementos da estrutura da narrativa – como enredo, espaço, tempo, ponto de vista, etc. – ao conhecimento de mundo do aluno. Essas atividades podem motivar o adolescente a ler com mais interesse e afincado a narrativa, visto que é no momento da contextualização ou da “antecipação” que se consegue “fisgar” o aluno para a leitura.

Após o conto, há dois questionários no LD2016: um relativo à primeira narrativa e outro relativo à segunda. No primeiro, são explorados elementos da narrativa, como narradores, tipos de narradores, espaço e tempo de cada situação. No segundo, exploram-se elementos da segunda narrativa, como o desdobramento do personagem Jacobina – Joãozinho e alferes –, os recursos linguísticos usados para caracterizar cada *persona* de Jacobina, os pronomes de tratamento, etc. São perguntas bem elaboradas, que vão além da superfície do texto e privilegiam aspectos estruturais do conto, apesar de, nas atividades relacionadas à segunda narrativa, haver certa fragmentação, com uma proposta baseada em trechos extraídos do conto. (LD2016, p. 302).

Faltam no LD2016 três atividades que se consideram centrais após a leitura de qualquer texto na escola: i) orientação para o professor indagar aos alunos sobre as dificuldades linguísticas para compreensão do texto; ii) orientação para o professor discutir o assunto do texto com a turma, para verificar, pela escuta, o que os alunos compreenderam, o que não foi compreendido e o que foi compreendido equivocadamente; iii) interpretação do texto. Isso porque a complexidade e a profundidade de um conto como “O espelho” não são passíveis de serem abrangidas e explicitadas para adolescentes em apenas dois questionários.

As duas primeiras atividades podem ser feitas em forma de bate-papo, roda de conversa, etc., se em aulas presenciais; ou em forma de fórum, se em ambiente virtual; sendo necessárias releituras de trechos ou partes do conto. Se o professor tiver possibilitado aos alunos levantarem hipóteses de leitura, é o momento de conferir tais hipóteses. É importante ressaltar que o conhecimento linguístico é chave para a compreensão do texto. Se o professor não verificar e esclarecer as possíveis dificuldades dos alunos relativas ao texto do conto, os discentes podem não conseguir processar o texto e, conseqüentemente, não irão compreendê-lo, o que poderá fazer com que eles tenham “birra” de literatura, como apontado por Felipe Neto.

A terceira atividade – interpretação do conto – pode ser feita oralmente e/ou pode culminar em uma produção textual ou audiovisual dos alunos. Além disso, ela é essencial, pois possibilita ao adolescente perceber que, embora o conto tenha sido escrito no século XIX, sua temática ainda é atual, pois diz respeito à própria condição humana. Além do mais, permite um posicionamento crítico do estudante em relação ao texto e ao escritor. E o que seria essa interpretação da narrativa? Trata-se de uma atividade que possibilite ao leitor relacionar o texto lido com o conhecimento que ele tem de mundo. (COSSON, 2011). Os dois questionários relativos ao conto que constam em LD2016 não contribuem muito para a interpretação do texto, sendo necessária, para isso, a mediação do professor.

Há muitos caminhos para a elaboração de atividades didáticas dessa natureza. A partir da observação de um fato ocorrido em nossa experiência docente, sugerimos aqui uma proposta, não sendo a única, mas um caminho entre muitos possíveis. Relataremos o fato observado e, posteriormente, a proposta didática.

Foi solicitado a um adolescente que lesse esse conto de Machado de Assis, não contextualizando, nem dando informações acerca da obra, do autor ou da época em que foi escrita. Quando terminou a leitura, o adolescente disse que não gostou do conto, porque ele não tinha final. Ou seja, esse leitor não conseguiu compreender a narrativa. Durante a leitura do conto, a certa altura, ele interrompeu a leitura e comentou: “Que bobo esse Jacobina.” Ao ser indagado sobre o porquê dessa afirmativa, o adolescente respondeu: “Ora, era só ele ter levado um celular para o sítio, assim não se sentiria sozinho.” Esse fato observado mostrou quão importantes são as atividades prévias de contextualização da obra a ser lida, visto que o adolescente sequer conseguiu perceber que o enredo se passa em outro século. Além disso, ele não foi capaz de compreender o conto, já que a solução do espelho não foi percebida como tal para o conflito existente na narrativa. Daí a necessidade de se levantarem hipóteses a respeito do texto a ser lido,

a partir do título, para possibilitar ao aluno a antecipação de conhecimentos acerca da construção da identidade do sujeito, tema da narrativa.

Uma atividade de interpretação dessa obra pode ser justamente relacioná-la aos modos de reconhecimento do sujeito na atualidade. Quais seriam as “almas” dos sujeitos na contemporaneidade? O celular, o tênis da moda ou os *likes* nas redes sociais? Pouco provável que seja a ópera ou a Rua do Ouvidor. Seria uma atividade interessante para os alunos, que poderia ser dada em grupo, solicitando-lhes que repensem a questão da construção da identidade do sujeito, tal qual no conto, mas considerando-se o contexto atual. Quais seriam essas “almas”? E se Jacobina vivesse na atualidade, será que mais de 30 dias no sítio apenas na companhia do celular, conectado à internet, seria tranquilo de se viver? As redes sociais são os espelhos da atualidade? São os olhos do(s) outro(s)? E sem celular? Uma atividade desse tipo seria bem desafiadora, pois poderia envolver os adolescentes e resultar em seminário ou fórum ou mesmo em podcast ou vídeo, desde que tudo seja bem orientado pelo professor. Entendemos que fazer esse tipo de atualização é uma das maneiras de conquistar o leitor para a literatura. Mas será que todo texto é passível de atualização? Não temos resposta para essa pergunta; o que podemos afirmar, sem dúvida, é que todo texto clássico é passível de atualização, pois o que faz dele um clássico é justamente sua contemporaneidade, como afirmou Agamben (2009). Isso apenas corrobora nossa defesa do ensino dos clássicos no ensino médio.

## Conclusão

Neste artigo, avaliamos a qualidade editorial do conto “O espelho” em um livro didático destinado ao ensino médio. Examinamos os aspectos editoriais, literários e pedagógicos desse conto no livro didático. Além disso, descrevemos a formação do *corpus* da pesquisa que realizamos, assim como comentamos a edição do referido conto publicada neste periódico.

Em relação à qualidade editorial do conto “O espelho” no LD analisado, verificamos que o texto apresenta variantes e erros, quando o comparamos ao texto estabelecido por nossa edição – texto que vem neste número da *Machadiana eletrônica*. Alguns dos problemas textuais tiveram origem na escolha do livro-fonte do LD; outros surgiram na publicação do LD, são as variantes e erros próprios desta transcrição. Muitas dessas variantes textuais resultaram, ao que parece, de tentativas de uniformização e padronização do conto, para facilitar a leitura pelo estudante. Essas tentativas foram consideradas nocivas ao processo de aprendizagem, já que

empobreceram estilisticamente o conto, além de introduzir erro que comprometeu a compreensão de um trecho.

Em relação aos aspectos editoriais, literários e pedagógicos desse conto no LD, encontraram-se pontos positivos, como a introdução de boxes explicativos, breve contextualização, na qual constam informações relativas ao autor e à obra *Papéis avulsos*, e questionários que trazem perguntas que levam o aluno a compreender aspectos estruturais e composicionais da narrativa. Entretanto, essas atividades foram consideradas insuficientes, visto que não ajudam o discente a levantar hipóteses e a estabelecer objetivos para a leitura e não orientam o professor quanto à contextualização do suporte original do conto. Além disso, as atividades propostas no LD relativas ao conto não contemplam a interpretação dele, pois não possibilitam ao aluno relacionar o assunto/tema da narrativa ao conhecimento de mundo que o educando tem.

Entendemos que todo conhecimento, quando é levado para a escola, sofre o processo de escolarização. Entretanto, defendemos que, no caso do ensino de literatura, esse processo deva se aproximar, o mais possível, das condições efetivas de leitura na sociedade, possibilitando que o aluno desenvolva habilidades que lhe permitam ler, compreender e interpretar textos dos mais diversos gêneros e domínios discursivos. Defendemos, também, o ensino dos clássicos no ensino médio, já que fazem parte do patrimônio cultural brasileiro e mundial; e é dever da escola possibilitar que os alunos desenvolvam capacidades de usufruir das obras literárias que fazem parte desse patrimônio.

#### **THE SCHOOLING OF MACHADIAN TEXTS IN TEXTBOOKS: EDITING AND ANALYSIS OF “THE MIRROR” (“O ESPELHO”).**

**Abstract:** This research has an interdisciplinary approach, being inserted in three fields of knowledge: literature, teaching and philology. In this study, we analyzed the editorial quality of the short story “The Mirror” (“O espelho”), by Machado de Assis, published in a textbook. Besides, we describe the corpus of the research and investigate the editorial, linguistic, literary and pedagogical aspects of this story in the textbook. To carry out this work, we follow methodological principles for each of these areas of knowledge. Regarding the editorial aspects of the short story in the textbook, we found that the text has variants and errors: some introduced in the narrative transcript in the textbook and others coming from the source text. Regarding the literary and pedagogical aspects, we found positive points, such as contextualization with information about the author and the work, and the presence of questionnaires that help the student to understand structural aspects of the narrative. However, there are no anticipation and other activities that allow the student to relate the theme of the

story to the student's knowledge of the world. In other words, in the schooling process, the story underwent changes which impoverished it stylistically, and the proposed activities are insufficient to interpret the text and to arouse the student's interest in literature.

**Keywords:** Teaching, Schooling, Textbook, Machado de Assis, “The Mirror” (“O espelho”).

## Referências

ABAURRE, Maria Luíza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. *Português, contexto, interlocução e sentido*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2016.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

ALVES, José Hélder Pinheiro. Abordagem do poema: roteiro de um desencontro. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliador. *O livro didático de português: múltiplos olhares*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 62-74.

AMARAL, Emília; FERREIRA, Mauro; LEITE, Ricardo; ANTÔNIO, Severino. *Novas palavras*. 2. ed. São Paulo: FTD, 2003.

ASSIS, Machado de. O espelho. *Gazeta de Notícias*, ano VIII, n. 250, 8 set. 1882. Disponível em:  
<[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730\\_02&Pesq=espelho&pagfis=4214](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_02&Pesq=espelho&pagfis=4214)>. Acesso em: 20 jul. 2020.

ASSIS, Machado de. Advertência. In: *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts & C., 1882.

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts & C., 1882. p. 241-257.

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W. M. Jackson, 1937. p. 259-276.

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. v. II, p. 341-346.

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: ASSIS, Machado. *A cartomante e outros contos: texto integral*. São Paulo: Moderna, 1988. p. 31-35. [Notas do editor e orientação de leitura: Douglas Tufano; Preparação de texto: Christina A. Binato]

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Garnier, 1989. p. 153-162. [Edição feita de acordo com a 1ª e anotada pelo Prof. Adriano da Gama Kury.]

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. II, p. 345-352.

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: ASSIS, Machado de. *Contos: uma antologia*, volume 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 401-410. [Seleção, introdução e notas: John Gledson]

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *Papéis avulsos*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 219-233. [Edição preparada por Ivan Teixeira]

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015. v. 2, p. 313-318.

BARRETO, Josenilce Rodrigues de Oliveira; SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Estudo do processo de transmissão de Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa, em livros didáticos de língua portuguesa. *Filologia e linguística portuguesa*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 43-60. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v21i1p43-60>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa com exercícios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BLECUA, Alberto. *Manual de crítica textual*. Madrid: Editorial Castalia, 1983.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: ensino médio*. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <<https://rb.gy/zxjr0b>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMPOS, Maria Inês Batista; ASSUMPÇÃO, Nivia. *Esferas das linguagens*. 2º ano. São Paulo: FTD, 2016.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2009.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1996.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CEREJA, Willian; COCHAR, Thereza. *Literatura brasileira em diálogo com outras literaturas e outras linguagens*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2013.

CHOCIAY, Rogério Elpídio. *Pontuação: ponto por ponto*. Cotia: Íbis, 2005.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

DIONÍSIO, Maria de Lourdes. Literatura, leitura e escola. Uma hipótese de trabalho para a construção do leitor cosmopolita. In: PAIVA, Aparecida *et alii* (Orgs.). *Leituras literárias: discursos transitivos*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 71-84.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

EVANGELISTA; Aracy Alves; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. Introdução: perspectivas de escolarização da leitura literária. In: EVANGELISTA; Aracy Alves; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. (Org.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. São Paulo: Autêntica, 2003. p. 11-16.

HERNANDES, Roberta; MARTINS, Vima Lia. *Veredas da palavra*. São Paulo: Ática, 2017.

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 9. ed. Campinas: Pontes, 2004.

HOUAISS, Antônio. *Elementos de bibliologia*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Instituto Nacional do Livro; Fundação Nacional Pró-memória, 1983.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; MELLO FRANCO, Francisco Manoel de. *Dicionário eletrônico Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MENDES, Marlene Gomes. *A fidedignidade dos textos nos livros didáticos no Brasil*. In: ENCONTRO, 1986, p. 163-174.

MIRANDA, José Américo. Leitura necessária. In: MACHADO, Maria Zélia Versiani *et alii* (Orgs.). *Escolhas (literárias) em jogo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 127-136.

MODERNA. *Coleção travessias*. Disponível em:  
<<https://www.moderna.com.br/main.jsp?lumPageId=4028818B2E3AAEB2012E49CCECE92E58&IdColecaoCatalogo=2C819FCBCE2A48CCAD7EEE9BA2F27786>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

MOISÉS, Massaud. *Machado de Assis: ficção e utopia*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

MOREIRA; Carla Barbosa; OLIVEIRA, Gracinéa I. *Língua portuguesa: autonomia e interdisciplinaridade*. Belo Horizonte: RHJ, 2021. [No prelo]

OLIVEIRA, Silvana Maria Pessôa de. Considerações sobre poesia em bibliotecas escolares. In: PAIVA, Aparecida *et alii*. (Orgs.). *Literatura e ensino médio: acervos, gêneros, práticas*. Campinas: Mercado das Letras, 2011. p. 11-24.

PAULINO, Graça. Algumas especificidades da leitura literária. In: PAIVA, Aparecida *et alii* (Orgs.). *Leituras literárias: discursos transitivos*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 55-40.

REZENDE, Irene Severina. O ensino da literatura, engessado por leis e decretos. *Ecos*, ed. 11, p. 41-48, dez. 2011.

RIBEIRO, Márden de Pádua. Currículo e conhecimento sob diferentes perspectivas teóricas. *Currículo sem fronteiras*, v. 17, n. 3, p. 574-599, set.-dez. 2017. Disponível em: <<https://www.curriculosemfronteiras.org/vol17iss3articles/ribeiro.pdf>>. Acesso em 01 fev. 2021.

RIBEIRO, Márden Pádua; ZANARDI, Teodoro Adriano Costa. Conhecimento escolar e currículo: em falta nos cursos de pedagogia. *Quaestio*, Sorocaba, SP, v. 18, n. 3, p. 867-880, nov. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/2857>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 45. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

SANTIAGO-ALMEIDA; Manoel Mourivaldo; MORANDINI, Gabriela de Souza; SILVA, Lilian Barros de Abreu. A crítica textual pula o muro da escola. *Linha D'Água (online)*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 159-176, maio-ago. 2018. Disponível em: <<https://rb.gy/qnmyoi>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

SILVA, Danielle Amanda Raimundo; FRITZEN, Celdon. Ensino de literatura e livro didático: uma abordagem a partir das pesquisas na pós-graduação brasileira. *Revista Contrapontos – eletrônica*, v. 12, n. 3, p. 270-278, set.-dez. 2012. Disponível em: <[unhttps://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/2236](https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/2236) univali.br>. Acesso em: 10 jan. 2021.

SILVA, Lilian Barros de Abreu. Crítica textual em material didático: a transmissão de Quincas Borba. XVIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia. *Cadernos do CNLP*, v. XVIII, n. 05 – Ecdótica, Crítica Textual, p. 123-134, 2014. Disponível em: <<https://rb.gy/3sj3xb>>. Acesso em 18 fev. 2021.

SILVA, Maximiano de Carvalho e. Homenagem a Sousa da Silveira. *Confluência*, v. 15, n. 1, p. 11-60, 1994.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA; Aracy Alves; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2003. p. 17-48.

SOARES, Magda. Português na escola: história de uma disciplina curricular. In: BAGNO, Marcos (Org.). *Linguística da norma*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2004. p. 155-178.

SOARES, Magda. O livro didático e a escolarização da leitura. *Entrevistas Brasil*, 26 out. 2008. Entrevista concedida ao programa Salto para o futuro. Disponível em: <<http://entrevistasbrasil.blogspot.com/2008/10/magda-soares-o-livro-diditico-e.html>>. Acesso em: 11 abr. 2021.

VOLP – VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>. Acesso em: 10 out. 2020.

ZILBERMAN, Regina. O ensino médio e a formação do leitor. In: *A leitura e o ensino da literatura*. Curitiba: Intersaberes, 2012. p. 207-214.

## A PONTUAÇÃO NO CONTO “O ESPELHO”, DE MACHADO DE ASSIS

*José Américo Miranda*  
*Universidade Federal de Minas Gerais*

**Resumo:** Este artigo confronta a pontuação do conto “O espelho”, de Machado de Assis, tal como está na primeira edição de *Papéis avulsos* (1882), com a pontuação das edições que foram consideradas pelos editores do texto as mais importantes deste conto. Tenta-se extrair desse confronto entre textos ensinamentos que sirvam de orientação para a edição de obras do autor.

**Palavras-chave:** Pontuação, Machado de Assis, “O espelho”.

### I

Quando editamos um texto, uma das questões que primeiro se nos apresenta é a da pontuação. Frequentemente discordamos da pontuação dos autores – isso quando eles são modernos e impressos... porque dos antigos nem se fala: os textos manuscritos antigos nem tinham pontuação, ou a possuíam muito parca, precária e, muitas vezes, confusa (ou pouco estudada e pouco conhecida). Houve tempo em que não havia sequer espaço em branco entre as palavras. (Cf. SPINA, 1994, p. 45-49) Ler e editar um manuscrito significa, então, necessariamente, interpretá-lo. A pontuação, como a conhecemos, só se fixou a partir do século XVII. Evidentemente, mesmo no caso de textos impressos, pontuados com os sinais que conhecemos, a interpretação está sempre em jogo no processo de edição.

A pontuação, como certos outros recursos gráficos, é própria da linguagem escrita. Machado de Assis, ele mesmo, numa de suas crônicas, em que reproduz uma conversa sobre assuntos bíblicos, ao mencionar a obra *Fruto proibido*, de Coelho Neto, observou: “Como a fala não sai em grifo, não se pode conhecer se a pessoa repete um título ou alguma frase.” (ASSIS, 1895, p. 1) A função primeira da pontuação consiste

em esclarecer certas incertezas estruturais, assim como assinalar nuances semânticas que de outro modo não seriam comunicadas ao leitor. Além disso, M. B. Parkes afirma, em sua obra sobre esse tema, que, ao examinar a prática individual da pontuação, é preciso ter cautela. A pontuação é, sempre foi, uma questão individual. (PARKES, 1992, p.1 e p. 5)<sup>1</sup>

Que tratamento dispensar à pontuação de determinado texto é, assim, uma das primeiras e mais importantes decisões a serem tomadas no início da preparação de uma edição. Duas são as opções extremas (isso para textos relativamente próximos de nós, como é o caso de Machado de Assis; porém, para textos mais antigos, e para públicos não especializados, admitem-se graus diversos de intervenção): ou bem se conserva a pontuação do original (ou texto-fonte, ou texto-base), ou bem se moderniza, conforme às regras do tempo em que é feita a edição (também essas regras mudam com o tempo!). Em matéria de pontuação, entretanto, embora existam regras, devemos sempre lembrar que se trata de uma “questão individual”, ou seja, há um enorme grau de liberdade, que permite ao escritor ajustar finamente suas ideias no texto – o que torna extremamente difícil conformar o texto às “regras atuais”.

Mexer na pontuação aqui e ali, aleatoriamente, – apenas onde ela nos incomoda –, sem critério objetivo, não é boa prática. É certo, entretanto, que intervenções pontuais são inevitáveis – como, por exemplo, quando falta o ponto-final a um parágrafo; ou quando há um ponto no meio do período, que interrompe a sequência, e as palavras que dão continuidade à estrutura frasal e à ideia vêm em seguida sem a inicial maiúscula indicativa do início de um novo período. Este segundo exemplo ocorre duas vezes em “O Espelho”, na edição de 1882 de *Papéis avulsos* (texto-base da edição que vem neste número da *Machadiana Eletrônica*).

A produção de um livro impresso envolve diversas etapas: há o autor (o manuscrito, o datiloscrito ou o texto digitado, ou o arquivo digital), há o tipógrafo, há o revisor, há a impressão mecânica do livro. Erros (conscientes, inconscientes ou acidentais) podem acontecer em qualquer dessas etapas; e erros devem ser corrigidos

---

<sup>1</sup> As ideias da segunda metade deste parágrafo são traduções livres dos seguintes trechos de M. B. Parkes: “Punctuation became an essential component of written language. Its primary function is to resolve structural uncertainties in a text, and to signal nuances of semantic significance which might otherwise not be conveyed at all, or would at best be much more difficult for a reader to figure out.” (p. 1) “When examining the practice of individuals one must also exercise caution. Punctuation is and always has been a personal matter.” (p. 5)

pelo editor (quando não houver outra possibilidade de interpretação que não seja a de erro). Deve-se ter sempre em vista o fato de que a pontuação num texto impresso não reflete necessariamente a pontuação do autor; ela pode ter sido introduzida ou alterada no processo de composição, de revisão, etc.

Antônio Houaiss, que cuidou de estabelecer e redigir os critérios de edição das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, que foram aplicados à edição das demais obras machadianas pela Comissão Machado de Assis, afirmou, sobre a pontuação do autor:

6.4.3.2 Com relação à pontuação, seguiu-se, fielmente, a prescrição do critério geral, enunciada em 6.4.2.6. [transcrito adiante] E seguiu-se porque aquela recomendação se revelou absolutamente procedente. Matéria que merece ser estudada longamente, para fins de aprofundamento do sistema rítmico da prosa de MACHADO DE ASSIS, a sua pontuação, entretanto, é atualíssima, no sentido de que se exerce onde o cânon geral da pontuação hoje vigente o autoriza, ao mesmo tempo que deixa de exercer-se onde também o cânon em causa lhe faculta a opção. No jogo desse equilíbrio entre o obrigatório e o facultativo e o optativo, a pontuação do autor assume aquela feição pessoal que todos os observadores lhe reconhecem. (HOUAISS, 1983, v. I, p. 301)

A opinião de que a pontuação de Machado de Assis é atualíssima pode talvez ser contestada (ou relativizada) – as numerosas intervenções dos editores, muitos deles muito qualificados para a tarefa, parecem confirmar esse ponto de vista. Apesar disso, esse autor, seguramente, deu grande contribuição ao estabelecimento das convenções que hoje se usam. Sob muitos aspectos, sim, sua pontuação é exemplar. Para além disso, quando foge aos padrões atuais, a pontuação dele, em cada ocorrência, se examinada com cuidado, quase sempre revela potencial expressivo relevante para o enriquecimento do sentido da frase. Coisa de artista. Artista da palavra.

O item 6.4.2.6 (mencionado na citação anterior) dos *Elementos de bibliologia*, de Antônio Houaiss, estabelece a importância do respeito à pontuação (como ele afirma acima) no caso de Machado de Assis:

6.4.2.6 Embora em tradições manuscritas antigas a pontuação possa ser, legitimamente, reputada um problema de *interpretatio*, cabendo, assim, ao editor-crítico adotar a que possa fundamentar melhor, no caso do autor em apreço [Machado de Assis] se está em polo oposto. Destarte, se a pontuação é *interpretatio*, nenhuma *interpretatio* pode ser melhor do que a do próprio autor. Seguir-se-á, assim, a sua, embora, com menção do fato e suas circunstâncias no aparato, possam

ocorrer casos de erro óbvio, o principal dos quais, em textos de jornais e revistas, é a perda, por queda, da vírgula em fim de linha composta em caixa móvel. (HOUAISS, 1983, v. I, p. 293)

Vale dizer: a melhor pontuação é sempre a do autor. Que a pontuação de um texto seja questão de *interpretatio*, não pode haver dúvida – daí a relevância do tema. O padre Antônio Vieira, atento a todos os aspectos da linguagem verbal, escreveu sobre isso no “Sermão da Terceira Domingo da Quaresma”, pregado, em 1655, na Capela Real:

...bem é que saiba o nosso [tempo], quanto bastará para falsificar uma Escritura. Bastará mudar um nome? Bastará mudar uma palavra? Bastará mudar uma cifra? Digo que muito menos basta. Não é necessário para falsificar uma Escritura mudar nomes, nem palavras, nem cifras, nem ainda letras; basta mudar um ponto ou uma vírgula.

Perguntaram os controversistas, se assim como na Sagrada Escritura são de fé as palavras, serão também de fé os pontos e vírgulas? E respondem que sim; porque os pontos e vírgulas determinam os sentidos das palavras; e variados os pontos e vírgulas também o sentido se varia. Por isso antigamente havia um conselho chamado dos *Masoretas*, cujo ofício era conservar incorruptamente em sua pureza a pontuação da Escritura. [...] ...e nas palavras de fé, ainda que os pontos e vírgulas pareçam de menos consideração (assim como a prata é de menos preço que o ouro) também pertencem à fé tanto como as mesmas palavras. As palavras, porque formam a significação: os pontos e vírgulas, porque distinguem e determinam o sentido. Exemplo. *Surrexit: non est hic*. Ressuscitou; não está aqui. Com estas palavras diz o evangelista que Cristo ressuscitou: e com as mesmas palavras (se se mudar a pontuação) pode dizer um herege, que Cristo não ressuscitou. *Surrexit? Non; est hic*. Ressuscitou? Não; está aqui. De maneira que só com trocar pontos e vírgulas, com as mesmas palavras se diz, que Cristo ressuscitou; e é fé: e com as mesmas se diz, que Cristo não ressuscitou; e é heresia. Vede quão arriscado ofício é o de uma pena na mão. Ofício, que, com mudar um ponto, ou uma vírgula, da heresia pode fazer fé, e da fé pode fazer heresia. Oh que escrupuloso ofício! (VIEIRA, 1959, t. III, p. 198-199)<sup>2</sup>

Este é o ponto: “variados os pontos e vírgulas também o sentido se varia.” Mas há gramáticas, há teorias da pontuação. Há, entretanto, também, a língua, a língua viva, a oral e a escrita. Há os indivíduos e suas necessidades, suas encrencas consigo e com os outros, há a emoção, a intuição, o afeto, o inconsciente... E há a língua que serve de

---

<sup>2</sup> Este mesmo trecho foi por nós citado em outro texto – “Introdução à edição da ‘Abertura pelo Sr. Machado de Assis, Presidente’” – no n. 1 da *Machadiana Eletrônica*, p. 63. Dele tomamos, ainda, a epígrafe da revista: “Oh que escrupuloso ofício!”

matéria plástica à criação artística; aí é que reside o ponto específico a ser examinado: a pontuação do conto “O espelho”, de Machado de Assis, e o que dela fizeram os seus mais importantes editores.

## II

Em primeiro lugar, explicaremos a escolha das edições para cotejo com a fonte primária que nos serviu de texto-base. Foram duas as publicações do conto enquanto vivia o autor; a primeira na *Gazeta de Notícias* (8 set. 1882), a segunda, em *Papéis avulsos* (saído no mesmo ano, em novembro). (Cf. SOUSA, 1955, p. 79 e p. 535) Para todos os efeitos, consideramos duas as edições em vida do autor (não conseguimos localizar a terceira, de que J. Galante de Sousa dá notícia, na edição semanal da *Gazeta de Notícias* do dia 12 de setembro de 1882 – a primeira publicação aparecera no “Folhetim” do dia 8 de setembro). Há variantes importantes entre as duas versões; vou lembrar apenas uma: o autor, ao passar o conto do periódico para livro, substituiu lindamente um neutro “etc.” (na versão do jornal) por reticências (no livro).

Pela minha parte, conheço uma senhora, – na verdade, gentilíssima, – que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano. Durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação, a alma exterior substitui-se por outra: um concerto, um baile do Cassino, a rua do Ouvidor, Petrópolis, etc. (ASSIS, 1882a, p. 1)

Pela minha parte, conheço uma senhora, – na verdade, gentilíssima, – que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano. Durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação, a alma exterior substitui-se por outra: um concerto, um baile do Cassino, a rua do Ouvidor, Petrópolis... (ASSIS, 1882b, p. 245)

Quanto valor nessas reticências... A pontuação expressa com mais elegância e sutileza o que dizia a voz severa e neutra do “etc.” A segunda publicação em vida do autor, já em livro, é seguramente a melhor (não só nesta passagem); ela constitui o texto-base, a fonte da edição planejada e executada. Com o “etc.” a numeração das ocupações da “gentilíssima senhora” torna-se, digamos, “mecânica”, ao passo que, com as reticências, fica sugerido que as diversões a que ela se dedica vêm das profundezas de seu espírito; a pontuação insinua, revela-nos a natureza e a força de seus desejos secretos – ao ponto de constituírem-lhe a “alma exterior”, metade “visível” de seu ser.

Depois da morte do autor, a casa Garnier publicou a obra (*Papéis avulsos*) duas vezes; Galante de Sousa registra uma edição com data de 1920[?] e a outra sem data. Os exemplares que possuímos trazem, na segunda edição, o colofão: “Abbeville. – Imprimerie F. Paillart. – 9-20” (certamente, 1920); e, na terceira: “Tip. Garnier Irmãos (Levé-R.).” A pessoa a quem pertenceu este exemplar da terceira edição anotou na página de rosto: “S. P. 23/3/23”.

As edições da W. M. Jackson de *Papéis avulsos* tiveram início em 1937 (houve outras em 1938, 1942, 1944, 1946, 1950, 1952, 1955, 1957).<sup>3</sup> Essa editora havia adquirido da Garnier, em 1935, os direitos de publicação das obras do escritor. (Cf. CAMPOS, 2018, p. 135) Não é (a de 1937) uma boa edição – das mais “erradas” talvez, mas seguramente foi muito lida – e foi (trata-se de uma presunção) a matriz das edições subsequentes da mesma editora, que fez revisão dos textos, segundo Ubiratan Machado, somente na década de 1950. (Cf. MACHADO, 2008, p. 360) Por esse motivo, costumamos consultar também alguma das edições revistas (da década de 1950); no caso de *Papéis avulsos*, a primeira edição revista por Ari de Mesquita é a de 1952.<sup>4</sup>

Dessa editora, consideramos apenas a primeira das diversas edições, na presunção de que o texto recebeu aí tratamento o mais cuidadoso possível (dentro das possibilidades da editora); afinal, era essa a primeira edição de *Papéis avulsos* pela W. M. Jackson. Presumimos que o tratamento dado ao texto em 1937 reflete o espírito do empreendimento dessa editora – empreendimento sem dúvida importante (por isso não o poderíamos desconhecer) na história dos textos de Machado de Assis.<sup>5</sup>

Em decorrência do despacho presidencial de 15 de setembro de 1958, que pôs a obra de Machado de Assis em domínio público, apareceu pela primeira vez, em 1959, em três volumes, a *Obra completa*, pela editora José Aguilar. Novamente, a presunção é de que o texto tenha sido zelosamente transcrito – tratava-se de uma casa editora de

---

<sup>3</sup> Possuímos exemplares de todas essas edições. J. Galante de Sousa, cuja *Bibliografia de Machado de Assis* foi publicada em 1955, só registra as edições de 1937, 1944, 1950 e 1952.

<sup>4</sup> Na edição que preparamos do conto “O espelho”, não utilizamos esta edição de 1952, porque não possuíamos, naquela época, nenhum exemplar dela.

<sup>5</sup> De posse das duas edições póstumas de *Papéis avulsos*, pela editora Garnier, e de todas as edições da W. M. Jackson que mencionamos (1937 a 1957), procedemos a uma investigação das variantes textuais nessas edições, e, com isso, tentamos dar uma contribuição à história de “O espelho” e, por extensão, de *Papéis avulsos*. O resultado da investigação encontra-se neste número da *Machadiana Eletrônica*, na seção Artigos, sob o título “‘O espelho’, de Machado de Assis: contribuição à história do texto (e, subsidiariamente, à história de *Papéis avulsos*)”. Muitas das presunções de que partimos a respeito das edições W. M. Jackson caíram por terra – como, por exemplo, a presunção de que a edição de 1937 só passou por revisão na década de 1950.

prestígio e de um projeto editorial ambicioso. Como as edições Jackson, as da editora Aguilar se sucederam no tempo; como aquelas, é de presumir-se que eventuais erros descobertos numa das edições tenham sido corrigidos nas seguintes (o que não impede, evidentemente, o aparecimento de novos erros). Dessa editora, consultamos, para a elaboração de nossa edição de “O espelho”, a edição de 1959. A de 1994 foi utilizada pelo Ministério da Educação para pôr a obra do escritor no site “domínio público” (<<http://machado.mec.gov.br/>>), daí sua importância e a razão de sua inclusão na série cotejada. Por fim, a editora Nova Aguilar, em 2008, passou a publicar a *Obra completa em quatro volumes*, com a inclusão de numerosos textos ausentes das edições em três volumes. Em 2015, já circulava a terceira edição (escolhida para o cotejo por ser a última dessa editora de que dispomos). Estas (as edições da *Obra completa em quatro volumes*) são talvez as únicas que se propõem explicitamente a “corrigir” e a “modernizar” os textos machadianos. Constam de seus critérios, por exemplo, além da atualização ortográfica e da colocação do sinal de crase segundo os padrões atuais, os seguintes itens:

3) correção de vírgulas flagrantemente incorretas; 4) uniformização do uso de travessões, que em autores do século XIX alternam-se com vírgulas; 5) correção dos erros de concordância verbal; 6) substituição das palavras estrangeiras por seus equivalentes em português, mas preservando os casos em que a palavra em português, embora dicionarizada, soe estranha ao leitor comum, e ainda quando o uso do estrangeirismo for uma característica do personagem, e portanto um índice de sua personalidade ou posição social; 7) correção das flexões verbais de “haver” quando contrariam a regra vigente; 8) o uso de “Senhor” e “sr.” foi uniformizado: procurou-se grafar com minúscula e por extenso quando a palavra aparece em diálogo; e com minúscula e abreviada quando aparece em discurso indireto. O mesmo vale para “doutor”, “professor”, “padre” etc. (In: ASSIS, 2015, v. 1, p. XII)

Além dessas edições do conto “O espelho” nas grandes séries de grandes editoras, há outras três importantes, pelas pessoas que as prepararam: a de Adriano da Gama Kury (1989, Garnier), a de John Gledson (1998, Companhia das Letras) e a de Ivan Teixeira (2005, Martins Fontes).

Em linhas gerais, estes têm sido os critérios de escolha para as edições que vimos preparando e publicando na *Machadiana Eletrônica*: consideram-se as edições feitas em vida do autor; as primeiras das grandes séries editoriais (W. M. Jackson e José

Aguilar / Nova Aguilar); e outras edições de que tenhamos conhecimento terem sido preparadas com cuidado especial, por especialistas de renome – como, por exemplo, as edições críticas pela Comissão Machado de Assis. E, ainda, a primeira (2008) ou a última (2015) das edições da *Obra completa em quatro volumes*, pela editora Nova Aguilar. Entendemos que a edição de 2015, em quatro volumes, representa a última palavra da editora acerca dos textos machadianos, segundo seus critérios.

No caso do conto “O espelho”, não há edição crítica pela Comissão Machado de Assis (*Papéis avulsos* não foi editado pela Comissão). O conto foi também publicado em coletâneas, e pelo menos uma delas é muito importante: julgamos necessário levar em conta a edição do conto por John Gledson – que vem numa antologia.

Ao todo, tivemos nove edições para cotejo e estudo: a primeira, na *Gazeta de Notícias* (1882), a segunda, em *Papéis avulsos* (1882), a terceira, pela editora W. M. Jackson (1937), as três que escolhemos das editoras José Aguilar / Nova Aguilar (1959, 1994 e 2015), a preparada por Adriano da Gama Kury (Garnier, 1989), a de John Gledson (1998) e a de Ivan Teixeira (2005).

### III

Antes de verificar e discutir a pontuação nas diversas edições de “O espelho” que foram cotejadas no processo da edição do conto para este número da *Machadiana Eletrônica*, examinaremos os pontos em que o texto-base apresenta problemas que demandam intervenções pontuais – feitas, evidentemente, por todos os editores. São erros óbvios que precisam ser corrigidos e que, normalmente, nem precisam ser registrados em notas. De nossa parte, registramos essas anomalias, com o sentimento de que alguém, um dia, possa descobrir-lhes algum sentido.

Primeiro os erros na grafia de palavras (são apenas dois), depois os que envolvem a pontuação – talvez seja melhor dizer sinais de pontuação (são, também, dois):

1. “Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de **um o outro** resmungo de aprovação.” (§ 2)

Evidentemente, “um o outro” está no lugar de “um ou outro”.

2. “Estava a olhar para o vidro, com uma persistência de desesperado, contemplando as próprias **feições** derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes, quando tive o pensamento...” (§ 31)

A palavra “feições” está grafada equivocadamente “feições”.

3. “Achei-me só, sem mais **ninguém. entre** quatro paredes, diante do terreiro deserto e da roça abandonada.” (§ 23)

O ponto, entre “ninguém” e “entre”, é um erro óbvio; aí deveria estar uma vírgula.

4. “**Quando. muitos** anos depois, li uma poesia americana, creio que de Longfellow, e topei com este famoso estribilho: *Never, for ever! – For ever, never!* confesso-lhes que tive um calafrio: recordei-me daqueles dias medonhos.” (§ 23)

O ponto entre “Quando” e “muitos”, no início do período, está, como no caso anterior, no lugar de uma vírgula.

Em tais pontos, intervenções corretivas são necessárias e inevitáveis – não existem textos impressos sem erros. Sendo assim, é bem possível que em pelo menos alguns dos demais pontos em que os diversos editores que se debruçaram sobre o texto fizeram alterações haja pelo menos um ou outro ponto em que, de fato, a forma textual impressa não reflita a vontade do autor – e o editor pode estar certo! Apesar dessa possibilidade – sempre presente –, julgamos que a pontuação do autor deve sempre ser respeitada, desde que para ela exista alguma possibilidade de explicação, justificação ou interpretação.

Lendo o texto de “O espelho”, nas diversas edições que elegemos para cotejo, o primeiro ponto a sofrer alteração na pontuação foi este:

Não discutia **nunca**; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão **era** a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. (Assim no texto-base, § 2)

Não discutia **nunca**: e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão **é** a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. (Assim em OCA2015, § 2)

É preciso que se diga: OCA2015 (*Obra completa em quatro volumes*, terceira edição, São Paulo, Nova Aguilar, 2015) é uma edição que se declara “destinada ao grande público” e garante que as obras do autor estão “reproduzidas exatamente como foram publicadas originalmente”. Quanto ao tratamento dado aos textos, no que diz respeito à pontuação, conforme já vimos, a “Nota editorial” afirma que a edição cuidou da “correção das vírgulas flagrantemente incorretas”. É preciso lembrar, também, que o emprego dos sinais de pontuação varia de escritor para escritor, que não há regras rígidas sobre o assunto, e que o uso geral é que tem consagrado certos entendimentos a esse respeito. (Cf. CEGALLA, 1998, p. 81) Significa isso que a pontuação do autor “corrigida” não era necessariamente “errada”, e que as intervenções dos editores nem sempre resultam em formas “erradas” de pontuar, mas em formas “diferentes” – muitas vezes, é claro, e como era de se esperar, de acordo com o uso geral, consagrado.

No trecho transcrito acima, não é exatamente de “vírgula” que se trata, mas de “ponto e vírgula”. Essa pontuação foi substituída por dois-pontos. Nenhum dos outros editores fez intervenção neste ponto da narrativa. Examinemos o caso. Além dessa interferência na pontuação, há nesse mesmo período a troca de um tempo verbal (“era” foi trocado por “é”). Embora não seja nosso objetivo analisar todas as variantes do conto, como esta mudança verbal ocorre no mesmo período, e contribui para a “deformação” dele, não a deixaremos fora do nosso comentário.

No texto de 1882, todo o período é uma caracterização do personagem (só no final do parágrafo conhecemos o seu nome: Jacobina). O desenho, ao longo do período, vai-se expandindo. Quando se substitui o ponto e vírgula por dois-pontos, toda a caracterização se reduz ao “Não discutia nunca” – e tudo o mais se torna explicação disso; e a partícula “e”, logo depois da pontuação trocada, perde sua função de conjunção aditiva, fica como que sobrando na estrutura.

Quanto à mudança do tempo verbal, é interessante notar que só há um verbo no presente em todo o período – tudo o mais está no imperfeito. Tudo muito justo, as correlações entre os tempos verbais são perfeitamente harmônicas: Jacobina “era” assim desde sempre, e a discussão “era”, para ele, “a forma polida do instinto batalhador”. A forma verbal no presente é “jaz”, que aparece quando ele se reconhece parte da espécie, em que “o instinto batalhador” “jaz no homem, como uma herança bestial” (isto é, “jaz”

em todos os homens, não só nele, Jacobina; aliás, nele, pouco, pois “não discutia nunca” – é como se ele estivesse um degrau acima dos homens comuns; só o verbo no presente universaliza a característica de que ele fala). E, justamente nesta noite, em que se passa o conto, ele entra na discussão; seu instinto batalhador, sua herança bestial como que aflora. Do mar dos imperfeitos brota o presente.

A mudança do tempo verbal altera toda essa “lógica” implícita na estrutura frasal, já reduzida na amplitude de sua significação pela mudança da pontuação. Como dizia Ungaretti sobre a poesia (o dito vale também para a prosa), é preciso atenção máxima aos “mínimos fatos”:

Não será demais recomendar-lhes que, quando tiverem de explicar um texto poético, prestem atenção, concretamente atenção, às coisas mais insignificantes. Antes de tudo, naturalmente, devem atentar para o sentido das palavras, mas o sentido de cada palavra é modificado, atenuado ou valorizado, seja pela sua posição em face das outras, seja pela palavra rimada e os acentos tônicos, seja pelas sílabas átonas, as aliteraões, até por uma vírgula etc. Dar-se conta de um mínimo fato pode levar a descobertas em si mesmas pequenas, talvez, mas das quais pode decorrer toda uma revolução de uma posição crítica referente a uma obra poética e ao período histórico literário. (UNGARETTI, 1996, p. 100)

A passagem seguinte, em que editores alteraram a pontuação do texto machadiano, é esta:

Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma **discussão**, tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade de questões que se deduziram do tronco **principal**, e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. (Assim no texto-base, § 4)

Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma **discussão** tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade de questões que se deduziram do tronco **principal** e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. (Assim em PA1937, § 4)

Dois vírgulas foram suprimidas nesse período apenas numa das edições, PA1937 (*Papéis avulsos*, W. M. Jackson, 1937), certamente a mais desatenta (para não dizer malcuidada) das edições com que estamos lidando. Lembremo-nos (isso já foi dito aqui) que a editora W. M. Jackson havia comprado, em 1935, os direitos autorais das obras de Machado de Assis, que até então pertenciam à editora Garnier. (Cf. CAMPOS,

2018, p. 135) Até 1958, quando a obra foi posta em domínio público por um despacho do presidente Juscelino Kubitschek, essas foram as únicas edições de que dispunham os leitores. Foi com elas nas livrarias que se passaram os cem anos do nascimento do autor.

Nenhum dos outros editores suprimiu essas vírgulas, ambas corretas, muito úteis ao andamento do texto e à exposição das ideias.

No período que vem depois desse em que duas vírgulas foram suprimidas em PA1937, uma outra edição (OCA2015) traz outra alteração (outra vírgula suprimida):

Um dos argumentadores pediu ao Jacobina alguma **opinião**, – uma conjectura, ao menos. (Assim no texto-base, § 4)

Um dos argumentadores pediu ao Jacobina alguma **opinião** – uma conjectura, ao menos. (Assim em OCA2015, § 4)

OCA2015 (*Obra completa em quatro volumes*, Nova Aguilar, 2015) é a edição que se propõe, conforme sua “Nota editorial”, a corrigir “as vírgulas flagrantemente incorretas” e a uniformizar “o uso dos travessões, que em autores do século XIX alternam-se com vírgulas”. Curiosamente, o caso dessa passagem envolve os dois sinais de pontuação: a vírgula e o travessão. Estão ambos presentes no ponto em que a vírgula foi suprimida, em flagrante contradição com a afirmação de que em autores do século XIX os travessões se alternam com as vírgulas. Neste caso, não é de alternância que se trata, mas de simultaneidade. Pode-se alegar que há certo exagero, certa redundância, na dupla pontuação. Redundância, entretanto, nem sempre é erro ou defeito. O problema é que nada há de errado nesse uso: tanto o travessão como a vírgula poderiam ser empregados isoladamente. Há, porém, detalhes na sintaxe do autor: é que depois de “conjectura” há uma outra vírgula, que se aplica somente à relação do “ao menos” com a “conjectura” (ela, essa outra vírgula, não se aplica, ou pelo menos não se aplica do mesmo modo, à relação da expressão que encerra o período – “ao menos” – com a palavra “opinião”). Bastaria isso para justificar a pontuação dupla; porém, há mais. Se fosse suprimido o travessão, “opinião” e “conjectura” seriam noções com o mesmo valor (seriam, praticamente, equivalentes uma à outra). Com o travessão, o segundo termo – “conjectura” – adquire uma conotação restritiva relativamente a “opinião” (termo mais abrangente, não necessariamente de natureza conjectural). Com o travessão, alguma ênfase é posta no termo “conjectura” – o que os interlocutores

esperavam de Jacobina é alguma elaboração mental dele, construída, arquitetada, como uma construção hipotética, por exemplo. “Opinião” seria algo mais frouxo, mais brando, mais amplo, que se poderia emitir sem esforço mental; “conjectura” pede esse esforço. A supressão da vírgula, aparentemente, não prejudica esse modo da expressão; mas por que suprimi-la, se o autor a colocou lá – e não há erro nisso. O excesso, a que chamamos aqui de “redundância”, seria equivalente, se se tratasse de palavras, ao pleonismo – que se costuma apontar como um defeito, mas cujo emprego, alertam os próprios dicionários, é “legítimo em certos casos, pois confere maior vigor ao que está sendo expresso”. (HOUAISS, 2001) É o que sucede nessa passagem – a pontuação confere vigor à ideia.

A ideia da economia, se boa para um estudante (que precisa aprender a ser claro sem ser excessivo, maçante ou rebarbativo), não é boa para quem deseja conhecer um artista da palavra no domínio pleno de sua expressão. OCA2015, no tocante ao uso simultâneo de vírgula e travessão, foi coerente; em outro período do conto procedeu à mesma simplificação:

Pela minha parte, conheço uma **senhora, – na verdade, gentilíssima,**  
– **que** muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano. (Assim no texto-base, § 9)

Pela minha parte, conheço uma **senhora – na verdade, gentilíssima –**  
**que** muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano. (Assim em OCA2015, § 9)

A supressão das vírgulas confere ao trecho entre travessões um caráter mais acentuadamente restritivo; ao passo que, com as vírgulas, esse trecho (destacado, é verdade, pelos travessões) tem caráter explicativo. Do mesmo modo, sem as vírgulas, a oração que termina o período – “que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano.” – adquire também um caráter restritivo, como se Jacobina falasse de pessoa (ou personagem) bem definida; com as vírgulas, essa personagem adquire um caráter mais geral, designa um “tipo” social.

Essas mesmas duas vírgulas suprimidas em OCA2015 o foram também em PA1937 (a primeira das edições W. M. Jackson). Nesta edição (PA1937), no período seguinte, outra vírgula foi suprimida, e os dois-pontos substituídos por ponto e vírgula:

Durante a estação lírica é a ópera; cessando a **estação**, a alma exterior substitui-se por **outra**: um concerto, um baile do Cassino, a rua do Ouvidor, Petrópolis... (Assim no texto-base, § 9)

Durante a estação lírica é a ópera; cessando a **estação** a alma exterior substitui-se por **outra**; um concerto, um baile do Cassino, a rua do Ouvidor, Petrópolis... (Assim em PA1937, § 9)

A supressão da vírgula é de todo inadequada; a oração subordinada adverbial reduzida de gerúndio, anteposta ou não à principal, deve ser separada dela por vírgula. Machado de Assis pontuou seu período, nesta passagem, justamente conforme ao sentimento atual dos escritores – tanto que as gramáticas recomendam essa vírgula. Entendo que é em passagens assim (e também na que será comentada a seguir, nesta mesma passagem) que Antônio Houaiss se baseou para dizer que a pontuação do autor “é atualíssima, no sentido de que se exerce onde o cânon geral da pontuação hoje vigente o autoriza”. (HOUAISS, 1983, v. I, p. 301)

Em PA1937, os dois-pontos foram substituídos por ponto e vírgula. Ora, o que se segue aos dois-pontos é uma enumeração; e um dos usos dos dois-pontos é justamente este: antes de certos apostos, especialmente nas enumerações... Não faz sentido essa substituição.

A ideia de economia parece ser o fundamento de outra vírgula suprimida (desnecessariamente) em OCA2015 neste período:

Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; – e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, **um tambor**, etc. (Assim no texto-base, § 7)

Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; – e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, **um tambor** etc. (Assim em OCA2015, § 7)

Trata-se, neste caso, de vírgula antes de “etc.” – vírgula de uso mais que consagrado entre grandes escritores. A “economia” aí viria do “et”, que é parte da expressão latina *et cetera* (“e outras coisas; e assim por diante”); segundo essa ideia, a conjunção “e” (“et”) dispensaria a vírgula. O fato é que ninguém mais se lembra disso, e o uso já consagrou a vírgula nesses casos. Desnecessária, portanto, a eliminação promovida pelos editores. Nesse trecho, é ainda digna de nota a permanência do

travessão depois do ponto e vírgula – justo nesta edição que se propôs a normalizar o uso dos travessões (que, segundo a “Nota editorial”, se alternam com vírgulas). O caso do travessão nesse período é análogo ao caso do travessão usado em combinação com vírgula e já discutido neste artigo. Seria coerente suprimir o ponto-e-vírgula (ou o travessão), se a ideia, em OCA2015, é uniformizar...

Por falar em coerência, se a ideia era, também, corrigir as “vírgulas flagrantemente erradas”, o princípio deveria ser aplicado à omissão delas – ou seja, onde o autor não pôs vírgula, e ela é hoje “necessária” (pelas recomendações normativas), ela deveria ser acrescentada. Veja-se, nesse conto, este período, que vem logo no primeiro parágrafo:

A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumiada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com **o luar que vinha de fora**. (Assim no texto-base, § 1)

É de perguntar-se: numa sala, de onde mais poderia vir o luar, senão de fora? De onde mais poderia vir a luz da lua? De outro lugar nenhum (a não ser “de fora”). Portanto, a oração final do período é explicativa, não pode ser restritiva (não há outra possibilidade para a origem da luz da lua que invade a sala), e, portanto, antes do “que”, a regra atual manda que se ponha uma vírgula... que nenhum editor pôs... Entenda-se: não defendemos que seja posta aí uma vírgula. Estamos apenas assinalando certa “incoerência” nos critérios de OCA2015. Além do mais, nesse caso específico, a ausência da vírgula está em consonância com a ideia da fusão das luzes: a da sala com a do luar – tem, portanto, valor estilístico.

Houve, porém, uma passagem, envolvendo uma oração adverbial, em que, faltando a vírgula no texto, ela foi acrescentada (mas em PA1937, não em OCA2015):

Fui, acompanhado de um pajem, que daí a dias tornou à vila, porque a tia Marcolina, apenas me pilhou no sítio, escreveu a **minha mãe** dizendo que não me soltava antes de um mês, pelo menos. (Assim no texto-base, § 13)

Fui, acompanhado de um pajem, que daí a dias tornou à vila, porque a tia Marcolina, apenas me pilhou no sítio, escreveu a **minha mãe**, dizendo que não me soltava antes de um mês, pelo menos. (Assim em PA1937, § 13)

Numa das passagens já comentadas, do parágrafo 9 – em que ocorre a oração “cessando a estação” – a vírgula (correta) havia sido suprimida; agora a vírgula é acrescentada.

O caso é análogo ao anterior; trata-se de uma oração adverbial, que, segundo as regras modernas, de fato, deveria vir separada por vírgula. Neste caso, porém, a ausência da vírgula casa-se muito bem com o interesse da tia Marcolina (que tinha intenso desejo de manter Jacobina junto a si). O suposto “erro” do autor tem lá seu efeito: o ajustamento da sintaxe ao sentido íntimo do texto.

Pelo que temos visto até aqui, PA1937 e OCA2015 são as edições que trataram o texto machadiano com mais liberdade: OCA2015 explicou seus critérios; PA1937 não (é de supor-se que tentaram “corrigir” o texto; mas em PA1937 há erros vocabulares, trechos faltando, e outros descuidos). Por esse motivo, vamos acompanhar essas duas edições até o final do conto; quando as outras edições que cotejamos apresentarem intervenções nos mesmos pontos, mencionaremos o fato.

A próxima vírgula, vítima de OCA2015, foi esta:

Lembra-me de alguns **rapazes**, que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo. (Assim no texto-base, § 13)

Lembra-me de alguns **rapazes** que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo. (Assim em OCA2015, § 13)

A oração posta entre vírgulas pelo autor – “que se davam comigo” –, pelas vírgulas, tem caráter explicativo. A eliminação da primeira delas torna a oração restritiva. Parecem ser possíveis as duas coisas; entretanto, há um fator a favor da vírgula: é que a proximidade de Jacobina com os tais rapazes não devia ser assim tão grande, de modo que a vírgula os separa e distingue elegantemente (sem necessidade de exposição dos detalhes próprios da relação).

Ocorre um caso, ainda em PA1937, para o qual nenhuma justificativa se pode imaginar:

Um cunhado dela, irmão do finado Peçanha, que ali **morava**, não me chamava de outra maneira. (Assim no texto-base, § 13)

Um cunhado dela, irmão do finado Peçanha, que ali **morava** não me chamava de outra maneira. (Assim em PA1937, § 13)

Só pode ter sido descuido a supressão de parte da pontuação que isolava entre vírgulas a oração subordinada adjetiva explicativa – “que ali morava”. O texto de Machado de Assis estava corretissimamente pontuado.

Nesse mesmo parágrafo 13, OCA2015 traz o acréscimo de uma vírgula, que foi acrescentada também por Adriano da Gama Kury (PAGK1989), por John Gledson (CJG1998) e por Ivan Teixeira (PAIT2005). Essa vírgula aparece, também, na edição W. M. Jackson (1937) que utilizamos, assim como nas edições José Aguilar / Nova Aguilar. A vírgula, portanto, que já aparecera na edição em folhetim (na *Gazeta de Notícias*), foi acatada (ou adotada) por todas as edições posteriores à edição em livro de 1882. Apesar disso, proporemos uma discussão. Eis o trecho:

E sempre alferes; era **alferes para cá alferes para lá**, alferes a toda a hora. (Assim no texto-base, § 13)

E sempre alferes; era **alferes para cá, alferes para lá**, alferes a toda a hora. (Assim em PC1937, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015, § 13)

Em que pese a autoridade dos editores que optaram pelo uso da vírgula depois de “cá”, e em que pese a prática corrente desse uso nas correlações do tipo “para cá... para lá”, ousaremos propor uma defesa da pontuação do texto-base (que, neste ponto, diverge do texto que vem no rodapé da *Gazeta de Notícias*). Pode, sim, tratar-se de um descuido, na passagem do texto do jornal para o livro. Porém, já vimos que as normas da gramática podem ser deixadas de lado, desde que haja alguma razão para tal, e que muitas vezes o abandono da regra ou do costume resulta em refinamento da expressão. Nesta passagem, o argumento terá dois fundamentos: um de ordem, diríamos, expressiva (que tem relação com a lógica da narrativa); outro de pura sintaxe – que combina muito bem com o anterior e o reforça.

Na narrativa, tia Marcolina manifestou grande apreço por Jacobina, o “seu” alferes”. Há na expressão dele – é Jacobina o narrador dessa passagem – certa impregnação pela vivacidade e pela força expressiva da tia. Esse ímpeto expressivo manifesta-se na ausência da vírgula, que imprime um ritmo célere à elocução – não é totalmente irrelevante a ausência da vírgula. Quanto ao aspecto sintático, é preciso contemplar o período como um todo: há uma primeira parte – “E sempre alferes” – separada do restante do período por ponto e vírgula. Machado de Assis sabiamente pôs

aí um ponto e vírgula. Em seguida temos a expressão “era alferes para cá alferes para lá”, seguida de uma vírgula, depois da qual vem a cláusula do período – “alferes a toda a hora.” (que, por sinal, é um verso setissílabo). Sabiamente Machado de Assis suprimiu a vírgula entre “cá” e “lá”; houvesse aí uma vírgula, e a parte final do período entraria na correlação (que é apenas binária, não admite terceiro termo), ficando o todo composto por três partes equivalentes: “alferes para cá”, “alferes para lá”, “alferes a toda a hora”. Julgamos, portanto, plenamente válida a opção machadiana pelo uso da expressão correlativa sem vírgula. Afora isso, esta passagem serve bem para exemplificar a importância do estudo da pontuação de Machado de Assis (embora haja, de fato, neste caso, possibilidade de erro na primeira edição), a propósito da qual (já o citamos) pontificou Antônio Houaiss: “Matéria [a pontuação] que merece ser estudada longamente, para fins de aprofundamento do sistema rítmico da prosa de MACHADO DE ASSIS [...]” (HOUAISS, 1983, v. I, p. 301)<sup>6</sup>

Outro acréscimo de vírgula, que vem em OCA2015, e que também foi feito por Adriano da Gama Kury (PAGK1989), John Gledson (CJG1998) e Ivan Teixeira (PAIT2005), mas que não aparece na edição W. M. Jackson (de 1937) nem nas edições José Aguilar / Nova Aguilar (em três volumes), é este:

As dores humanas, as alegrias **humanas** se eram só isso, mal obtinham de mim uma compaixão apática ou um sorriso de favor.  
(Assim no texto-base, § 19)

As dores humanas, as alegrias **humanas**, se eram só isso, mal obtinham de mim uma compaixão apática ou um sorriso de favor.  
(Assim em PAGK1989, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015, § 19)

Aí, sim, o acréscimo da vírgula foi correto; não conseguimos (em nossas meditações) imaginar uma explicação para a ausência dela – se foi um lapso do autor, se foi erro dele, se foi intromissão ou falha do tipógrafo, se foi acidente tipográfico, não podemos hoje saber. Cabe aqui (muito a propósito) a informação de que no folhetim da *Gazeta de Notícias* havia vírgula depois de “alegrias humanas”. O sumiço dela, portanto, deu-se na passagem do jornal para o livro. Parece-nos evidente que as “dores”

---

<sup>6</sup> Ao tempo em que redigimos este texto, não tínhamos ainda ciência do fato de que a edição em livro de 1882, em relação à transcrição dos textos publicados na *Gazeta de Notícias*, apresenta certos descuidos. Descobrimos isso posteriormente. Nossa argumentação pressupõe que a pontuação do texto no livro (1882) resultou de intervenção do autor.

e as “alegrias”, ideias que se opõem, compõem, na fala de Jacobina, a totalidade das características humanas, das quais, por seu uniforme, por sua “alma exterior”, ele (Jacobina) se viu privado. As “dores” e as “alegrias”, portanto, devem estar no mesmo patamar, isto é, ter a mesma importância; e a vírgula acrescentada ao texto faz justamente isso.

No parágrafo 25, há duas passagens – envolvendo uma delas uma vírgula, a outra envolvendo a combinação de vírgula com travessão – que receberam tratamentos diferentes em diferentes edições (apenas OCA2015 fez intervenções nas duas passagens; intervenções diferentes das demais edições, diga-se). Vejamos:

Mas quando acordava, dia claro, **esvaía-se com o sono**, a consciência do meu ser novo e **único**, – porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar... (Assim no texto-base, § 25)

Mas quando acordava, dia claro, **esvaía-se com o sono** a consciência do meu ser novo e **único** – porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar... (Assim em OCA2015, § 25)

Mas quando acordava, dia claro, **esvaía-se, com o sono**, a consciência do meu ser novo e único, – porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar... (Assim em PAGK1989 e em PAIT2005, § 25)

O primeiro ponto que foi objeto das intervenções diz respeito a uma questão frequente no sistema de pontuação do autor: a presença de vírgula entre sujeito e verbo. Na versão do texto-base (*Papéis avulsos*, 1882) – “esvaía-se com o sono, a consciência” – a vírgula aí presente separa o sujeito – “a consciência” – do verbo – “esvaía-se”. Em OCA2015 – que parece seguir uma lógica da “simplificação” – a opção foi pela supressão da vírgula; já Adriano da Gama Kury (PAGK1989) e Ivan Teixeira (PAIT2005) optaram pela colocação da expressão “com o sono” entre vírgulas, ou seja, acrescentaram uma vírgula depois de “esvaía-se”. Fosse esse um critério uniforme a ser aplicado, seriam necessárias milhares de intervenções na obra de Machado de Assis, pois nela as vírgulas entre sujeito e verbo são numerosíssimas. Com isso, a pontuação do autor ficaria bastante desfigurada. Parece ser essa a sensação geral dos editores, que, às vezes, corrigem, mas, na maioria das ocasiões, deixam o texto ficar como está. É de observar-se que John Gledson não acatou essa alteração; preferiu ser fiel ao escritor.

A segunda passagem, objeto de intervenção apenas em OCA2015, afeta a combinação de vírgula com travessão. Já vimos que essa edição optou pela simplificação, empregando apenas uma das pontuações – com preferência sempre pelo travessão (pelo menos neste conto). Nada há de peculiar na ocorrência de que tratamos agora; portanto, nada a acrescentar aos comentários já feitos com relação ao trecho do parágrafo 4 (em que há caso semelhante).

Outra passagem, outra vírgula:

Imaginal um homem que, **pouco a pouco** emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali um sofá. (Assim no texto-base, § 33)

Imaginal um homem que, **pouco a pouco**, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali um sofá. (Assim em PAGK1989, em OCA1994, em CJK1998, em PAIT2005 e em OCA2015, § 33)

Esse é outro caso de vírgula entre sujeito – “que (um homem)” – e verbo – “emerge”. OCA2015, desta vez, optou pelo acréscimo de uma vírgula (ao invés da supressão da outra, que já existia no texto – procedimento adotado na passagem anterior, examinada acima, caso semelhante). A julgar pela sequência temporal das edições, a vírgula parece ter origem em Adriano da Gama Kury (PAGK1989); os principais editores subsequentes – John Gledson e Ivan Teixeira – seguiram-lhe os passos. Há entretanto, aí, uma questão a ser discutida. A gramática, de fato, manda pôr a vírgula (mas, já o dissemos, se o critério for adotado...); porém, a estrutura do período, assim como o sentido de suas palavras, precisa ser bem contemplada, antes de ousar (ou de aceitar) uma intervenção dessas. Vejamos a sequência dos acontecimentos narrados: “um homem” emerge de um letargo, abre os olhos, começa a ver, distingue as pessoas dos objetos. Prestemos atenção: o “pouco a pouco” no texto-base está vinculado intimamente (por causa da ausência da vírgula) à forma verbal “emerge” – o homem emerge de um letargo. Essa é a única ação da sequência de ações (emerge, abre, começa, distingue) que ocorre lentamente, isto é, “pouco a pouco”. Se se põe uma vírgula depois da expressão adverbial “pouco a pouco”, ela passa sintaticamente a se aplicar a todas as outras ações que se sucedem (abre, começa, distingue) – e nenhuma

delas acontece pouco a pouco; são ações instantâneas. Além disso, já o sabemos, vírgulas entre sujeito e verbo são comuns em Machado de Assis. Neste caso específico, a ausência de vírgula se justifica plenamente; fora melhor não colocar a segunda vírgula.

Há ainda um outro interesse na arquitetura do período: o homem “pouco a pouco emerge de um letargo”. Essa situação inicial, que acontece lentamente, serve de introdução e aviso para a sequência, em que tudo acontece gradualmente, lentamente também, mas em outra escala, de um outro modo; tudo começa depois da partícula adversativa: “mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali um sofá.” Maravilha de construção em prosa!

Portanto, cá entre nós: nada de acrescentar vírgula ao período, tão machadiano, tão rico em sortilégios.

Antes de passarmos aos casos em que apenas um dos editores adotou alguma solução (não são muitos os casos), retornemos à primeira das edições W. M. Jackson (PA1937), para três últimos reparos.

No parágrafo 23, num mesmo período, há supressão de duas vírgulas em PA1937, e de uma outra (sem a supressão das duas suprimidas em 1937) em CJG1998:

As horas batiam de **século a século**, no velho relógio da sala, cuja **pêndula, tic-tac, tic-tac**, feria-me a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade. (Assim no texto-base, § 23)

As horas batiam de **século a século** no velho relógio da sala, cuja pêndula *tic-tac, tic-tac*, feria-me a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade. (Assim em PA1937, § 23)

As horas batiam de século a século, no velho relógio da sala, cuja pêndula, ***tic-tac tic-tac***, feria-me a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade. (Assim em CJG1998, § 23)

A supressão de duas vírgulas na primeira edição W. M. Jackson (PA1937), parece-nos, contraria a ideia expressa no texto (a ideia de lentidão do tempo: as horas, batendo no relógio da sala, marcavam os intervalos regularmente, para o incômodo de Jacobina; as vírgulas, pelo que podemos ver, marcam as unidades de significação do período (como se elas fossem equivalentes às horas), separando-as – e reproduzindo, assim, iconicamente, os intervalos do tempo (cujo vagar tanto afligia o personagem).

Isso é coisa de poeta – ou, se quiserem, de grande escritor. Já o sumiço da vírgula (entre os dois *tique-taques*) na edição de John Gledson tem o efeito contrário, de acelerar o tempo – trata-se, certamente, de um cochilo do editor. Afinal, quem não cochila? “Quandoque bonus dormitat Homerus.” (HORÁCIO, 2013, v. 359)<sup>7</sup>

No parágrafo 25, PA1937 substituiu um ponto de exclamação por ponto e vírgula:

– **Oh!** fora bom se eu pudesse ter medo! (Assim no texto-base, § 25)

– **Oh;** fora bom se eu pudesse ter medo! (Assim em PA1937, § 25)

Difícil de entender... seria porque o verbo que vem logo depois do ponto de exclamação começa com inicial minúscula? Injustificável um argumento dessa natureza; iniciais minúsculas depois de pontos de exclamação são usuais desde sempre, na língua literária; justificam-se – é que o ímpeto exclamativo avança sobre as palavras seguintes. Nenhum problema nisso; pelo contrário, Machado de Assis estava certíssimo.

No parágrafo 33, há uma última intervenção na pontuação em PA1937:

Com este régimen pude atravessar mais seis dias de **solidão**, sem os sentir... (Assim no texto-base, § 33)

Com este régimen pude atravessar mais seis dias de **solidão** sem os sentir... (Assim em PA1937, § 33)

Mais uma vez uma vírgula que tem valor expressivo foi eliminada; ela serve bem para marcar o aspecto pausado e lento dos dias em que Jacobina ficara sozinho – depois de ter estado aflito, ele passou a suportar bem a morosidade dos dias.

Os dois editores que, sozinhos, introduziram alterações na pontuação (e não foram seguidos por outros editores) são Adriano da Gama Kury (PA1989), que fez quatro intervenções, e Ivan Teixeira (PAIT2005), que fez uma.

A primeira das intervenções de Gama Kury é esta:

Vejam bem esta **frase**; a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele. (Assim no texto-base, § 7)

Vejam bem esta **frase**: a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele. (Assim em PAGK1989, § 7)

---

<sup>7</sup> Qual terá sido o nosso cochilo, ou quais terão sido os nossos cochilos, na edição que preparamos?

A troca do ponto e vírgula por dois-pontos não torna apenas a relação entre as duas partes do enunciado – a que vem antes da pontuação alterada e a que vem depois – mais óbvia, o que, em nosso entendimento, empobrece o texto. A alteração muda, também, a relação entre os enunciados. “Vejam bem esta frase”, apesar do “esta”, que hoje se usa para designar o que vem pela frente, refere-se, evidentemente, no texto machadiano, à frase que já foi dita – “*é um punhal que me enterras no coração*”; o que vem pela frente corresponde ao significado dela. Esta relação, o escritor deixa ao leitor o papel de fazê-la; Adriano da Gama Kury, ao alterar o ponto e vírgula para dois-pontos, desvia toda a atenção do leitor para diante, e revela-lhe o sentido da frase anterior, suprimindo a necessidade de sua participação ativa (no ato da leitura).

Gama Kury procede a uma outra alteração, análoga à anterior, e com o mesmo efeito da facilitação do entendimento:

Ora, um dia recebeu a tia Marcolina uma notícia **grave**; uma de suas filhas, casada com um lavrador residente dali a cinco léguas, estava mal e à morte. (Assim no texto-base, § 19)

Ora, um dia recebeu a tia Marcolina uma notícia **grave:** uma de suas filhas, casada com um lavrador residente dali a cinco léguas, estava mal e à morte. (Assim em PAGK1989, § 19)

A relação paratática, que demandava atividade criativa e inteligente do leitor, passa a hipotática – o que vem depois dos dois-pontos, de informação adicional autônoma (para a qual o leitor há de encontrar uma razão) passa a ser uma explicação – o que não é próprio do texto artístico.

A terceira das intervenções de Gama Kury:

**Subitamente** por uma inspiração inexplicável, por um impulso sem cálculo, lembrou-me... Se forem capazes de adivinhar qual foi a minha ideia... (Assim no texto-base, § 29)

**Subitamente,** por uma inspiração inexplicável, por um impulso sem cálculo, lembrou-me... Se forem capazes de adivinhar qual foi a minha ideia... (Assim em PAGK1989, § 29)

Novamente temos a gramática contra a literatura. O advérbio anteposto a todo o período, se deixado sem a vírgula, une-se à “inspiração inexplicável” que acometeu

Jacobina – pois é justamente isto: não há pausa possível no que é súbito. A vírgula, se não chega a descabida, porque é correta, introduz um elemento formal que rompe a inteireza da expressão. Pode até ser que o autor a aceitasse, se questionado a respeito; mas isso não podemos saber. E há como reconhecer na ausência dessa pontuação algo que vale alguma coisa no contexto da narrativa.

Por fim, a última das intervenções desse editor:

Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo **nada**; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. (Assim no texto-base, § 33)

Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo **nada**: o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. (Assim em PAGK1989, § 33)

Diferentes posturas, a do autor e a do editor; o primeiro com sua preferência por pontos e vírgulas; o segundo, por dois-pontos. O primeiro era um artista; o segundo, não.

Finalmente, a única alteração que Ivan Teixeira (PAIT2005) incluiu em sua edição (não tendo sido acompanhado por mais ninguém):

Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito **dias**, deu-me na veneta olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. (Assim no texto-base, § 29)

Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito **dias** deu-me na veneta olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. (Assim em PAIT2005, § 29)

Como em muitos outros casos, temos a gramática de um lado e a expressão artística de outro. A marcação temporal – “no fim de oito dias” – ou vem entre vírgulas (seria o caso de acrescentar uma), ou vem sem vírgula alguma. O editor

preferiu suprimir a vírgula, ao invés de acrescentar outra depois de “porque”. Evidentemente, a operação linguística está correta. Entretanto, novamente a pausa sugerida pela vírgula (pausa no plano da ação, não necessariamente da elocução) combina com o contexto, com a ação do personagem de olhar-se ao espelho, o que só lhe ocorreu depois de oito dias sozinho na casa. Há, é certo, instantaneidade na decisão; porém, importa mais (em nossa opinião) o vínculo da decisão (que foi instantânea – ideia repentina) com os oito dias anteriores (que tardaram a passar – ideia de lentidão).

#### IV

A julgar pelas avaliações que fizemos, a prudência manda conservar, tanto quanto possível, a pontuação do autor. Devem ser corrigidos os erros óbvios, e, quanto à pontuação, suprimir ou acrescentar é algo que se deve fazer apenas nos casos em que nenhuma explicação é admissível. A inserção de notas com comentários explicativos seria melhor do que simplesmente “corrigir” o autor.

Se Antônio Houaiss não tinha razão ao dizer que a pontuação de Machado de Assis é moderna, atualíssima, muito próxima da contemporânea, pois o autor, como vimos, se afasta em alguma medida dos usos hoje consagrados e das recomendações gramaticais, ele (Houaiss) certamente tinha razão no tocante à recomendação de não alterá-la: “se a pontuação é *interpretatio*, escreveu ele (e já o citamos), nenhuma *interpretatio* pode ser melhor do que a do próprio autor.”

Entre todos os casos examinados, apenas em uma ocasião, numa passagem do parágrafo 19, não encontramos justificativa para a pontuação do autor. Nessa passagem, Adriano da Gama Kury, John Gledson e Ivan Teixeira, assim como os responsáveis pelo texto na *Obra completa em quatro volumes* (2015) – da editora Nova Aguilar – fizeram a suposta correção necessária.

#### PUNCTUATION IN THE SHORT STORY “O ESPELHO”, BY MACHADO DE ASSIS

**Abstract:** This paper confronts the punctuation in the short story “O espelho”, by Machado de Assis, in its first edition in *Papéis avulsos* (1882), with the punctuation in editions prepared by scholars in this field. It is attempted to extract from this confrontation teachings that would be useful as guides for the edition of Machado de Assis’s works.

**Keywords:** Punctuation, Machado de Assis, “O espelho”.

## Referências

ASSIS, Machado de. O espelho. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 250, p. 1, 8 set. 1882a.

ASSIS, Machado de. O espelho. In: *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882b. p. 241-257.

[ASSIS, Machado de.] A semana. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXI, n. 117, p. 1, 28 abr. 1895.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1938.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1942.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1944.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1946.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1950.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1952.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1955.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1957.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organizada por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. 3v.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organizada por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 3v.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. Organização editorial Aluizio Leite, Ana Lima Cecílio, Heloisa Jahn. São Paulo: Nova Aguilar, 2015. 4v.

CAMPOS, Alex Sander Luiz. Edições de Machado de Assis: por quê, para quê? *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 1, p. 131-150, jan.-jun. 2018.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 41. ed. melhorada e ampliada. São Paulo: Nacional, 1998.

HORÁCIO. *Epistula ad Pisones*. Ed. bilíngue. Org. Bruno Maciel, Darla Monteiro, Júlia Avelar, Sandra Bianchet. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013. [Coleção Viva Voz] Disponível em: <<https://rb.gy/plymws>>.

MIRANDA, José Américo. A pontuação no conto “O espelho”, de Machado de Assis.

HOUAISS, Antônio. *Elementos de bibliologia*. São Paulo: Hucitec, 1983. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1967. 2 v. [Reimpressão fac-similar da primeira edição, de 1967, pelo Instituto Nacional do Livro.]

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008.

PARKES, M. B. *Pause and effect: an introduction to the history of punctuation in the West*. Cambridge: University Press, 1992.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2. ed. revisada e atualizada. São Paulo: Ars Poetica, 1994.

UNGARETTI, Giuseppe. *Invenção da poesia moderna: lições de literatura no Brasil 1937-1942*. Trad. Antônio Lázaro de Almeida Prado. São Paulo: Ática, 1996.

VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Rev. e prefaciado pelo padre Gonçalo Alves. Porto: Lello & Irmão, 1959. t. III.

**“O ESPELHO”, DE MACHADO DE ASSIS:  
CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DO TEXTO  
(E, SUBSIDIARIAMENTE, À HISTÓRIA DE *PAPÉIS AVULSOS*)**

*José Américo Miranda*  
*Universidade Federal de Minas Gerais*

**Resumo:** Este artigo confronta o texto da primeira edição do conto “O espelho”, de Machado de Assis, pela editora W. M. Jackson, na obra *Papéis avulsos* (1937), com os textos da segunda (1920) e terceira (s.d.) edições da casa Garnier. O texto foi também confrontado com o da edição que publicamos neste número da *Machadiana Eletrônica* – para localização e identificação das variantes. Foram, ainda, confrontadas entre si as diversas edições da W. M. Jackson, de 1937 até 1957. Com isso, procurou-se identificar a fonte e a causa das variantes da edição W. M. Jackson de 1937, assim como localizar o momento em que elas foram (quando o foram) corrigidas.

**Palavras-chave:** História externa de textos, Machado de Assis, “O espelho”.

**I**

O conto “O espelho”, de Machado de Assis, teve três publicações enquanto vivia o escritor, segundo J. Galante de Sousa. A primeira apareceu no “Folhetim” da *Gazeta de Notícias*, em 8 de setembro de 1882, uma sexta-feira; a segunda foi a transcrição feita apenas quatro dias depois, na edição semanal da *Gazeta de Notícias* – em 12 de setembro; e a terceira foi em *Papéis avulsos*, obra publicada em novembro desse mesmo ano. (Cf. SOUSA, 1955, p. 79 e p. 535) A segunda das publicações mencionadas, não conseguimos localizá-la. Apesar disso, julgamos não haver impedimento à elaboração de uma edição que estabelecesse um texto fiel – afinal, tínhamos a primeira e a última das edições feitas em vida do autor. O texto-base para a nova edição do conto foi o publicado em livro (que foi, também, a última publicação em vida do autor); é nesta obra (*Papéis avulsos*) que se encontra a forma mais acabada do texto.

Morto o autor, em 1908, a editora Garnier, detentora que era dos direitos sobre sua obra, publicou ainda duas edições de *Papéis avulsos* – a segunda em 1920, e a terceira sem data. Esta última, que não traz data impressa, contém o mesmo texto de “O espelho” da segunda. Ambas as edições apresentam idênticas manchas textuais em cada página, ou seja, as mesmas composições, inclusive a numeração das páginas; são iguais os conteúdos de cada linha; e são os mesmos os erros e falhas. O exemplar da terceira edição que possuímos pertenceu a alguém que anotou na página de rosto, abaixo de sua assinatura (que não consegui decifrar), entre o nome do autor (no alto da página) e o título da obra (um pouco abaixo): S. P. 23/3/23. É possível que este seja o ano da edição, caso o proprietário do volume o tenha comprado (ou ganhado de alguém) pouco tempo depois da impressão. Fica sugerido, então, este ano de 1923 como uma data hipotética da terceira edição.

Em meados da década de 1930, a editora W. M. Jackson adquiriu da Garnier o direito de publicação das obras do escritor. Em 1937 aconteceram as primeiras edições dessa casa editora, que foi a detentora desse direito até 1958, ano em que a obra foi posta em domínio público por despacho do presidente Juscelino Kubitscheck. (Cf. CAMPOS, 2018, p. 135; MACHADO, 2008, p. 359-360) Quando foi comemorado o centenário de nascimento do escritor, em 1939, os direitos de publicação de suas obras pertenciam, com exclusividade, à casa W. M. Jackson. E pelos vinte anos seguintes, as únicas edições disponíveis para os leitores de todo o país eram as dessa editora. Nessas condições, por mais restrições que se lhes façam, elas (as edições W. M. Jackson) são de uma importância incontestável.

Não dispomos de informação segura sobre o número de edições publicadas pela W. M. Jackson. J. Galante de Sousa, que publicou sua *Bibliografia de Machado de Assis* em 1955, registra as de 1937, 1944, 1950 e 1952. (SOUSA, 1955, p. 79-81) De nossa parte, conseguimos obter as edições dos seguintes anos: 1937, 1938, 1942, 1944, 1946, 1950, 1952, 1955 e 1957 (o itálico indica as edições que não constam da *Bibliografia*; as duas últimas, compreensivelmente, por não existirem no tempo em que o pesquisador trabalhou). Algumas dessas “edições” são, muito provavelmente, reimpressões de edições anteriores; porém, como trazem datas diferentes, foram aqui consideradas novas edições. A partir de 1959 as edições W. M. Jackson deixaram de ter a importância que tinham, porque começaram a aparecer outras, especialmente as da

*Obra completa*, em três volumes, pela editora José Aguilar (cuja primeira edição é daquele ano, 1959).

Uma nova edição de um conto – no presente caso, de “O espelho” – que pretenda dar informações sobre a história do texto não pode, portanto, desconhecer as edições W. M. Jackson. Entre 1937 e 1959 houve pelo menos nove edições, que conseguimos obter e examinar. Para a edição do conto, consideramos apenas a primeira, de 1937, com o entendimento de que o texto recebeu, nessa edição, presumivelmente, um tratamento cuidadoso.

Depois dessa edição, a seguinte que foi levada em conta, com a mesma presunção de que nela o texto recebeu tratamento cuidadoso, foi a da editora José Aguilar, de 1959 – no segundo volume da *Obra completa* (em três volumes). Por ora, entretanto, fiquemos com as edições W. M. Jackson.

A crítica, ao longo do tempo, tem considerado descuidadas essas edições. O projeto da W. M. Jackson consistia em pôr a obra completa em 31 volumes, divididos em certas categorias: os romances, os contos, as crônicas, o teatro, a crítica literária, a correspondência. Alguns dos volumes que Machado de Assis publicou em vida continham textos de mais de um gênero – por exemplo, peças de teatro e ensaios críticos misturados com contos. Isso, de algum modo, não combinava com o projeto de volumes com textos do mesmo gênero. Resultado: alguns textos saíram dos volumes de contos em que foram originalmente publicados pelo autor, para juntar-se a outros do mesmo gênero, e o volume que perdeu textos, conservando embora o título original, foi completado com contos recolhidos de jornais (textos que o autor, em vida, não havia incluído nos livros).

Além das alterações feitas nos conteúdos (estrutura interna) de algumas das obras, havia o problema do estabelecimento do texto – também neste aspecto as edições W. M. Jackson deixavam a desejar. Estudos da obra machadiana dependiam dessas edições, as únicas disponíveis. O prof. Wilton Cardoso, numa “Nota final” a sua obra *Tempo e memória em Machado de Assis*, registrou:

*O presente trabalho foi elaborado com base na primeira edição das Obras completas de Machado de Assis, W. M. Jackson Inc., Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, 1937, que é aquela por onde conheceram Machado de Assis os leitores da minha geração. Não se trata de publicação que apenas inquiram numerosos erros gráficos,*

*como se diz que já ocorria com as últimas impressões da antiga Livraria Garnier, mas de amputação criminosa da obra do escritor, a qual está a exigir providências sérias. É simplesmente lamentável que, cinquenta anos depois da morte do criador de Brás Cubas, ainda não disponha o estudioso do maior dos nossos escritores de uma edição canônica, com texto apurado e fiel, de tudo quanto escreveu.* (CARDOSO, 1958, p. 281; grifo do autor)

Diz-se que a coleção das obras completas (31 volumes) passou por revisão na década de 1950; os volumes passaram, a partir dessa época, a ostentar, em notas da editora, no início dos volumes, os nomes dos responsáveis pelas revisões. (Cf. MACHADO, 2008, p. 259-260) A revisão de *Papéis avulsos* ficou a cargo de Ari de Mesquita. Das edições que conseguimos obter, a primeira que traz uma nota a respeito dessa revisão é a de 1952, onde lemos, no verso da página de rosto: “*Tanto a fidelidade do texto do presente livro como a sua forma vernácula, fixada pelo cotejo das mais autorizadas edições, são da responsabilidade de / Ary de Mesquita.*” (grifo da editora)

Quanto ao que já se dizia a respeito das “*últimas impressões da antiga Livraria Garnier*” a que se refere Wilton Cardoso, nós o constatamos, conforme se verá, por nós mesmos – confirmando o que se dizia naquele tempo (1958).

Será examinado aqui apenas o texto de “O espelho”; por esse conto, poderemos julgar do restante do volume (*Papéis avulsos*) – e da obra machadiana em geral. O exame que fizemos revelou alguns dados interessantes, que julgamos não serem de conhecimento público.

## II

No cotejo das nove edições selecionadas para confronto com o texto-base (no processo da edição do conto “O espelho” publicada neste número da *Machadiana*), ficou constatado, inequivocamente, que a edição que mais se distanciava da primeira era, justamente, a da W. M. Jackson de 1937. Algumas perguntas, então, surgiram em nosso horizonte: por que há tantos desvios (para não dizer “erros”) nessa edição? quando foram corrigidos (se é que o foram)? haveria uma explicação para isso, ou teria sido simples caso de descaso pelo texto durante a composição tipográfica? Foram essas as dúvidas que nos propusemos a esclarecer. Somos ainda hoje um país de escassa cultura e de pouca tradição no cuidado com a transmissão de textos; muito pior, julgamos, seria a situação nas décadas de 1930, 1940 e 1950.

Não cuidamos aqui das diferenças de pontuação, que foram objeto de estudo à parte.<sup>1</sup> Tratamos apenas das variantes textuais, das omissões de trechos, de erros de outros tipos. Primeiro, vamos assinalar as divergências encontradas, com relação ao texto-base; depois, passaremos à investigação e à tentativa de explicação da história dessas divergências. Vamos numerá-las (são 14 as ocorrências), para facilitar em seguida o comentário e as referências a elas.

### 1

Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão **era** a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. (Assim no texto-base, § 2)

Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão **é** a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. (Assim em PA1937, § 2)

---

### 2

Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão, tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade **de questões** que se deduziram do tronco principal, e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. (Assim no texto-base, § 4)

Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade **das questões** que se deduziram do tronco principal e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. (Assim em PA1937, § 4)

---

### 3

Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; – e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, **um** par de botas, uma **cavatina**, um tambor, etc. (Assim no texto-base, § 7)

Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; – e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, **uma** par de botas, uma **vacatina**, um tambor, etc. (Assim em PA1937, § 7)

---

---

<sup>1</sup> Ver “A pontuação no conto ‘O espelho’, de Machado de Assis”, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

**4**

“Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal; *é um punhal que me enterras no **coração***”. (Assim no texto-base, § 7)

“Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal; *é um punhal que me enterras no **coçã***”. (Assim em PA1937, § 7)

---

**5**

Essa senhora é **parenta** do diabo, e tem o mesmo nome: chama-se Legião... (Assim no texto-base, § 11)

Essa senhora é **parente** do diabo, e tem o mesmo nome: chama-se Legião... (Assim em PA1937, § 11)

---

**6**

Santa curiosidade! tu não és só a **ama** da civilização, és também o pomo da concórdia, fruta divina, de outro sabor que não aquele pomo da mitologia. (Assim no texto-base, § 12)

Santa curiosidade! tu não és só a **alma** da civilização, és também o pomo da concórdia, fruta divina, de outro sabor que não aquele pomo da mitologia. (Assim em PA1937, § 12)

---

**7**

Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura; e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que **estes** perderam. (Assim no texto-base, § 13)

Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura; e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que **esses** perderam. (Assim em PA1937, § 13)

---

**8**

**Lembra-me de** alguns rapazes, que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo. (Assim no texto-base, § 13)

**Lembro-me de** alguns rapazes, que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo. (Assim em PA1937, § 13)

---

**9**

21 – Antes assim fosse.

**22 – Cousa pior?**

23 – Ouçam-me. (Assim no texto-base, § 21-23)

21 – Antes assim fosse.

23 – Ouçam-me. (Assim em PA1937, § 21-23)

---

**10**

Corri a casa toda, a senzala, **tudo, nada, ninguém**, um molequinho que fosse. (Assim no texto-base, § 23)

Corri a casa toda, a senzala, **tudo, ninguém**, um molequinho que fosse. (Assim em PA1937, § 23)

---

**11**

Mas a manhã passou sem vestígio dele; **e à tarde** comecei a sentir uma sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse consciência da ação muscular. (Assim no texto-base, § 23)

Mas a manhã passou sem vestígio dele; **à tarde** comecei a sentir uma sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse consciência da ação muscular. (Assim em PA1937, § 23)

---

**12**

Ninguém **nas salas, na varanda, nos corredores**, no terreiro, ninguém em parte nenhuma... (Assim no texto-base, § 23)

Ninguém **nas salas, nos corredores**, no terreiro, ninguém em parte nenhuma... (Assim em PA1937, § 23)

---

**13**

Nos sonhos, fardava-me, orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me **chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major**; e tudo isso fazia-me viver. (Assim no texto-base, § 25)

Nos sonhos, fardava-me, orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me **chamavam capitão ou major**; e tudo isso fazia-me viver. (Assim em PA1937, § 25)

---

**14**

Mas o estilo, **como a tia** Marcolina, deixava-se estar. (Assim no texto-base, § 25)

Mas o estilo, **colo e tia** Marcolina, deixava-se estar. (Assim em PA1937, § 25)

O exame dessas quinze variantes (são quinze, porque o trecho n. 3 contém duas) e o confronto com as duas edições Garnier (a segunda, de 1920, e a terceira, s.d.) permitiram-nos concluir que a edição W. M. Jackson de 1937 utilizou como fonte não a primeira edição de *Papéis avulsos*, mas a segunda ou a terceira (cujos textos são idênticos). Descobrimos, assim, a primeira falha da edição de 1937, que consistiu em

não basear-se no texto mais confiável, que é o da primeira edição em livro (única em livro feita sob as vistas do autor). A edição que deu origem à de 1937 é a responsável por quase a metade, ou seja, 6 das variantes textuais. Além desse primeiro deslize, a W. M. Jackson introduziu outras 9 variantes no texto. Em outras palavras, as duas edições, a de Garnier utilizada como fonte e a de W. M. Jackson de 1937, se merecem. Em termos de fidelidade aos textos-fonte, elas estão muito próximas, praticamente se equivalem. O texto-fonte das edições segunda e terceira da Garnier foi, com toda certeza, o da primeira edição de *Papéis avulsos*, de 1882; o texto-fonte da edição da W. M. Jackson, de 1937, foi o da segunda ou da terceira edição Garnier.

Já constavam das edições Garnier as variantes aqui registradas sob os números 1, 2, 3, 10 e 14. O trecho de n. 3 contém duas variantes: a segunda vem das edições Garnier; a primeira é própria da edição de 1937. A variante de número 12 consiste numa omissão da expressão “na varanda”, cuja grafia estava truncada nas edições Garnier. Não tendo sido entendida, a expressão foi omitida na edição de 1937. Em ambas as edições Garnier, ela vinha grafada assim: “naara vnda”. Essa variante, portanto, se não é propriamente uma variante do texto-fonte, existe na edição de 1937 em consequência do truncamento; portanto, é uma omissão oriunda das edições Garnier.

As variantes dos trechos de n. 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11 e 13 são próprias da edição de 1937; assim como uma das variantes do trecho n. 3.

Se é verdade que alguns dos erros das edições Garnier se transmitiram para a edição de 1937 da W. M. Jackson, é também verdade que a transcrição não foi completamente servil: em pelo menos dois casos, erros presentes nas edições Garnier foram corrigidos (não aparecem na edição de 1937). Vejam-se os casos:

#### **1A**

Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão, tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade das questões que se deduziram do tronco principal e **um pouca**, talvez, pela inconsistência dos pareceres. (Assim nas edições segunda e terceira da Garnier, § 4)

Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade das questões que se deduziram do tronco principal e **um pouco**, talvez, pela inconsistência dos pareceres. (Assim na edição da W. M. Jackson de 1937, § 4)

## 2A

A alma exterior **póue** ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. (Assim nas edições segunda e terceira da Garnier, § 7)

A alma exterior **pode** ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. (Assim na edição da W. M. Jackson de 1937, § 7)

Os erros são óbvios, fáceis de identificar, e foram corrigidos pelos responsáveis pela edição da W. M. Jackson de 1937. Na primeira das passagens transcritas (1A), entretanto, havia outros erros, tanto vocabulares como de pontuação, que se transmitiram à edição seguinte (a de 1937), assim como houve um erro de pontuação introduzido em 1937 (ver no texto editado de “O espelho”, neste número da *Machadiana Eletrônica*, as variantes registradas).

Além desses casos, há um outro, que envolve o trecho da variante de n. 1: onde está (na edição de 1937) “Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna.”, lê-se, nas edições Garnier: “Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão e a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna.” Houve, portanto, no próprio trecho de uma variante transmitida, uma correção feita pelos editores de 1937.

## III

O passo seguinte foi verificar quando essas variantes foram detectadas e corrigidas, na sequência das edições da W. M. Jackson. Foram corrigidas já na edição de 1938 – o que revela algum grau de vigilância sobre o texto – as duas variantes presentes no trecho de n. 3, a variante de n. 4, a de n. 5, a de n. 9, a de n. 10 (com introdução de pontuação diferente) e a de n. 14. Não foram corrigidas (pelo menos até 1957) as variantes de n. 1, n. 2, n. 6, n. 7 e n. 11. Foram corrigidas em 1952, primeira edição feita sob os cuidados de revisão de Ari de Mesquita, as variantes de n. 8, n. 12 e n. 13.

As variantes corrigidas em 1938 foram, principalmente, aquelas de fácil identificação por um leitor atento: n. 3 – “uma par de botas” e “vacatina”, no parágrafo n. 7, passaram, respectivamente, a “um par de botas” e “cavatina” (são casos fáceis: no primeiro, trata-se de concordância; no segundo, de palavra que não existe – “vacatina”); n. 4 – “coçãõ” foi corrigido para “*coraçãõ*” (caso igualmente fácil, que o contexto praticamente esclarece); n. 5 – “parente” passou a “parenta” (na ocorrência, a palavra é adjetivo do gênero feminino); n. 9 – o truncamento do diálogo é mais ou menos evidente; n. 14 – “colo e tia” foi alterado para “como a tia” (a variante anterior sequer fazia sentido). A correção da variante de n. 10 não é tão óbvia, deve ter sido corrigida por confronto com a primeira edição; porém, ao introduzir a palavra “nada” (que estava faltando), o período teve a sua pontuação alterada, e ficou assim: “Corri a casa toda, a senzala, tudo: nada, ninguém, um molequinho que fosse.” Os dois-pontos entraram no lugar de uma vírgula.

As variantes que não foram corrigidas (pelo menos até 1957) são as verossímeis, aquelas que o leitor não suspeita estarem no lugar de outra palavra ou outra forma verbal. São as seguintes: n. 1 – a forma verbal “é” está no lugar de “era” (o período não fica “errado” com a mudança do tempo verbal); n. 2 – “das questões” no lugar de “de questões” (no contexto da frase, passa sem qualquer suspeita de que se trata de uma variante); n. 6 – a expressão “alma da civilização” é de mais fácil entendimento do que “ama da civilização”; n. 7 – “esses” no lugar de “estes” é variante praticamente imperceptível; n. 11 – “à tarde” no lugar de “e à tarde” é outra variante praticamente imperceptível (só um confronto atento dos textos a revela).

Por fim, as três variantes corrigidas em 1952, na primeira edição submetida à revisão de Ari de Mesquita, são as seguintes: n. 8 – “Lembro-me de alguns rapazes” no lugar de “Lembra-me de alguns rapazes”; n. 12 – a introdução da expressão “na varanda” no período – “Ninguém nas salas, **na varanda**, nos corredores, no terreiro, ninguém em parte nenhuma...”; e n. 13 – a introdução de toda uma sequência de palavras – “me chamavam **alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major**” no lugar de “me chamavam capitão ou major”.

Essas duas últimas correções só poderiam ser feitas por confronto com uma edição em que o texto estivesse completo – naquela data, só a primeira edição em livro

ou no rodapé da *Gazeta de Notícias*. Devemos nos lembrar de que os direitos de publicação das obras de Machado de Assis foram adquiridos da casa Garnier, que era a detentora deles, e de que a primeira edição de *Papéis avulsos* não foi feita por essa editora, mas pela Lombaerts (em 1882). Isso explicaria razoavelmente por que o texto-fonte das edições W. M. Jackson não foi o da primeira edição.

A primeira das três correções feitas em 1952, que supomos resultarem do confronto com o texto da primeira edição, diz respeito à regência do verbo “lembrar”. Celso Cunha e Lindley Cintra, em *Nova gramática do português contemporâneo*, tecem as seguintes considerações sobre esse tipo de construção:

Com o sentido de “vir à memória”, que é o mais usual, admite (o verbo “lembrar”), à semelhança de *esquecer*, três modelos de construção:

a) **Lembro-me do acontecimento.**

b) **Lembra-me o acontecimento.**

c) **Lembra-me do acontecimento.**

O primeiro é o mais frequente, seja na linguagem coloquial seja na literária: [seguem exemplos].

[...]

O segundo modelo sintático é mais usado em Portugal do que no Brasil, onde o seu emprego se circunscreve à linguagem formal: [seguem exemplos].

O terceiro, cruzamento dos dois esquemas anteriores, é de emprego raro na língua atual [seguem exemplos – um deles de Machado de Assis]. (CUNHA, 2007, p. 530-531)

Celso Pedro Luft, citando diversos outros autores, lembra que a primeira das construções mencionadas tem o verbo como pessoal, e indica “propósito e esforço” (para se lembrar do acontecimento), ao passo que a segunda “é de cunho literário, muito ao gosto de Machado”, e é “sintaxe hoje [...] quase desusada – o verbo, nesta segunda construção, é usado como ‘impessoal, a lembrança é casual e não provocada’”. (LUFT, 1987, p. 351) Como Celso Cunha e Lindley Cintra, Celso Luft registra a terceira construção como resultante do cruzamento das duas anteriores.

A segunda das construções parece ter sido a predileta de Machado de Assis, pelo menos na maturidade. Em *Dom Casmurro* seu uso é frequente – exemplo: “Vi uns riscos abertos, e lembrou-me o gesto que ela fizera para cobri-los.” (ASSIS, 1969, p. 84, cap. XIII) Em “O espelho”, encontramos as três construções: “Em certa ocasião lembrei-me de escrever alguma coisa, um artigo político, um romance, uma ode; não escolhi nada definitivamente; sentei-me e tracei no papel algumas palavras e frases

soltas, para intercalar no estilo.” (§ 25, construção 1); “Lembrou-me vestir a farda de alferes.” (§ 33, construção 2); e “Lembra-me de alguns rapazes, que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo.” (§ 13, construção 3)

Esse terceiro uso é certamente o mais raro (no Brasil), razão pela qual (muito provavelmente) deve ter havido uma tentativa de “correção” – que gerou a variante na edição de 1937.

#### IV

O confronto que realizamos revelou, também, alguns dados a respeito das edições José Aguilar e Nova Aguilar. Os dados de que dispomos, entretanto, no tocante a essas outras edições, são poucos e incompletos – por esse motivo, e para não tornar confuso o texto, preferimos nos restringir a esta etapa da história do texto: das edições Garnier e das edições W. M. Jackson até 1957, edições (estas últimas) que continuaram existindo depois da década de 1950.

O estudo nos revelou duas coisas importantes: primeira – o texto-fonte da edição W. M. Jackson de 1937 não foi o da primeira edição (Lombaerts, 1882), mas o das edições Garnier (editora da qual a W. M. Jackson adquirira os direitos de publicação das obras de Machado de Assis); segunda – o texto de 1937 passou por revisão antes da década de 1950, quando a editora confiou a revisão a Ari de Mesquita. Houve correções já na edição de 1938. É certo, entretanto, que os problemas continuaram, como persistem até hoje. Não estamos aqui, trabalhando nisso?

#### **“O ESPELHO”, BY MACHADO DE ASSIS: CONTRIBUTION TO THIS TEXT HISTORY (AND TO THE HISTORY OF *PAPÉIS AVULSOS*)**

This paper confronts the text of the first edition of the short story “O espelho”, by Machado de Assis, by the publisher W. M. Jackson, in *Papéis avulsos* (1937), with the texts of the second (1920) and third (s.d.) editions of the Garnier publishing company. The text was also compared with that of the edition we published in this issue of *Machadiana Eletrônica* – for the location and identification of variants. The various editions of W. M. Jackson, from 1937 until 1957, were also confronted with each other. We attempt to identify the source and cause of the variants in the 1937 W. M. Jackson edition, as well as to identify the moment when these variants were (if they were) corrected.

**Keywords:** External history of texts, Machado de Assis, “O espelho”.

## Referências

- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1920.
- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Garnier, s.d.
- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.
- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1938.
- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1942.
- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1944.
- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1946.
- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1950.
- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1952.
- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1955.
- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1957.
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969. [Edição crítica pela Comissão Machado de Assis.]
- CAMPOS, Alex Sander Luiz. Edições de Machado de Assis: por quê, para quê? *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 1, p. 131-150, jan.-jun. 2018.
- CARDOSO, Wilton. *Tempo e memória em Machado de Assis*. Belo Horizonte: Estabelecimentos Gráficos Santa Maria, 1958.
- CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley. *A nova gramática do português contemporâneo*. 3ª edição revista e ampliada. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Lexicon Informática, 2007.
- LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ática, 1987.
- MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008.
- SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

# **BIBLIOGRAFIA**

## CONTRIBUIÇÕES À BIBLIOGRAFIA DE MACHADO DE ASSIS

*José Américo Miranda*  
*Universidade Federal de Minas Gerais*

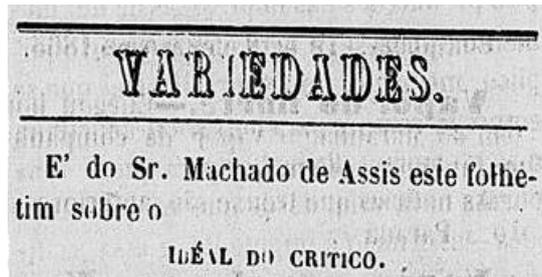
Apresentamos a seguir algumas informações bibliográficas de Machado de Assis, descobertas recentemente pela professora Letícia Malard, que, além de colaboradora desta revista, pertence ao nosso Conselho Editorial.

**1. ASSIS, Machado de. Ideal do crítico. *Cearense*, Fortaleza, ano XX, n. 1956, p. 2-3, 19 nov. 1865.**

Este importante texto de Machado de Assis foi originalmente publicado no *Diário do Rio de Janeiro*, sob o título “Ideal do crítico”, de 8 de outubro de 1865. (SOUSA, 1955, p. 410) Todo o segundo semestre de 1865 deste periódico não se encontra disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Mário de Alencar não incluiu este texto no volume *Crítica*, publicado em 1910, em que reuniu textos de crítica literária do autor. (SOUSA, 1955, p. 116-117) Galante de Sousa registra a publicação do texto na edição de 1944 (e nas seguintes) do volume de *Crítica literária* de Machado de Assis, pela W. M. Jackson, e informa, ainda, que ele não vem na edição de 1937 desta casa editora. Verificamos que essa notícia tem alguma inexatidão: Galante de Sousa não teve conhecimento do volume da *Crítica literária* publicada em 1938, porque o texto já vem nesta edição (da W. M. Jackson). Tudo isso indica alguma dificuldade na localização do texto. Sua importância, entretanto, foi imediatamente reconhecida pela editora; sabemos disso pela posição do texto na *Crítica literária* – o livro é organizado pela cronologia dos textos (com pequenas variações);

neste caso, entretanto, o texto, quando incluído no volume, foi posto à frente de todos os outros. Não tínhamos notícia da transcrição deste texto em outros jornais, daí a importância da descoberta dele no jornal *Cearense*.

No periódico cearense, o texto vem na seção “VARIEDADES”, em que as palavras “Ideal do crítico” em destaque, servindo de título, vêm ao final de um período de responsabilidade do jornal – assim:



O texto começa na quarta coluna da página 2 (cada página tem 4 colunas). Nesta coluna encontram-se os 11 parágrafos iniciais do texto (a paragrafação no jornal não é a mesma das edições correntes); na página 3 o texto ocupa mais duas colunas e parte da terceira.

Este periódico encontra-se disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, no seguinte endereço eletrônico:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709506&pasta=ano186&pesq=&pagfis=6916>>

ou (*link* encurtado)

<<https://rb.gy/htlslh>>.

**2. Flores estrangeiras. Maria Duplessis. [A dama das Camélias]. Pedro II, Fortaleza, ano XXVII, n. 203, p. 1, 15 set. 1867.**

O poema “Maria Duplessis”, de Alexandre Dumas Filho, teve dezesseis de suas quadras traduzidas por Machado de Assis, que as publicou em *Crisálidas* (1864), com a data de 1859, mas as suprimiu de suas *Poesias completas* (1901). Alexandre Dumas Filho publicou o poema em *Péchés de jeunesse* (p. 389-398), sob o título “M. D.”, com

22 quadras. O poema voltou às *Poesias completas*, de Machado de Assis, na edição de 1937, da editora W. M. Jackson, na seção “Crisálidas / (Da 1<sup>A</sup> EDIÇÃO)”.

Em *Crisálidas* (1864), ao final do volume (p. 170), o poeta pôs a seguinte nota:

MARIA DUPLESSIS. – Pág. 97.

Em 1858, eu e o meu finado amigo F. Gonçalves Braga resolvemos fazer uma tradução livre ou paráfrase destes versos de Alexandre Dumas filho. No dia aprazado apresentamos e confrontamos o nosso trabalho. A produção dele foi publicada, não me lembro em que jornal. (ASSIS, 1864, p. 170)

Essa nota contradiz a data da tradução, que é dada como de 1860 no *Diário do Rio de Janeiro* (15 abr. 1860), e como de 1859 em *Crisálidas*. A tradução de Francisco Gonçalves Braga, por sua vez, já estava publicada em livro (*Tentativas poéticas*) em 1856, com o mesmo título e com o subtítulo “(A TRANSVIADA)”, com 17 quadras. (BRAGA, 1856, p. 283) Nessa obra de Gonçalves Braga, há um poema (p. 213) ligado ao nome de Machado de Assis – “A UM JOVEM POETA / (O SR. J. M. M. D’ASSIS) / *Em resposta a uns versos que me dedicou.*” –, datado de 1855; é difícil crer que o poeta pudesse ter esquecido tudo isso. Além disso, antes de incluir o poema em *Crisálidas*, Machado de Assis o publicara no *Diário do Rio de Janeiro* (p. 2) em 15 de abril de 1860, datado e assinado: “1860. – MACHADO DE ASSIS.”

J. Galante de Sousa informa que, antes de reaparecer nas *Poesias completas* em 1937, os versos foram publicados na *Revista da Academia Brasileira* – Rio de Janeiro, v. XXXIX, n. 127, p. 288-289, jul. 1932 – e em *Novas relíquias* (p. 187-189) – Rio de Janeiro: Guanabara, 1932.

No jornal *Pedro II*, os versos vêm na seção “LITERATURA”, sob o título “Flores estrangeiras. / MARIA DUPLESSIS. / [A DAMA DAS CAMELIAS]”, assim:



O poema, com 16 quadras, começa na parte de baixo da terceira coluna (há quatro colunas em cada página), com três quadras nessa coluna, e as restantes 13 na quarta coluna. Ao pé dos versos vem o nome de “MACHADO DE ASSIS”, com a seguinte indicação, entre colchetes, abaixo do nome do poeta: [*Jornal do Recife*].

A publicação desta tradução no jornal *Pedro II*, de Fortaleza, em 15 de setembro de 1867, não era conhecida, como não o é a do *Jornal do Recife*, de onde foi transcrita.

O periódico (*Pedro II*) que traz a tradução encontra-se na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, no seguinte endereço eletrônico:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=216828&pasta=ano%20186&pesq=&pagfis=8175>>

ou (*link* encurtado)

<<https://rb.gy/rgt2zy>>.

Na Hemeroteca Digital, não há *Jornal do Recife* de 1867; entretanto, localizamos o poema, numa provável segunda publicação no mesmo periódico, no ano XXVII, n. 85, p. 2, col. 4, de 13 de abril de 1884:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%20186&pesq=&pagfis=21330>>

ou (*link* encurtado)

<<https://rb.gy/otpplo>>.

## Referências

ASSIS, Machado de. Maria Duplessis. (A dama das Camélias.) *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano XL, n. 21, p. 2, 15 abr. 1860.

ASSIS, Machado de. Flores estrangeiras. Maria Duplessis. [A dama das Camélias]. *Pedro II*, Fortaleza, ano XXVII, n. 203, p. 1, 15 set. 1867.

ASSIS, Machado de. Maria Duplessis. Flores estrangeiras. Maria Duplessis. *Jornal do Recife*, Recife, ano XXVII, n. 85, p. 2, 13 abr. 1884.

ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.

ASSIS, Machado de. *Crítica*. Coleção feita por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, [1910].

ASSIS, Machado de. *Novas relíquias*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1932. [A data vem na lombada do volume.]

ASSIS, Machado de. *Crítica literária*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

ASSIS, Machado de. *Crítica literária*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1938.

BRAGA, Francisco Gonçalves. *Tentativas poéticas*. Rio de Janeiro: Tip. Nicolau Lobo Vianna & Filhos, 1856.

DUMAS FILS, Alexandre. *Péchés de jeunesse*. Paris: Fellens et Dufour, 1847.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

# ÍNDICES

## ÍNDICES (atualizados até v. 4, n. 7)

### TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS, PELOS TÍTULOS:

- [A Antônio Martins Marinhas] – v. 4, n. 7, p. 31 e p. 73.
- A + B (12 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 7 e p. 33.
- A + B (16 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 11 e p. 41.
- A + B (22 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 15 e p. 49.
- A + B (28 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 17 e p. 57.
- A + B (4 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 21 e p. 65.
- A + B (14 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 25 e p. 73.
- A + B (24 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 29 e p. 81.
- A Caridade – v. 3, n. 5, p. 17 e p. 67.
- A Ch. F., filho de um proscrito – v. 1, n. 1, p. 13 e p. 33.
- A jovem cativa – v. 3, n. 5, p. 19 e p. 71.
- A nova geração – v. 2, n. 4, p. 7 e p. 39.
- A S. M. I. – v. 1, n. 1, p. 17 e p. 41.
- A saudade – v. 2, n. 4, p. 37 e p. 83.
- A Semana – 84 (1º de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 25.
- A Semana – 85 (7 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 30.
- A Semana – 86 (14 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 36.
- A Semana – 87 (21 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 40.
- A Semana – 88 (28 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 46.
- A Semana – 89 (4 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 50.
- A Semana – 90 (11 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 54.
- A Semana – 91 (18 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 59.
- A Semana – 92 (25 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 65.

- A Semana – 93 (4 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 70.
- A Semana – 94 (11 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 76.
- A Semana – 95 (18 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 83.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 88.
- A Semana – 97 (1º de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 94.
- A Semana – 98 (8 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 98.
- A Semana – 99 (15 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 102.
- A Semana – 100 (22 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 108.
- A Semana – 101 (6 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 120.
- A Semana – 102 (13 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 126.
- A Semana – 103 (20 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 132.
- A Semana – 104 (27 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 138.
- A Semana – 105 (3 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 145.
- A Semana – 106 (10 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 150.
- A Semana – 107 (17 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 156.
- A Semana – 108 (24 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 162.
- A Semana – 109 (1º de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 168.
- A Semana – 110 (8 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 172.
- A Semana – 111 (15 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 178.
- A Semana – 112 (22 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 184.
- A Semana – 113 (29 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 190.
- A Semana – 114 (5 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 194.
- A Semana – 115 (12 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 199.
- A Semana – 116 (19 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 204.
- A Semana – 117 (26 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 210.
- A Semana – 118 (2 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 216.
- A Semana – 119 (9 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 220.
- A Semana – 120 (16 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 226.
- A Semana – 121 (23 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 232.
- A Semana – 122 (30 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 238.
- A Semana – 123 (7 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 242.
- A Semana – 124 (14 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 248.
- A Semana – 125 (21 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 254.

- A Semana – 126 (28 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 261.
- A Semana – 127 (4 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 266.
- A Semana – 128 (11 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 272.
- A Semana – 129 (18 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 278.
- A Semana – 130 (25 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 282.
- A Semana – 131 (2 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 288.
- A Semana – 132 (9 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 294.
- A Semana – 133 (16 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 300.
- A Semana – 134 (23 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 306.
- A Semana – 135 (30 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 312.
- A uma menina – v. 1, n. 1, p. 23 e p. 53.
- Abertura pelo Sr. Machado de Assis, Presidente – v. 1, n. 1, p. 9 e p. 25.
- Alpujarra – v. 3, n. 5, p. 49 e p. 123.
- As ondinas – v. 3, n. 5, p. 35 e p. 97.
- As rosas – v. 3, n. 5, p. 41 e p. 105.
- As ventoinhas – v. 3, n. 5, p. 47 e p. 119.
- Aspiração – v. 3, n. 5, p. 23 e p. 79.
- [Carta do Gatinho preto] – v. 4, n. 7, p. 33 e p. 77.
- [Carta-prefácio à obra *Legislação servil*] – v. 4, n. 7, p. 25 e p. 59.
- Cleópatra – v. 3, n. 5, p. 27 e p. 85.
- Errata da primeira edição das *Poesias completas* (1901) – v. 1, n. 1, p. 55.
- Fé – v. 3, n. 5, p. 15 e p. 63.
- Gabriela da Cunha – v. 1, n. 1, p. 19 e p. 45.
- Lúcia – v. 3, n. 5, p. 7 e p. 55.
- Monte Alverne – v. 3, n. 5, p. 45 e p. 113.
- [No álbum de Carlos Gomes] – v. 4, n. 7, p. 27 e p. 61.
- No limiar – v. 3, n. 5, p. 21 e p. 75.
- [Notas de leitura] – v. 4, n. 7, p. 35 e p. 79.
- O dilúvio – v. 3, n. 5, p. 11 e p. 59.
- O espelho – v. 4, n. 7, p. 17 e p. 45.

- O Progresso – v. 1, n. 1, p. 11 e p. 29.
- Os arlequins – v. 3, n. 5, p. 31 e p. 91.
- Os dous horizontes – v. 3, n. 5, p. 43 e p. 109.
- Pensamentos de Machado de Assis (recolhidos e organizados por Letícia Malard) – v. 2, n. 3, p. 11.
- [Por ora sou pequenina] – v. 4, n. 7, p. 29 e p. 67.
- Saudades – v. 1, n. 1, p. 21 e p. 49.
- Souvenir d'exil (tradução de Machado de Assis) – v. 1, n. 1, p. 15 e p. 37.
- Versos a Corina – III (Fragmento) – v. 3, n. 5, p. 53 e p. 127.

**POESIAS DE MACHADO DE ASSIS, PELOS PRIMEIROS VERSOS:**

- A mulher é um cata-vento, – v. 3, n. 5, p. 47 e p. 119.
- Aí vão cinco quadrinhas – v. 4, n. 7, p. 31 e p. 73.
- Ao som da tua voz a mocidade acorda, – v. 1, n. 1, p. 11 e p. 29.
- As orações dos homens – v. 3, n. 5, p. 15 e p. 63.
- Beijam as ondas a deserta praia; – v. 3, n. 5, p. 35 e p. 97.
- Caía a tarde. Do infeliz à porta, – v. 3, n. 5, p. 21 e p. 75.
- César! fulge mais luz nas saudações do povo, – v. 1, n. 1, p. 17 e p. 41.
- Desabrochas ainda; tu és bela – v. 1, n. 1, p. 23 e p. 53.
- Do sol ao raio esplêndido, – v. 3, n. 5, p. 11 e p. 59.
- Ela tinha no rosto uma expressão tão calma – v. 3, n. 5, p. 17 e p. 67.
- Enfim! sobre esta cena, a tua e nossa glória, – v. 1, n. 1, p. 19 e p. 45.
- Filha pálida da noite, – v. 3, n. 5, p. 27 e p. 85.
- Fiz promessa, dizendo-te que um dia – v. 3, n. 5, p. 37 e p. 101.
- Flor a abrir, entre nós, surge agora um infante; – v. 1, n. 1, p. 15 e p. 37.
- Il est beau. Dans son front où la grâce rayonne, – v. 1, n. 1, p. 13 e p. 33.
- Jaz em ruínas o torrão dos mouros; – v. 3, n. 5, p. 49 e p. 123.
- Maria Duplessis – v. 3, n. 5, p. 37 e p. 101.
- Meiga saudade! – Amargos pensamentos – v. 2, n. 4, p. 37 e p. 83.

- Morreu! – Assim baqueia a estátua erguida – v. 3, n. 5, p. 45 e p. 113.
- Musa, depõe a lira! – v. 3, n. 5, p. 31 e p. 91.
- Nós estávamos sós; era de noite; – v. 3, n. 5, p. 7 e p. 55.
- Para os filhos do céu gêmeas nasceram – v. 4, n. 7, p. 27 e p. 61.
- Por ora sou pequenina – v. 4, n. 7, p. 29 e p. 67.
- Que valem glórias vãs? A glória, a melhor glória, – v. 3, n. 5, p. 53 e p. 127.
- Recebe, ó Braga, o meu canto – v. 1, n. 1, p. 21 e p. 49.
- “Respeita a fouce a espiga que desponta; – v. 3, n. 5, p. 19 e p. 71.
- Rosas que desabrochais, – v. 3, n. 5, p. 41 e p. 105.
- Sinto que há na minh’alma um vácuo imenso e fundo, – v. 3, n. 5, p. 23 e p. 79.
- Um horizonte, – a saudade – v. 3, n. 5, p. 43 e p. 109.

**TEXTOS ATRIBUÍDOS A MACHADO DE ASSIS:**

- A hebreia – v. 2, n. 4, p. 89.
- A Portugal – v. 2, n. 4, p. 85.
- O Réquiem de Verdi – v. 2, n. 4, p. 93.

**OUTROS TEXTOS RELACIONADOS A MACHADO DE ASSIS:**

- Amor – v. 2, n. 4, p. 97.
- A missa de Réquiem – v. 2, n. 4, p. 99.
- Embirração – v. 3, n. 5, p. 131.
- O verso alexandrino – v. 3, n. 5, p. 135.
- Machado de Assis (Notícia não assinada, publicada em *A Semana*, 9 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 89.

**AUTORES TRADUZIDOS POR MACHADO DE ASSIS:**

- Chénier, André
  - A jovem cativa – v. 3, n. 5, p. 19 e p. 71.
- Dumas Filho, Alexandre
  - Maria Duplessis – v. 3, n. 5, p. 37 e p. 101.

- Girardin, Mme. Émile de
  - Cleópatra – v. 3, n. 5, p. 27 e p. 85.
- Heine, Heinrich
  - As ondinas – v. 3, n. 5, p. 35 e p. 97.
- Mickiewicz, Adam
  - Alpujarra – v. 3, n. 5, p. 49 e p. 123.
- Musset, Alfred de
  - Lúcia – v. 3, n. 5, p. 7 e p. 55.
- Ribeyrolles, Charles
  - Souvenir d'exil – v. 1, n. 1, p. 15 e p. 37.

**ARTIGOS E OUTROS TEXTOS, PELOS TÍTULOS:**

- “A + B” (1886) – v. 3, n. 6, p. 5.
- “A + B”: enigma e interpretação – v. 3, n. 6, p. 111.
- A errata das *Poesias completas* (edição de 1901), de Machado de Assis, e seu destino – v. 1, n. 1, p. 75.
- A escolarização de textos machadianos em livros didáticos: edição e análise de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 107.
- A poesia que Machado de Assis publicou em *Crisálidas*, mas não incluiu em suas *Poesias completas* – v. 3, n. 5, p. 5.
- A pontuação no conto “O espelho”, de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 141.
- A Semana – 84 (1º de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 23.
- A Semana – 85 (7 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 29.
- A Semana – 86 (14 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 35.
- A Semana – 87 (21 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 39.
- A Semana – 88 (28 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 45.
- A Semana – 89 (4 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 49.
- A Semana – 90 (11 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 53.
- A Semana – 91 (18 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 57.
- A Semana – 92 (25 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 63.
- A Semana – 93 (4 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 69.
- A Semana – 94 (11 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 75.

- A Semana – 95 (18 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 81.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 97 (1º de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 93.
- A Semana – 98 (8 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 97.
- A Semana – 99 (15 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 101.
- A Semana – 100 (22 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 107.
- A Semana – 101 (6 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 119.
- A Semana – 102 (13 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 125.
- A Semana – 103 (20 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 131.
- A Semana – 104 (27 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 137.
- A Semana – 105 (3 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 143.
- A Semana – 106 (10 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 149.
- A Semana – 107 (17 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 155.
- A Semana – 108 (24 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 161.
- A Semana – 109 (1º de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 167.
- A Semana – 110 (8 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 171.
- A Semana – 111 (15 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 177.
- A Semana – 112 (22 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 183.
- A Semana – 113 (29 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 189.
- A Semana – 114 (5 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 193.
- A Semana – 115 (12 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 197.
- A Semana – 116 (19 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 203.
- A Semana – 117 (26 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 209.
- A Semana – 118 (2 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 215.
- A Semana – 119 (9 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 219.
- A Semana – 120 (16 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 225.
- A Semana – 121 (23 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 231.
- A Semana – 122 (30 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 237.

- A Semana – 123 (7 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 241.
- A Semana – 124 (14 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 247.
- A Semana – 125 (21 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 253.
- A Semana – 126 (28 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 259.
- A Semana – 127 (4 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 265.
- A Semana – 128 (11 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 271.
- A Semana – 129 (18 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 277.
- A Semana – 130 (25 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 281.
- A Semana – 131 (2 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 287.
- A Semana – 132 (9 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 293.
- A Semana – 133 (16 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 299.
- A Semana – 134 (23 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 305.
- A Semana – 135 (30 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 311.
- “A Semana” 1894: uma introdução ao terceiro ano de publicação da série – v. 1, n. 2, p. 321.
- A voluptuosidade da dor de Estêvão: o pessimismo galhofeiro em *A mão e a luva*, de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 83.
- Abertura – v. 1, n. 1, p. 5.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 177.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 2, n. 4, p. 169.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 315.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 6, p. 151.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 209.
- Abreviaturas utilizadas em “Pensamentos de Machado de Assis” recolhidos e organizados por Letícia Malard – v. 2, n. 3, p. 153.
- Além de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 13.
- Arte sem paixão: aproximações entre a prosa inicial de Machado de Assis e o teatro realista brasileiro – v. 2, n. 4, p. 121.
- Caminhos da pesquisa – v. 2, n. 4, p. 5.
- Carvalho Júnior: ódio às “belezas de missal” – v. 2, n. 4, p. 141.

- Contribuições à bibliografia de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 185.
- Cronologia – v. 1, n. 2, p. 317.
- Edição da série de crônicas “A + B” – v. 3, n. 6, p. 99.
- Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro – v. 1, n. 1, p. 65.
- Edições de Machado de Assis: por quê, para quê? – v. 1, n. 1, p. 131.
- Editar Machado de Assis na contemporaneidade: comentários acerca da edição de “A nova geração” – v. 2, n. 4, p. 105.
- Erratas – v. 4, n. 7, p. 215.
- Este número – v. 1, n. 1, p. 7.
- Índices (v. 1, n. 1) – v. 1, n. 1, p. 173.
- Índices (atualizados até o v. 1, n. 2) – v. 1, n. 2, p. 347.
- Índices (atualizados até o v. 2, n. 4) – v. 2, n. 4, p. 159.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 5) – v. 3, n. 5, p. 303.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 6) – v. 3, n. 6, p. 137.
- Índices (atualizados até o v. 4, n. 7) – v. 4, n. 7, p. 193.
- Introdução à edição da “Abertura, pelo Sr. Machado de Assis, Presidente” – v. 1, n. 1, p. 59.
- Introdução às notas – v. 1, n. 2, p. 15.
- “Lúcia”: um poema de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 253.
- Machado de Assis e a eloquência oitocentista: ascensão e declínio do “império retórico” – v. 1, n. 1, p. 99.
- Machado de Assis e as traduções que publicou em *Crisálidas* – v. 3, n. 5, p. 227.
- Machado de Assis e as virtudes teologais – v. 3, n. 5, p. 181.
- Machado de Assis e Monte Alverne – v. 3, n. 5, p. 285.
- Machado de Assis, tradutor de poesia: a questão das traduções em *Americanas* – v. 1, n. 1, p. 159.
- Machado de Assis: unidade e autonomia da obra literária – v. 3, n. 5, p. 209.
- Machado pensador – v. 2, n. 3, p. 5.
- Nota – v. 4, n. 7, p. 68.

- Nota ao dístico a que demos o título de “No álbum de Carlos Gomes” – v. 4, n. 7, p. 62 e p. 74.
- Nota prévia [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 7.
- Notas de leitura – v. 4, n. 7, p. 35 e p. 86.
- Notas de leitura. Algumas palavras e critérios da edição, In: [“Notas de leitura”] – v. 4, n. 7, p. 79.
- “O espelho”, de Machado de Assis: contribuição à história do texto (e, subsidiariamente, à história de *Papéis avulsos*) – v. 4, n. 7, p. 169.
- O texto – v. 1, n. 2, p. 11.
- Referências [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 149.
- Relato de uma experiência (como foi localizado o poema “A Portugal”) – v. 2, n. 4, p. 115.
- Um estudo de “Lúcia”, tradução de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 115 e v. 3, n. 5, p. 269.
- Uma aproximação às poesias completas de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 141.
- Uma Semana – 100A (29 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 113.
- Versos nas *Poesias completas* de Machado de Assis: detalhes – v. 1, n. 1, p. 151.
- Vínculos com a vida na poesia de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 161.

#### **OUTRAS ARTES:**

- Machado de Assis em 1886 – v. 3, n. 6, p. 135.

#### **AUTORES:**

- Alencar, Mário de
  - Notas de leitura – v. 4, n. 7, p. 35 e p. 86.
- [Araújo, Ferreira de?]
  - Uma Semana – 100A (29 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 113.
- Campos, Alex Sander Luiz
  - 1894 – v. 1, n. 2, p. 5.
  - Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 177.
  - Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro – v. 1, n. 1, p. 65.
  - Edições de Machado de Assis: por quê, para quê? – v. 1, n. 1, p. 131.

- Este número – v. 1, n. 1, p. 7.
- Índices (v. 1, n. 1) – v. 1, n. 1, p. 173.
- Índices (atualizados até o v. 1, n. 2) – v. 1, n. 2, p. 347.
- Introdução à edição da “Abertura, pelo Sr. Machado de Assis, Presidente” – v. 1, n. 1, p. 59.
- Cei, Vitor
  - A voluptuosidade da dor de Estêvão: o pessimismo galhofeiro em *A mão e a luva*, de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 83.
- Delfino, Luís
  - O verso alexandrino – v. 3, n. 5, p. 135.
- Gledson, John
  - A Semana – 84 (1º de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 23.
  - A Semana – 85 (7 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 29.
  - A Semana – 86 (14 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 35.
  - A Semana – 87 (21 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 39.
  - A Semana – 88 (28 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 45.
  - A Semana – 89 (4 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 49.
  - A Semana – 90 (11 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 53.
  - A Semana – 91 (18 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 57.
  - A Semana – 92 (25 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 63.
  - A Semana – 93 (4 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 69.
  - A Semana – 94 (11 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 75.
  - A Semana – 95 (18 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 81.
  - A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
  - A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
  - A Semana – 97 (1º de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 93.
  - A Semana – 98 (8 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 97.
  - A Semana – 99 (15 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 101.
  - A Semana – 100 (22 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 107.
  - A Semana – 101 (6 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 119.
  - A Semana – 102 (13 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 125.
  - A Semana – 103 (20 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 131.
  - A Semana – 104 (27 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 137.
  - A Semana – 105 (3 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 143.
  - A Semana – 106 (10 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 149.
  - A Semana – 107 (17 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 155.
  - A Semana – 108 (24 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 161.

- A Semana – 109 (1º de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 167.
  - A Semana – 110 (8 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 171.
  - A Semana – 111 (15 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 177.
  - A Semana – 112 (22 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 183.
  - A Semana – 113 (29 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 189.
  - A Semana – 114 (5 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 193.
  - A Semana – 115 (12 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 197.
  - A Semana – 116 (19 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 203.
  - A Semana – 117 (26 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 209.
  - A Semana – 118 (2 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 215.
  - A Semana – 119 (9 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 219.
  - A Semana – 120 (16 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 225.
  - A Semana – 121 (23 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 231.
  - A Semana – 122 (30 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 237.
  - A Semana – 123 (7 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 241.
  - A Semana – 124 (14 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 247.
  - A Semana – 125 (21 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 253.
  - A Semana – 126 (28 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 259.
  - A Semana – 127 (4 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 265.
  - A Semana – 128 (11 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 271.
  - A Semana – 129 (18 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 277.
  - A Semana – 130 (25 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 281.
  - A Semana – 131 (2 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 287.
  - A Semana – 132 (9 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 293.
  - A Semana – 133 (16 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 299.
  - A Semana – 134 (23 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 305.
  - A Semana – 135 (30 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 311.
  - “A Semana” 1894: uma introdução ao terceiro ano de publicação da série – v. 1, n. 2, p. 321.
  - Cronologia – v. 1, n. 2, p. 317.
  - Introdução às notas – v. 1, n. 2, p. 15.
  - O texto – v. 1, n. 2, p. 11.
  - Uma Semana – 100A (29 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 113.
- Herane, Amanda Rios
- Arte sem paixão: aproximações entre a prosa inicial de Machado de Assis e o teatro realista brasileiro – v. 2, n. 4, p. 121.

– Jucá, Gabriela

- “Lúcia”: um poema de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 253.
- Machado de Assis tradutor de poesia: a questão das traduções em *Americanas* – v. 1, n. 1, p. 159.
- Um estudo de “Lúcia”, tradução de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 115 e v. 3, n. 5, p. 269.

– Malard, Letícia

- Abreviaturas utilizadas em “Pensamentos de Machado de Assis” recolhidos e organizados por Machado de Assis – v. 2, n. 3, p. 153.
- Carvalho Júnior: ódio às “belezas de missal” – v. 2, n. 4, p. 141.
- Nota prévia [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 7.
- Referências [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 149.

– Melo, M[anuel] de

- A missa de Réquiem – v. 2, n. 4, p. 99.

– Miranda, José Américo

- 1894 – v. 1, n. 2, p. 5.
- “A + B”: enigma e interpretação – v. 3, n. 6, p. 111.
- A errata das *Poesias completas* (edição de 1901), de Machado de Assis, e seu destino – v. 1, n. 1, p. 75.
- A poesia que Machado de Assis publicou em *Crisálidas*, mas não incluiu em suas *Poesias completas* – v. 3, n. 5, p. 5.
- A pontuação no conto “O espelho”, de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 141.
- Abertura – v. 1, n. 1, p. 5.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 177.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 2, n. 4, p. 169.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 315.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 6, p. 151.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 209.
- Além de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 13.
- Caminhos da pesquisa – v. 2, n. 4, p. 5.
- Contribuições à bibliografia de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 185.
- Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro – v. 1, n. 1, p. 65.
- Erratas – v. 4, n. 7, p. 215.
- Índices (v. 1, n. 1) – v. 1, n. 1, p. 173.
- Índices (atualizados até o v. 1, n. 2) – v. 1, n. 2, p. 347.
- Índices (atualizados até o v. 2, n. 4) – v. 2, n. 4, p. 159.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 5) – v. 3, n. 5, p. 303.

- Índices (atualizados até o v. 3, n. 6) – v. 3, n. 6, p. 137.
- Índices (atualizados até o v. 4, n. 7) – v. 4, n. 7, p. 193.
- Introdução à edição da “Abertura, pelo Sr. Machado de Assis, Presidente” – v. 1, n. 1, p. 59.
- “Lúcia”: um poema de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 253.
- Machado de Assis e as traduções que publicou em *Crisálidas* – v. 3, n. 5, p. 227.
- Machado de Assis e as virtudes teologais – v. 3, n. 5, p. 181.
- Machado de Assis e Monte Alverne – v. 3, n. 5, p. 285.
- Machado de Assis: unidade e autonomia da obra literária – v. 3, n. 5, p. 209.
- Nota – v. 4, n. 7, p. 68.
- Nota ao dístico a que demos o título de “No álbum de Carlos Gomes” – v. 4, n. 7, p. 62 e p. 74.
- Notas de leitura. Algumas palavras e critérios da edição, In: [“Notas de leitura”] – v. 4, n. 7, p. 79.
- “O espelho”, de Machado de Assis: contribuição à história do texto (e, subsidiariamente, à história de *Papéis avulsos*) – v. 4, n. 7, p. 169.
- Um estudo de “Lúcia, tradução de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 115 e v. 3, n. 5, p. 269.
- Uma aproximação às poesias completas de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 141.
- Vínculos com a vida na poesia de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 161.
- Novais, Faustino Xavier de
  - Embirração – v. 3, n. 5, p. 131.
- Oliveira, Gracinéa I.
  - Editar Machado de Assis na contemporaneidade: comentários acerca da edição de “A nova geração” – v. 2, n. 4, p. 105.
  - A escolarização de textos machadianos em livros didáticos: edição e análise de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 107.
- Papassoni, João Paulo
  - Relato de uma experiência (como foi localizado o poema “A Portugal”) – v. 2, n. 4, p. 115.
- Santos, Gilson
  - “A + B” (1886) – v. 3, n. 6, p. 5.
  - Edição da série de crônicas “A + B” – v. 3, n. 6, p. 99.
  - Notas de leitura. Algumas palavras e critérios da edição, In: [“Notas de leitura”] – v. 4, n. 7, p. 79.
- Silva, Felipe Lima da
  - Machado de Assis e a eloquência oitocentista: ascensão e declínio do “império retórico” – v. 1, n. 1, p. 99.
- Souza, Rilane Teles de
  - Versos nas *Poesias completas* de Machado de Assis: detalhes – v. 1, n. 1, p. 151.
- Tito, Fábio
  - Amor – v. 2, n. 4, p. 97.
- Roiz, Lopes
  - Machado de Assis em 1886 – v. 3, n. 6, p. 135.

# ABREVIATURAS

**ABREVIATURAS EMPREGADAS NAS EDIÇÕES DOS TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS**

ABLFN – *A Academia Brasileira de Letras*, 1940.

AL – *Autores e Livros*.

ATAS – *Atas da Academia Brasileira de Letras: Presidência Machado de Assis (1896-1908)*, 2001.

BABL – *Boletim da Academia Brasileira de Letras*, 1897.

BB – *Biblioteca Brasileira*, t. I, n. 2, 1863.

CB – *Courrier du Brésil*.

CCPT1964 – *Crônicas, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

CGC – *Carta de guia de casados*, 1873.

CHRYS2000 – *Chrysalidas*, ed. Oséias Silas Ferraz, 2000.

CJG1998 – *Contos: uma antologia*, 1998, edição de John Gledson.

CLJ1937 – *Crítica literária*, 1937.

CM – *Correio Mercantil*.

CMA – *Crítica*, edição Mário de Alencar, 1910.

COC1988 – *A cartomante e outros contos*, 1988.

COR – *Correspondência de Machado de Assis*, 2008-2015, 5t.

CP – *Correio Paulistano*.

CRIS1864 – *Crisálidas*, 1864.

CT – *Correio da Tarde*.

DA1934 – *Discursos acadêmicos (1897-1906)*, 1934.

DA1965 – *Discursos acadêmicos*, volume I (1897-1919). 1965.

DA2005 – *Discursos acadêmicos*, tomo I: Volumes I – II – III – IV 1897-1919, 2005.

DB – *Diário de Belém*.

DECI – *Década primeira da Ásia*, de João de Barros, 1628.

- DECII – *Década segunda da Ásia*, de João de Barros, 1628.
- DECIII – *Década terceira da Ásia*, de João de Barros, 1628.
- DIAL – *Diálogos*, de dom Frei Amador Arrais, 1846.
- DISP – *Dispersos de Machado de Assis*, 1965.
- DN – *Diário de Notícias*.
- DP – *Diário de Pernambuco*.
- DRJ – *Diário do Rio de Janeiro*.
- DRR – *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*.
- EC – *Estante clássica da Revista de Língua Portuguesa – vol. II: Machado de Assis*, 1921.
- ENTR – *Entreato*.
- EP – *Estímulo prático para seguir o bem, e fugir o mal*, 1730.
- ESP – *O Espelho*.
- fól. – fólho.
- FUT – *O Futuro*.
- GF1974 – *Machado de Assis e o hipopótamo*, 6. ed., 1974.
- GN – *Gazeta de Notícias*.
- JC – *Jornal do Commercio*.
- JF – *Jornal das Famílias*.
- JR – *Jornal do Recife*.
- LC – *Luz e calor*, 1871.
- LITO – Litografia de Carlos Linde, publicada em *Brasiliana Itaú*, 2009.
- MACI – *Machado de Assis e a crítica internacional*, 2009. [MASSA, Jean-Michel. A França que nos legou Machado de Assis. p. 231-265.]
- MACV1998 – *Machado de Assis & confrades de versos*, 1998.
- MAD1957 – *Machado de Assis desconhecido*, 1957.
- MASA – *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, org. Sílvia Maria Azevedo, Adriana Dusilek, Daniela Mantarro Callipo, 2013.
- MF – *Marmota Fluminense*.
- MM – *Menina e moça*, 1875.
- MQN – *Meditações sobre os quatro Novíssimos*, 1726.
- Ms1862 – Manuscrito datado de 1862, pertencente ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, reproduzido em *Cadernos de Literatura Brasileira: Machado de Assis*, 2008.

- Ms1864 – Manuscrito autógrafo, da Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, RJ, datado de 1864.
- OCA1959 – *Obra completa*, 1959.
- OCA1994 – *Obra completa*, 1994.
- OCA2008 – *Obra completa em quatro volumes*, 2008.
- OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
- OP – *O Paiz*.
- OR1910 – *Outras relíquias*, 1910.
- PA1882 – *Papéis avulsos*, 1882.
- PA1937 – *Papéis avulsos*, 1937.
- PAGK1989 – *Papéis avulsos*, 1989, edição de Adriano da Gama Kury.
- PAIT2005 – *Papéis avulsos*, 2005, edição de Ivan Teixeira.
- PAN – *Panegíricos*, de João de Barros, 1791.
- PC1937 – *Poesias completas*, 1937.
- PC1953 – *Poesias completas*, 1953.
- PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.
- PCR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.
- PES – *A Província do Espírito Santo*.
- PPP – *Pão partido em pequeninos para o pequeninos da casa de Deus*, tomo II, 1737.
- PR1937 – *Páginas recolhidas*, 1937.
- RABL – *Revista da Academia Brasileira de Letras*.
- RB – *Revista Brasileira*.
- REP – *A República*.
- RSAMA – *Revista da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis*.
- SAUD – *A Saudade*, Rio de Janeiro.
- SL1941 – *Seleção literária*, 1941.
- SP – *Sermões e práticas*, primeira parte, 1711, e segunda parte, 1733.
- TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.
- TVC – *Tratado da virtude da castidade*, 1737.
- UF – *Os últimos fins do homem*, 1761.
- VOMA – *Vida e obra de Machado de Assis*, 1981, 4 v.

# ERRATAS

## ERRATAS

### **Errata do v. 2, n. 4.**

Nas páginas 77 e 169, onde se lê:

CCPT1964 – *Crônica, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

leia-se:

CCPT1964 – *Crônicas, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

### **Errata do v. 3, n. 5.**

Nas páginas 303 a 315, onde se lê

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 3, n. 5, p. 303-315, jan.-jun. 2015.

leia-se:

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 3, n. 5, p. 303-315, jan.-jun. 2020.

Na página 317, onde se lê:

CCPT1964 – *Crônica, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

leia-se:

CCPT1964 – *Crônicas, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.